



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Mestrado em Linguística

O ROMANI DOS CALON DA REGIÃO DE MAMBAÍ:
UMA LÍNGUA OBSOLESCENTE

Fábio José Dantas de Melo Prof.

Orientador: Hildo Honório do Couto, Ph.D.

Brasília

2005

FÁBIO JOSÉ DANTAS DE MELO

**O ROMANI DOS CALON DA REGIÃO DE MAMBAI:
UMA LÍNGUA OBSOLESCENTE**

Dissertação apresentada ao Instituto de Letras,
Universidade de Brasília, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Mestre em
Linguística.

Orientador: Hildo Honório do Couto, Ph.D

Brasília

2005

TERMO DE APROVAÇÃO

FÁBIO JOSÉ DANTAS DE MELO

O ROMANI DOS CALON DA REGIÃO DE MAMBAI: UMA LÍNGUA
OBSOLESCENTE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Linguística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto Presidente
da banca - Universidade de Brasília

Prof. Dr. Marcos Araújo Bagno
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Ático Vilas-Boas da Mota
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a Josênia Antunes Vieira
Universidade de Brasília

Brasília, 24 de março de 2005

"When a language disappears, the most intimate aspects of culture can disappear as well: fundamental ways of organizing experience into concepts, of relating ideas to each other, of interacting with other people. The more conscious genres of verbal art are also usually lost: traditional ritual, oratory, myth, legends, and even humor. Speakers commonly remark that when they speak a different language, they say different things and even think different thoughts. The loss of a language represents a definitive separation of a people from its heritage. It also represents an irreparable loss for us all, the loss of opportunities to glimpse alternative ways of making sense of the human experience."

The Languages of Native North America.

Marianne Mithun. p.2

Ao Mestre dos mestres, Senhor Jesus Cristo, a quem tudo, neste Universo, revelado ou oculto, deve a sua existência; aos meus guias e protetores espirituais, abnegados trabalhadores da sagrada Aumbandhan; àqueles a quem o Pai Eterno me confiou desde o instante da concepção e que ainda nos dias de hoje velam por mim: o senhor Agamenon Alves de Melo e a senhora Maria do Socorro Dantas Alves de Melo.

Não poderia deixar de externar minha gratidão ao meu orientador, Hildo Honório do Couto, mestre, companheiro de carreira, amigo, por quem tenho sincera admiração; aos meus amigos ciganos, em especial Dona Tereza e o *barondesqui* Dálcio, pelos braços estendidos e o sorriso estampado no rosto para mim. Enfim, a todos meus amigos e amigas que, em algum momento de meu mestrado, serviram-me desinteressadamente, demonstrando assim o quanto é verdadeira a nossa relação.

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi proceder à análise do estado de obsolescência do dialeto *calon* falado pela comunidade cigana do município de Mambaí, nordeste de Goiás, e, subsidiariamente, ao exame dos resquícios de Romani no dialeto dos Calon desta região, que, embora sejam considerados um subgrupo dos *gitanos* da Espanha, apresentam em seu repertório lingüístico um parentesco mais remoto e inequívoco com o Romani-Vlax: sendo este, historicamente, mais próximo, no tempo e no espaço, do proto-Romani. Tive a preocupação de ir além do estudo descritivo do *calon* deteriorado, buscando inferir algumas peculiaridades do contato entre línguas que provocaram mudanças no dialeto deste grupo cigano, como, por exemplo, o acréscimo da vogai [i] no fim de palavras terminadas em consoantes, ilustrando assim uma tendência comum nas línguas mistas de produzir sílabas CV a fim de desfazer encontros consonantais e/ou evitar consoantes na fronteira final de palavras. Em meu *corpus* de palavras, tenho exemplos desta modificação: *bal*, que significa 'cabelo' em hindi, evoluiu para *bali* em *calon*, *plal*, 'irmão' em calo, converteu-se, no *calon*, em *prali*. Encontrar-se-á ainda, neste estudo, uma inquirição sobre os fatores sócio-históricos (a rejeição do modo de vida cigano por outros povos; as diásporas, os códigos tradicionais, dentre outros), psicológicos (o bilingüismo; a atitude de manter viva a língua, ou o que resta dela, etc.) e ecológicos (a situação de enclave; o tamanho da população de falantes; as alterações genéticas no sistema lingüístico *calon* quando de sua transmissão; a vitalidade da língua...) que foram determinantes na reestruturação deste dialeto.

Palavras-chave: 1. Lingüística Romani. 2. Deterioração de língua. 3. Ecolingüística.

ABSTRACT

The main purpose of this paper is to analyse the obsolescence of calon dialect spoken by the gypsy community located in Mambaí district, Northeast of Goiás. In addition, to examine Romani remains in Calon's dialect of that region which, although considered as a Spain *guanós*' subgroup, present in their linguistic repertoire a more remote and non-mistaken relationship with Romani-Vlax: being this one, historically speaking, closer in time and space, to proto-Romani. It was my deep concern to go beyond the descriptive study of deteriorated *calon*, attempting to infer some peculiarities of the languages contact which caused changes in the dialect of the gypsy group, as for example, the vowel [i] addition at the end of words finished by consonants. This aspect illustrates a common tendency in mixed languages of producing CV syllables in order to undo consonantal cluster and/or to avoid consonants in the final frontier of words. In the word *corpus* there are examples of that change: *bal*, which means 'hair' in hindi, evolved into *bali* in calon; *plal*, 'brother' in caló, was converted, in *calon*, into *prali*. It will still be found in this study an inquiry about the social and historical factors (the gypsy way of life rejection by other people; the diasporas, the traditional codes, among others), psychological (bilingualism; the attempts to keep a language alive or what is rest of it, etc.) and ecological (the enclave situation; the speaking population size; the genetic changes in *calon* linguistic system in its transmission, the language vitality...) which were determinant in that dialect restructure.

Key-words: 1. Romani linguistics. 2. Language decay. 3. Ecolinguistics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	22
2.1. Notas sobre a origem, as diásporas e a situação atual dos <i>Roma</i>	22
2.2. Os ciganos no Brasil	31
2.3. Os Calon do município de Mambaí-GO	38
2.4. Panorama dos estudos de Ciganologia no Brasil	45
3. TEORIA E METODOLOGIA	51
3.1. A coleta de dados	51
3.2. Os informantes	54
3.3. Referencial teórico	55
3.3.1. Contato de línguas	56
3.3.2. Ecolingüística	64
3.3.3. Morte de língua	77
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	84
4.1. O estado atual do dialeto <i>calon</i> e sua relação com o Romani padrão	84
4.2. Deterioração do componente fonológico	87
4.3. Deterioração do léxico	93
4.4. Deterioração na componente morfológica	97
4.5. Deterioração da componente sintática	105
5. CONCLUSÃO	107
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
APÊNDICES	114
APÊNDICE 1 - Entrevista com o chefe dos ciganos do norte-nordeste de Goiás, Sr. Dálcio	115
APÊNDICE 2 - Descrição dos costumes ciganos por Jean Baptiste-Debret	121
APÊNDICE 3 - Padrões silábicos do <i>Calon</i>	123
APÊNDICE 4 - Lista de Palavras	125
APÊNDICE 5 - Lista de Frases	136
APÊNDICE 6 - Espectograma do som [j], original do Romani	138
APÊNDICE 7 - Espectograma do som [ts], original do Romani	139

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Diagrama dialetal da família indo-européia, segundo A Meillet (acima) e as línguas pertencentes ao sub-ramo Índico (abaixo) p. 14
- Figura 2 - Modelo de Comunidade p. 18
- Figura 3 - O Turquestão, a Mongólia e a Sibéria ocuparam a área correspondente à região da Tartária. (Mapa da Ásia de 1826 - University of Texas). p. 22
- Figura 4 - Província de Sangi (nordeste africano) p. 24
- Figura 5 - Cidade de Módhion, Grécia p. 25
- Figura 6 - Rota das migrações da Índia ao Egito e à Valáquia p. 26
- Figura 7 - Lugares visitados pelo povo cigano na Europa p. 28
- Figura 8 - Localização da "Rua dos Siganos", Rio de Janeiro, 1817 p. 33
- Figura 9 - Interior de uma residência de Ciganos p. 34
- Figura 10 - O quarto de cinco lençóis em que se dava a cerimônia do *gade* p. 36
- Figura 11 - Árvore de Mangabeira p. 39
- Figura 12 - Cidades de Correntina(BA) e Montalvânia (MG) p. 40
- Figura 13 - Cidades de Goiás em que há famílias ciganas da *vitcha* do Sr. Dálcio p. 40
- Figura 14 - Dona Teresa, mãe do Sr. Dálcio, chefe da comunidade Calon pesquisada p. 43
- Figura 15 - Sr. Dálcio, chefe da comunidade Calon pesquisada p. 43
- Figura 16 - Uma das famílias que compõem o bando cigano de Mambaí p. 44
- Figura 17 - Localização da cidade de Mambaí-GO p. 52
- Figura 18- Vista lateral do hemisfério cerebral esquerdo e; As três áreas de linguagem do hemisfério cerebral dominante p. 58
- Figura 19 - A representação esquemática dos três tipos de bilingüismo propostos por Uriel Weinreich: (a) Bilingüismo coordenado; (b) Bilingüismo composto, e (c) Bilingüismo subordinado p. 60
- Figura 20 - Cidades em que se encontram famílias ciganas do bando de Sr. Dálcio p. 68
- Figura 21 - A ramificação européia do Romani p. 70
- Figura 22 - Espécies de 'pegador-de-mel' (*honeycreeper*, família *Drepanidae*) descendentes do tentilhão da América do Norte p. 71
- Figura 23 - *Continuum* de competência no contexto da comunidade cigana de Mambaí p. 78

Figura 24 - Processo de <i>degenerescência</i> de uma	p. 80 p.
língua	
Figura 25 - Estruturas arbóreas das sílabas do	90
<i>calon</i>	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Dados que demonstram o parentesco entre o caló, calão e <i>calon</i>	p. 73
Tabela 2 -	Dados que demonstram o parentesco entre o caló, calão e <i>calon</i>	p. 85
Tabela 3 -	Tabela fonética do ROMANI - Fones consonantais do Romani, segundo Hancock (1995)	p. 88
Tabela 4 -	Tabela fonética do CALON	p. 88
Tabela 5 -	Pronomes pessoais	p. 99
Tabela 6 -	Pronomes possessivos	p. 99
Tabela 7-	Expressões possessivas	p. 100
Tabela 8 -	Alguns pronomes indefinidos	p. 100
Tabela 9-	Artigos definidos	p. 101

1. INTRODUÇÃO

Hoje, transcorridos mais de mil anos de evolução, sem registros escritos que favoreçam a uniformidade, não há um padrão único de fala romani. Em vez disso, temos uma multiplicidade de dialectos (só na Europa algo como uns 60 ou mais), obviamente relacionados entre si em grande medida, mas muitas vezes ininteligíveis uns para os outros.

Sir Angus Fraser

Minha pesquisa assenta-se no estudo e registro de aspectos peculiares ao dialeto de uma comunidade de ciganos Calon¹, em sua maioria concentrada no Estado de Goiás (cidades de São Domingos, Campos Belos, Posse, Mambaí, Buritinópolis, Brasília e outras), uma vez que esforços já têm sido envidados com outro grupo cigano expressivo no Brasil - os *Kalderash* - cuja procedência (Europa do Leste) não coincide com a daqueles (Portugal). Assim, meu trabalho foi descrever em que grau o dialeto dos Calon do norte-nordeste de Goiás se deteriorou, investigando, no plano teórico, o seu caráter de língua obsolescente, e, em virtude disto, o processo de morte em que se encontra.

O povo cigano, ou em termos mais adequados, a nação cigana, é de descendência indiana conforme tem sido demonstrado pelos estudos de lingüística comparativa e por um árduo processo de reconstrução histórica a partir de dados esparsos. As fontes que vão reconstituindo o progressivo andejar dos ciganos estão nos relatos de guerras, nas notas fortuitas de viajantes e mesmo nascidas do registro artístico de pintores/ilustradores, nas notícias de autoridades coloniais e nos éditos dos monarcas. Mas não faltam lacunas que

¹ Como manda a Norma gramatical brasileira, os etnônimos (nomes de tribos e castas) devem ser grafados com inicial maiúscula. Como, em nosso caso, o termo para designar a minoria étnica é o mesmo para a sua língua, adotei a forma Calon ao me referir ao povo e a forma *colon*, à língua.

(1892), conclui que os *tsiganos* (nome pelo qual designa os ciganos portugueses e os grupos aparentados de outros países) devem ser considerados um subgrupo dos *gitanos* da Espanha -o que se enquadra perfeitamente no fato histórico de a entrada em terras lusitanas ter se dado pela saída da Espanha.

Mas essa separação dos ciganos em subramos, e quais sejam eles (denominação, espaço geográfico etc), não é uma questão consensual. Em sua *História do Povo Cigano* (1998), Sir Angus Fraser considera três principais tipos de falantes de Romani: (1) os Caldeireiros (ou *Kalderash*), colonos de primeira geração que se encontravam na Suécia e que tinham viajado pela Noruega, Finlândia, Rússia, Balcãs e Polônia; (2) os Ciganos nômades dos arredores de Constantinopla e da parte europeia do Império Otomano (os *Tchinguianes*) que podem ser considerados os primeiros falantes de Romani da Europa; (3) a população cigana do País de Gales, que falava "um dialeto de bela construção que tinha sido preservado num estado muito mais puro do que qualquer outro Romani audível na Inglaterra desse tempo" (FRASER, 1992:18-20).

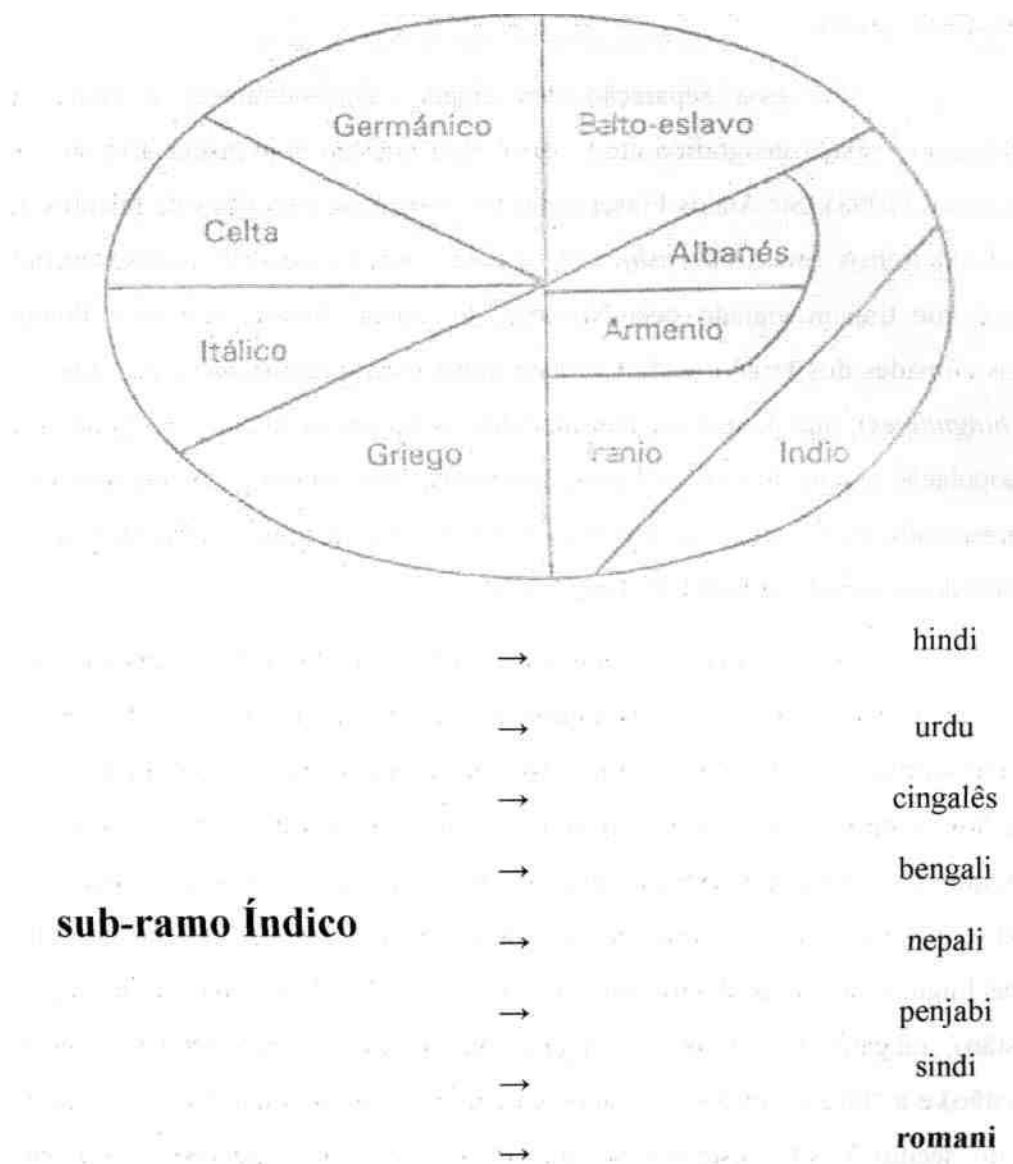
Outro ponto fundamental é em qual família lingüística encaixa-se o Romani? Dentro da classificação das línguas indo-europeias (Figura 1), o Romani inclui-se no grupo Indo-irânico (ou ariano) e, dentro desse, no subgrupo Índico, falado antes de 1.000 a.C, onde é hoje o norte da Índia e o Paquistão. O indico tem como fonte originária o sânscrito védico, que daria origem ao sânscrito clássico, língua culta, e ao prácrito, língua vulgar falada, da qual se originaram um conjunto de dialetos locais que, por sua vez, constituiriam a base de algumas línguas modernas, dentre elas o hindi (língua oficial da Índia), urdu (língua oficial do Paquistão), cingalês (Sri Lanka), bengali (Bangladesh), nepali (Nepal), penjabi e sindi (Paquistão) e a "língua cigana", considerada como um antigo dialeto do norte da Índia que, a partir do século V a.C, estendeu-se pela Pérsia (atual Irã) até chegar à Europa e daí à América. O resultado deste estudo da lingüística comparativa indo-europeia de situar a origem do romani e sua classificação dentro de uma (o indo-ariano) das 4 (quatro) grandes famílias lingüísticas da Índia (as outras famílias são: o dravídico, o sino-tibetano e o austro-asiático) bem como sua posterior dispersão para o oeste, vem corroborar os fatos históricos que, de acordo com H. G. Grellmann, remetem ao período das invasões de Tamerlão (ou Timur Lang), o herdeiro e continuador de Gengis Khan que derrubou na Índia o sultanato muçulmano de Deli (1389-1399) e teria sido o responsável pela expulsão dos ciganos do nordeste deste país.

(1892), conclui que os *ísiganos* (nome pelo qual designa os ciganos portugueses e os grupos aparentados de outros países) devem ser considerados um subgrupo dos *gitanos* da Espanha -o que se enquadra perfeitamente no fato histórico de a entrada em terras lusitanas ter se dado pela saída da Espanha.

Mas essa separação dos ciganos em subramos, e quais sejam eles (denominação, espaço geográfico etc), não é uma questão consensual. Em sua *História do Povo Cigano* (1998), Sir Angus Fraser considera três principais tipos de falantes de Romani: (1) os Caldeireiros (ou *Kalderash*), colonos de primeira geração que se encontravam na Suécia e que tinham viajado pela Noruega, Finlândia, Rússia, Balcãs e Polônia; (2) os Ciganos nômades dos arredores de Constantinopla e da parte européia do Império Otomano (os *Tchinguianes*), que podem ser considerados os primeiros falantes de Romani da Europa; (3) a população cigana do País de Gales, que falava "um dialeto de bela construção que tinha sido preservado num estado muito mais puro do que qualquer outro Romani audível na Inglaterra desse tempo" (FRASER, 1992:18-20).

Outro ponto fundamental é em qual família lingüística encaixa-se o Romani? Dentro da classificação das línguas indo-européias (Figura 1), o Romani inclui-se no grupo Indo-irânico (ou ariano) e, dentro desse, no subgrupo Índico, falado antes de 1.000 a.C, onde é hoje o norte da Índia e o Paquistão. O Índico tem como fonte originária o sânscrito védico, que daria origem ao sânscrito clássico, língua culta, e ao prácrito, língua vulgar falada, da qual se originaram um conjunto de dialetos locais que, por sua vez, constituiriam a base de algumas línguas modernas, dentre elas o hindi (língua oficial da Índia), urdu (língua oficial do Paquistão), cingalês (Sri Lanka), bengali (Bangladesh), nepali (Nepal), penjabi e sindi (Paquistão) e a "língua cigana", considerada como um antigo dialeto do norte da Índia que, a partir do século V a.C, estendeu-se pela Pérsia (atual Irã) até chegar à Europa e daí à América. O resultado deste estudo da lingüística comparativa indo-européia de situar a origem do romani e sua classificação dentro de uma (o indo-ariano) das 4 (quatro) grandes famílias lingüísticas da Índia (as outras famílias são: o dravídico, o sino-tibetano e o austro-asiático) bem como sua posterior dispersão para o oeste, vem corroborar os fatos históricos que, de acordo com H. G. Grellmann, remetem ao período das invasões de Tamerlão (ou Timur Lang), o herdeiro e continuador de Gengis Khan que derrubou na Índia o sultanato muçulmano de Deli (1389-1399) e teria sido o responsável pela expulsão dos ciganos do nordeste deste país.

Figura 1 - Diagrama dialetal da família indo-européia, segundo A. Meillet (*apud* VILLAR, 1991, p.476) (acima) e as línguas pertencentes ao sub-ramo indico (abaixo).



O conhecimento da origem do Romani talvez seja mais importante para a identificação da raça cigana do que para a elucidação dos fenômenos lingüísticos que vêm ocorrendo com a língua desta nação, entendido o termo "nação" como o definiu o sociólogo e jurisfilósofo brasileiro Paulo Dourado Gusmão: "Coletividade que tem uma *origem étnica comum*, bem como uma *língua, religião e cultura comuns*" (grifos meus). Quero dizer com isso que, ao longo da jornada empreendida pelos ciganos, instalando-se aqui e acolá, atravessando fronteiras continentais e nacionais, as línguas nacionais - com as quais os dialetos do Romani conviveram - de certa forma influenciaram-nos fosse pelo aumento do vocabulário, em virtude das palavras de empréstimo, fosse por alterações fonológicas e

gramaticais, ou mesmo contribuindo para sua *obsolescência*. Williams (*apud* COHEN, 2003:88) considera as línguas dos diferentes grupos ciganos como resultantes do encontro de uma língua indiana com uma infinidade de línguas européias. No que se refere à riqueza etimológica do léxico dos dialetos do Romani, uma boa explicação para o fato poderia ser buscada numa famosa escola dialetológica, fundada em 1909 por Rudolf Meringer e Schuchardt, conhecida por *Wörter und Sachen* (Palavras e coisas), também o nome da revista *utilizada como* seu veículo de divulgação, que encarava a pesquisa de campo como prioritária em oposição ao estudo de documentos escritos. Um dos princípios orientadores do seu método era a certeza de que a "a palavra acompanha sempre o objeto que ela exprime", sendo este princípio reaproveitado nos estudos de arqueologia comparada. Para exemplificarmos os casos com que tal escola se deparou em suas análises, recorro a explanação do lingüista Rodolfo Ilari, extraída de sua obra *Lingüística Românica*, sobre a história da palavra "fígado" e de seus cognatos românicos. Ainda que as palavras nas várias línguas neolatinas sejam a tradução exata do latim *iecur*, não é possível traçar entre esta e aquelas (*e.g.*, "ficát" (romeno), "fegato" (italiano)) uma derivação fonética regular. Isto porque as palavras nas línguas românicas prendem-se ao nome da fruta "figo", devido a uma antiga técnica de alimentar as aves, sobretudo os gansos, com grandes quantidades de figos a fim de que o fígado delas ficasse macio e saboroso. "Da expressão *iecur ficatu*, que indica o fígado engordado com figos, sobrevive *ficatu*, que tem inicialmente o mesmo sentido, e que se substitui depois a *iecur* com o significado genérico de 'fígado'" (ILARI, 1997:31).

O professor e pesquisador Ático Vilas-Boas (1982) sugere que se pode aplicar o princípio da referida Escola aos "empréstimos" que foram registrados nos dialetos ciganos: eles só podiam ter absorvido um número expressivo de palavras estranhas ao Romani em terras por onde andaram. Esta consideração é tão relevante no caso dos ciganos que, já na segunda metade do século XIX, Franz Miklosich reconstrói a rota de migração dos *Roma* à Europa pela análise do léxico Romani, que contém, à parte os elementos indianos, um certo número de palavras emprestadas do persa, armênio, grego e de outras línguas européias. Sobre esta apropriação de termos de outras línguas, a pesquisadora Maria Antonietta Cohen ressalta que sendo a língua cigana uma língua falada, transmitida de geração a geração, que não tem realização escrita, o seu "Vocabulário é pleno de elementos das línguas dominantes dependendo da região por onde estiveram os antepassados do grupo em questão" (COHEN, 2003:82).

É possível entender essa apropriação de vocábulos de variadas línguas como resultante de uma típica situação de *contato de línguas*, em que há uma "coexistência de duas ou mais línguas na mesma comunidade lingüística que conduz a fenômenos de interferência lingüística mútua" (XAVIER & MATEUS, 2000). Se hoje podemos estudar o Romani e seus dialetos, isto é prova de que, ao contrário do ocorrido com outras culturas, alguns aspectos da organização social própria dos grupos ciganos impediram que eles fossem submetidos ao processo de modificação do seu sistema lingüístico em face da interação com a sociedade hospedeira, processo comumente conhecido por *aculturação lingüística*. Como bem esboçou Couto (2002), o que temos, sob a designação primeira e geral de "romani", é a existência de "variedades plenas" do Romani (ou seja, aquelas que mantêm tanto o vocabulário original como a gramática, mesmo que influenciada pela gramática da língua hospedeira envolvente, influência extensiva ao vocabulário), mas também as "variedades mistas" (anti-crioulizadas, aquelas que já tendo assimilado quase por completo a gramática da língua hospedeira, continuam preservando a morfologia original). Kenrick (1979) afirma que "em alguns casos a língua romani falada propriamente dita já se extinguiu, como entre os *boiash* da Romênia -em outros ela sobrevive apenas como lexis, usando a sintaxe, a morfologia e a fonologia da língua hospedeira".

Portanto, a relação de *contato* existe entre os dialetos do Romani e as línguas daqueles países, nos quais os ciganos hoje se encontram. Uriel Weinreich, em seu *Languages in contact*, considera que duas ou mais línguas estarão em contato se elas forem usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Desta maneira, os indivíduos - usuários das línguas - são, por conseguinte, o *locus* do contato. A comunidade que pesquisamos é um caso ilustrativo de tal situação: independente da faixa etária, todos os seus membros falam o português e o *calon*. Weinreich afirma que os bilíngües, os indivíduos que empregam alternadamente duas línguas, ficam sujeitos a se desviarem, na fala, das normas de qualquer das duas línguas com as quais possuem familiaridade, e chama este fenômeno de *interferência*:

A interferência implica em um novo arranjo dos padrões que resulta da introdução de elementos estrangeiros no interior de domínios mais altamente estruturados da língua, tal como a grande maioria do sistema fonêmico, uma ampla parte da morfologia e da sintaxe, e algumas áreas do vocabulário (parentesco, cor, tempo etc). (...) Não se deve pensar aqui em *empréstimo*, ou mero acréscimo a um inventário (WEINREICH, 1974:2-3).

Ao lidar com a realidade dos ciganos - grupo minoritário em contato com sociedades, cujas dinâmicas diferenciam-se bastante das suas - o que temos, do ponto de vista lingüístico, é uma situação de enclave², o que causa uma série de interferências tanto no sistema lingüístico quanto no cultural, pois ao ser afetada a língua de uma minoria, língua esta que é (...) parte de um senso de pertencimento a um lugar e a u\ma comunidade e de vida [nessa comunidade] com destreza e relativa tranqüilidade" (HILL, 2001:176), os indivíduos desorientam-se culturalmente. Esta foi a preocupação que motivou, a todo instante, o presente trabalho e que pode ser traduzida pelas palavras de Kenneth Hale, em seu artigo "The Human Value of Local Languages"

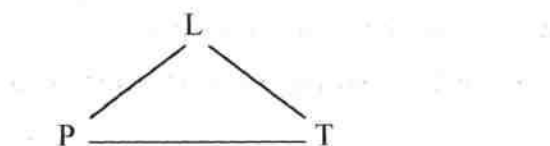
A perda de línguas locais e dos sistemas culturais que elas revelam tem significado perda irrecuperável de riqueza intelectual interessante e diversa. (...) Quando você perde uma língua, uma ampla parte da cultura desaparece, porque muito daquela cultura está codificado na língua.

Coloca-se uma indagação: sem uma vida nômade e o fato de não mais se constituírem numa sociedade fechada, em que era interdito o contato com os *gadje* (não-ciganos), exceto nos negócios, a fim de evitar a contaminação (*mahrimè*), será possível conservar a língua cigana por mais algum tempo? Como notou Fraser, especialista inglês em ciganos,

a vantagem de preservar o Romani como *falar privativo* teria actuado no sentido contrário [ao de sua deterioração]; o mesmo poderia ter sucedido com a *frequente movimentação*, que poderia tornar os ciganos menos sujeitos a aculturação por outras sociedades.(FRASER, 1992:34).

Ora, falar-se em nomadismo não é esvaziar de significado o conceito de território para um povo, conceito este que é uma das pernas do tripé da Ecologia Fundamental da Língua (EFL). Hildo do Couto (2002) apresenta-nos o modelo de comunidade, também chamado ecologia fundamental da língua, no qual a língua (L) faz parte de um todo chamado Comunidade (C) que consta necessariamente de um grupo de pessoas (P) que convivem em um mesmo espaço (T) e que têm toda uma gama de interesses comuns. (Cf. Figura 2).

Figura 2 - Modelo de Comunidade.



² Ou seja, a penetração de uma língua noutra; no caso em estudo, da língua portuguesa no dialeto cigano.

O território (T) pode - no caso dos ciganos - ser repensado como a "longa estrada" (o *lungo drom*) como afirma Isabel Fonseca em sua obra *Enterrem-me em pé*, e continua "os Ciganos não têm casa, e talvez únicos entre os povos, não sonham com uma terra natal". Para a pesquisadora Maria Antonieta Cohen, a língua dos ciganos seria a língua não-territorializada por excelência, uma vez que essa língua pertence a grupos não sedentários, ainda que muitos ciganos se tenham sedentarizado. Logo, o grau de sedentarização atingido pela maioria das comunidades ciganas e a quebra de preceitos tradicionais como a proibição de convívio com os *gadje* e o casamento, que em tempos antigos era arranjado pelos anciãos entre os membros de famílias ou bandos (*vitsa*), com o intuito de fortalecer os laços políticos e de parentesco entre elas, têm levado a uma gradativa degenerescência do dialeto destes ciganos.

A pesquisa tem por objeto a língua dos Calon do Município de Mambai-GO, que apresenta níveis de desgaste (que serão oportunamente tratados) nos vários componentes gramaticais, em virtude, principalmente, da frequência e da intensidade da interação dos ciganos com o mundo dos *gadje*, ao qual são forçados a se inserirem em nome da sobrevivência. Essa inserção começa pelo aprendizado da língua da região. Com isso, comprova-se claramente o que a professora Maria Antonieta Cohen havia previsto: "os vestígios da língua que se extingue estão presentes em *contextos sociais específicos*, o que denominamos *verticalização*" (COHEN, 2003:84). Este aspecto pude constatar quando, em entrevista com o chefe do bando cigano, o Sr. Dalcio, ele elencou-me as circunstâncias em que se empregavam o *chibe de calon*: em ocasiões de negócio, para mandar recados, conversa entre velhos e alguns outros. Outro tópico destacado por Cohen, e que também se observa na comunidade pesquisada, é o predomínio da variabilidade lingüística ou a ausência de uma norma consensual entre os falantes.

Conforme Jane H. Hill (2001), em seu artigo *Dimensions of attrition in Language Death*, a morte de língua

é o fim de um processo, repentino ou gradual, que ocorre quando falantes abandonam uma língua em favor de outra (ou outras). A língua menos favorecida perde tanto *funções* - ocasiões sociais, assuntos, tipos de emoção - apropriadas para a língua, quanto *falantes* - aqueles que são competentes nela. (grifos meus) (HILL, 2001:176).

Devemos considerar o termo função, exposto na definição, na acepção de "papel da língua no contexto da sociedade e do indivíduo" (CRYSTAL, 1988:123). David Crystal, em seu *Dicionário de Lingüística e Fonética*, comenta "(...) a língua é usada para comunicar idéias, exprimir atitudes, e assim por diante. Identifica igualmente situações

sociolingüísticas específicas, como a informalidade e a intimidade (...)" (grifo meu). Assim, segundo Jane Hill, as línguas que se mantêm com poucas funções, com poucos falantes, são ditas obsoletas. E quando nenhuma criança falar mais uma dada língua, esta será considerada moribunda.

O processo de perda severa de funções e falantes importa em perda de estrutura. Portanto, é este sucessivo desgaste de estrutura que H.-J. Sasse (*apud* HILL, 2001:176) denomina degenerescência e que, no seu modo ver, resulta da interrupção da transmissão normal entre gerações, de maneira que as crianças devem aprender o que a geração anterior conhece da língua sob circunstâncias emocionais e cognitivas bastantes desfavoráveis. Tratando dos fatores que dão causa a esta degeneração, Fraser entende que "A necessidade de os Ciganos falarem a língua do país de acolhimento e a ausência de padrões escritos pode ter tornado o Romani particularmente vulnerável" (FRASER, 1992: 34).

Nancy Dorian, renomada autoridade em glototanásia, isto é, o estudo da morte de língua, julga que falantes que adquirem uma língua em vias de desaparecimento, sob circunstâncias desfavoráveis, são semi-falantes visto que apresentam repertórios estruturais "empobrecidos" em todos os níveis de organização da língua.

O presente estudo está dividido em quatro partes. A primeira parte, que se intitula "Contextualização", abrange cinco capítulos, cuja intenção é narrar a origem do povo cigano, acompanhando-o pelas rotas que o levaram do continente Asiático à Europa, África e Américas. A chegada ao Brasil, ainda no período colonial de nossa história, e a descoberta de que foram, os ciganos, elemento tão atuante quanto os bandeirantes, os tropeiros, os pastores-sentinela do Sul do país, os artífices daquele período - enfim, outras tantas figuras que os relatos históricos, por vezes, jogam para as franjas dos acontecimentos. Rematando essa parte, falaremos de como vivem os Calons do município de Mambá e aproveitaremos para fazer um apanhado dos estudos de Ciganologia brasileira, incluindo as mais recentes dissertações de natureza lingüística: a da pesquisadora Carmem Maria Olivêncica e Souza (1992) que investigou *A variedade da língua cigana falada em Goiânia* e a de Rita de Cássia de Camargos Vieira e Macedo (1999) que trabalhou com os Kalderash da região de Contagem, Minas Gerais. Na segunda parte, trataremos da "Teoria e Metodologia", apresentando os informantes e como se procedeu a coleta de dados com eles, passando a um capítulo reservado aos referenciais teóricos (Contato de línguas, Ecolingüística e Morte de língua) que nos orientaram no decurso das análises. A terceira parte, denominada "o estado atual do dialeto *colon* e sua relação com o Romani padrão" é o cerne deste trabalho em que se busca mostrar o que

permanece intacto do Romani no dialeto *calon* e, assim, legitimizar a designação de "língua obsolescente" conferida a esse dialeto. A quarta e última parte constitui a conclusão.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1. Notas sobre a origem, as diásporas e a situação atual dos Roma

Há várias teorias sobre a origem e a dispersão do povo cigano pelo mundo. Afirma-se, por um lado, que são os ciganos oriundos da Tartária (ou da Mongólia), em virtude do nome "tártaros" a eles atribuído na península escandinava e em outros lugares.

Figura 3-0 Turquestão, a Mongólia e a Sibéria ocuparam a área correspondente à região da Tartária. (Mapa da Ásia de 1826 - University of Texas).



Mello Moraes Filho narra em sua obra publicada pela primeira vez em 1886, *Os ciganos no Brasil*, o seguinte acontecimento:

Conta-nos a história dos povos bárbaros, que, depois da morte de Justiniano, ocupou o trono de Constantinopla, Leão, o Isauriano, que arregimentou as populações da Bulgária na grande guerra empreendida contra os sarracenos que invadiram seus domínios, obrigando-os a suspender o sítio no ano de 718.

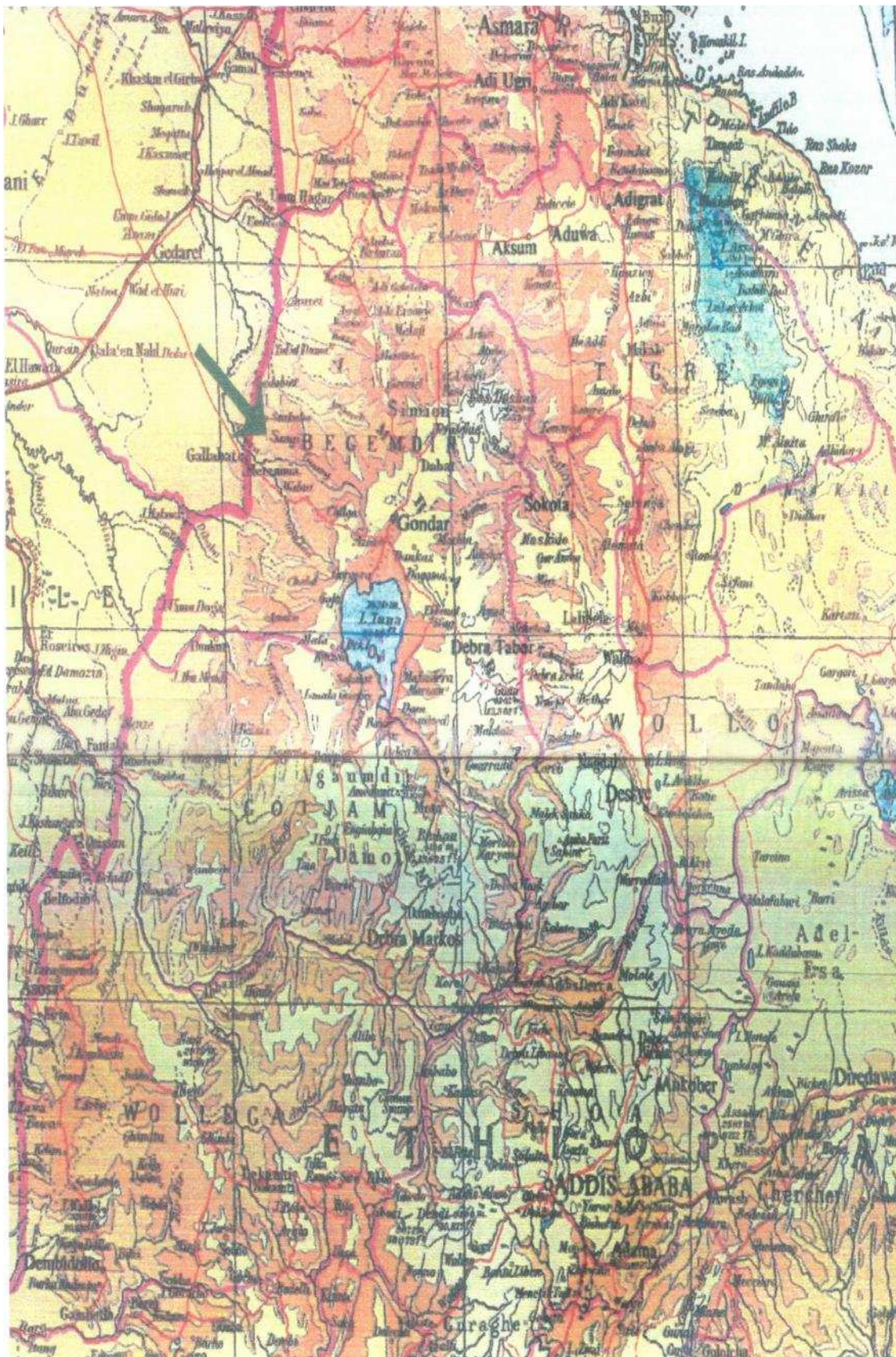
A paz assegurada pela luta prolongou-se até o reinado de Constantino Coprônimo, não se dando fato algum memorável entre os Romanos e bárbaros durante este período. Esse príncipe, porém, conquistando em 755 territórios perto do Eufrates, conduziu à Trácia os Sírios e Armênios que aprisionara, na máxima parte *Paulicianos* ou *Maniqueus*, elementos da formação dos *Anthingans* ou ciganos, raça disseminada ainda hoje pela Bulgária. [...] Aos *Anthingans*, por corrupção *Tchenghenes*, como os chamam no Oriente, e aos Judeus, o historiador Fleury prende a origem dos ciganos. (MORAES FILHO, 1981:21)

É certo que os *Anthingans* estiveram sob o jugo dos califas (soberanos mulçumanos) e se achavam distribuídos por toda a Turquia européia. Avultavam em consideráveis *partidas* (bandos) na Valáquia, Bulgária, Moldavia, Trácia, nos Estados tártaros, Bessarabia, dentre outros, procurando de preferência as regiões do Danúbio. Na Turquia, essas tribos dão a si mesmas o nome de *Romitschel*, palavra composta do copta³ que, segundo a interpretação de Constâncio⁴, decompõe-se em *romi* ou *rom*, que significa "homem", e *chal*, "Egito", formando "homem do Egito". Acrescente-se que Constâncio supõe que cigano é uma variante de "Zangui", nome de uma província entre a Etiópia e o Egito, onde vivera o povo cigano por muito tempo, depois de expulsos da Índia, sua pátria.

³ Nome dado ao egípcio antigo, língua camito-semítica escrita, do século III em diante, com caracteres gregos, e que hoje é usado apenas como língua litúrgica.

⁴ Moraes Filho não fornece em sua obra *Os Ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos* (1981), referências bibliográficas que nos permita saber quem é Constâncio. Provavelmente, trate-se de um cronista dos séculos XIV e XV.

Figura 4 - Província de Sangi (nordeste africano)



Há, inclusive, uma suposição, que se anima nas explicações de Constâncio, apontando o Egito como a provável terra de onde descendem os ciganos, tanto que o nome que eles têm em língua inglesa, *gypsy*, seria um derivado de *egyptian*. Ainda com relação à tese da origem egípcia deste povo, Couto (2002) cita, em seu estudo sobre *Anticrioulo*, comentário de Nicole Martinez que acredita que tal crença advém do fato de os primeiros *gypsies* a aparecerem na Europa afirmarem "vir do Pequeno Egito, nome dado a um bairro de Modon, na Grécia." (*apud* COUTO, 2002:95).

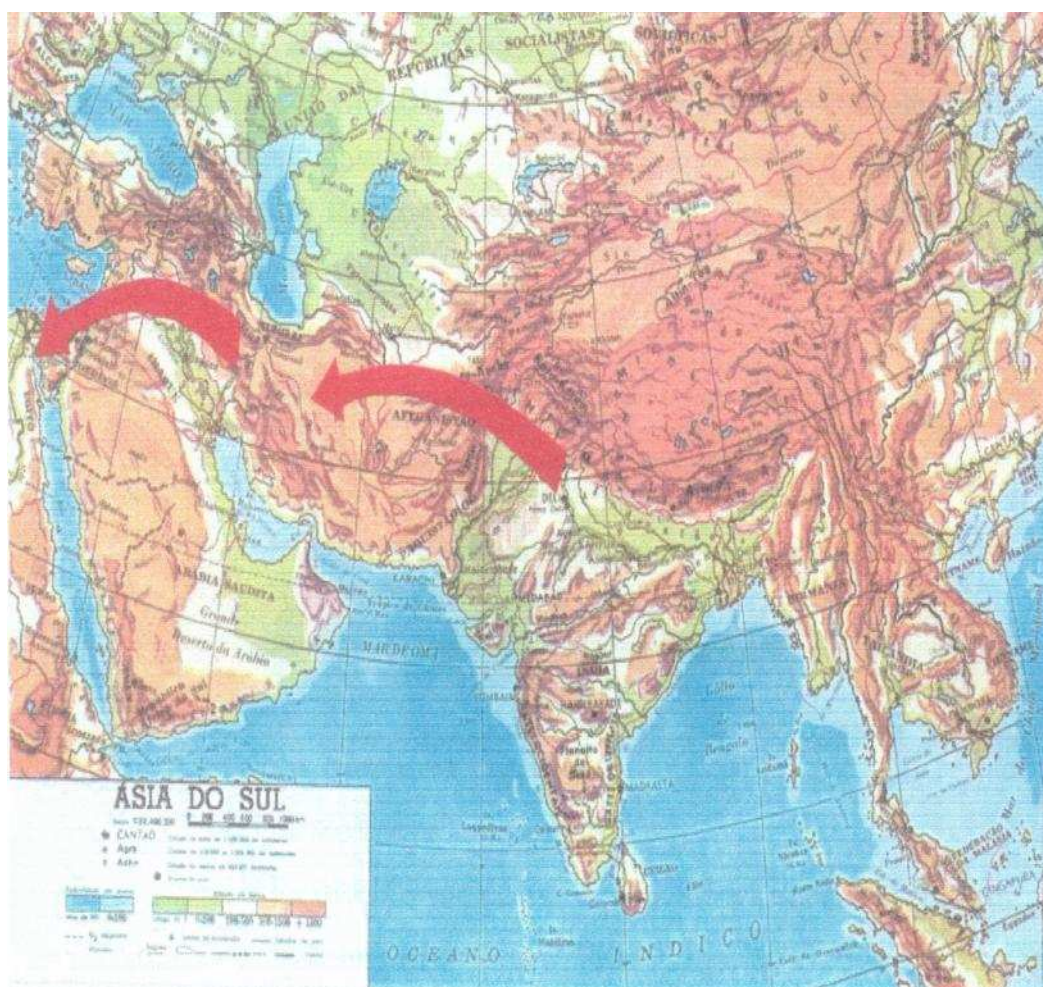
Figura 5 - Cidade de Módhion, Grécia



Fonte: Gran Atlas Aguilar, Vol. I, Bilbao: Artes Gráficas Grijelmo

Em dissertação sobre os ciganos, o moderno erudito H.M. Grellman - em consonância com outros estudiosos como Groffunder, Mareden e Hoyland - assevera que sejam *párias*, ou seja, indivíduos pertencentes à casta mais inferior dos hindus, desprezada por todas as outras na Índia e que viviam no Hindustão, região a nordeste da Índia, que forma parte da chamada planície indo-gangética que separa as bacias do Indo e do Ganges. Teriam sido expulsos por Tamerlão em 1398 das margens do Ganges. No entanto, para John Geipel "pareceria ser muito tarde, pois os primeiros sinais positivos de ciganos na Europa (no sudeste dos Balcãs) datam de meados do século XIV (1348), meio século antes da invasão de Tamerlão na Índia" (GEIPEL, 1997:137). A hipótese favoravelmente aceita pela ciência hodierna, contudo, sustenta que só em 1417 os ciganos apareceram na Europa e supõe que as primitivas migrações fossem da Pérsia para o Egito e para a Valáquia (atual Romênia).

Figura 6 - Rota das migrações da Índia ao Egito e à Valáquia



Neste mesmo sentido, encontra-se uma comprovação sobre a proveniência dos *Roma* (etnônimo), que se alinha com o pensamento do crioulista contemporâneo Ian F. Hancock, ele próprio um cigano, de que "desde a revelação a Valyi István, em 1760 (...) o *romani* falado no coração da Europa era na verdade de origem *indiana*" (grifos meus). Valyi chegara a tal tese por intermédio do método histórico-comparativo. Una-se a isto um forte argumento: o de Alexandre G. Paspatis, autor de *Études sur les Tchinghianés* (publicado em Constantinopla em 1879), que "afirmou que a chave para a história dos ciganos deve ser procurada em sua língua" (COUTO, 2002:96). "Indubitavelmente, o estudo do *romani* tem muito a revelar sobre as origens e evolução da própria língua", assegura-nos Angus Fraser.

Em 1872, Franz von Miklosich reconstrói o percurso dos ciganos da Índia à Europa, fundamentando sua análise no léxico *Romani*. Indica-se como período aproximado da partida da Índia o século V de nossa era e a chegada deste povo itinerante aos Bálcãs nos tempos medievais. Esmiuçando em datas a trajetória do povo cigano desde a saída de sua terra natal até a sua entrada no continente europeu, temos que "por volta de 1322 o viajante

Symeón Simeonis fala de gente semelhante aos ciganos vistos na ilha de Creta. Entre 1280 e 1403 tem-se notícia deles nos principados fenícios e francos, e a partir do século XIV há menção de *cingarije* na Sérvia e de *atsingani* na Valáquia, sendo que em 1427 eles entram em Paris" (MARTINEZ, 1989, *apud* COUTO 2002). Há um outro entendimento de que, em conformidade com os eventos históricos registrados, a aparição dos primeiros bandos no continente europeu ocorreu na Hungria no século XIV. Daí partiram nas direções de leste e oeste.

Partida do Indústão em direção à Pérsia;

Hanza d'Isphan relata, no século X, a chegada de 12.000 Zott⁵, excelentes músicos, na Pérsia. John Sampson, lingüista inglês, sustenta (com base em estudos comparativos dos dialetos) que da Pérsia houve uma cisão em 2 grupos: um seguiu em direção ao Egito, e outro rumou para a Valáquia.

No século XIV, há descrições, feitas por viajantes ocidentais, de ciganos dirigindo-se à Terra Santa.

Passagem da Armênia para as terras à margem do rio Danúbio (fronteira da Romênia com a Bulgária).

Os ciganos são vistos em Creta pelo ano de 1322, onde se faziam passar por descendentes da raça de Cam.

Na Sérvia, foram vistos em 1348.

Na Valáquia e em Zagreb, a presença cigana é registrada em 1370.

Na Boêmia, região da atual Europa Central, os ciganos chegaram por volta de 1399.

Em território italiano, surgem logo no início do século XV.

Na Espanha, os ciganos adentraram no ano de 1449 e dali espalharam-se pelo reino vizinho.

⁵ Zott: designação de uma das castas indianas.

Figura 7 - Lugares visitados pelo povo cigano na Europa



Fonte: FRASER, Angus. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

Ian Hancock é da opinião de que a dispersão do povo cigano dentro da Europa se deu em duas ondas ou diásporas: "A primeira dataria da entrada deles no continente; a segunda a partir do término da escravidão nos Bálcãs em 1864, que durara mais de 500 anos". Com referência às ilhas britânicas, as primeiras menções aos ciganos se deram por volta de 1452 a 1512. É até digno de nota que, na evolução do direito britânico, a lei definira que "uma pessoa ser ou não considerada *cigano* dependia expressamente do seu estilo de vida (*e.g.*, vida nômade, sem emprego fixo e sem domicílio fixo) e não das suas origens étnicas ou culturais" (FRASER, 1998:9).

No entanto, parece-me critério bastante confiável perscrutar-lhes a origem com base não só em seus traços lingüísticos, mas também em seus traços etnográficos. E tanto é razoável esta abordagem que nas últimas décadas, tem-se recorrido à lingüística conjugada à antropologia física, visando ao esboço de diretrizes mais próximas da realidade científica. Assim, conforme aceção dada no *Oxford English Dictionary* (2 ed., 1989), os

ciganos "têm a pele muito morena e o cabelo preto. (...) A sua língua (que se chama Romany) sofre de muitas corruptelas do dialeto hindi, com ampla adição de palavras de várias línguas européias". Ressalte-se, desta definição, a referência ao hindi, o qual constitui um dos principais idiomas da Índia, falado por habitantes do Norte da península, e que se constitui no estrato primevo do Romani.

Angus Fraser, uma autoridade em cultura cigana, na introdução de sua magistral obra, que compõe uma coleção portuguesa destinada a tratar dos diversos povos da Europa, afirma que "Aos olhos dos [ciganos], a divisão fundamental é entre eles e os *gadjé*, que é o nome mais difundido para designar os não-ciganos nos dialetos da língua Romani" (FRASER, 1998:13). Entretanto, "não há nenhuma palavra romani que queira dizer *cigano*" (*Ibidem*). O professor Ático Vilas Boas da Mota (1986) expõe, em sua resenha intitulada "Os ciganos: uma minoria discriminada", que os ciganos denominam-se de acordo com o grupo ou subgrupo étnico ao qual pertencem e, algumas vezes, segundo a própria designação onomástica do clã. Contudo, a denominação genérica é *rom*, que significa "homem".

Em muitos países são numerosos os representantes de uma vaga mais recente de migração cigana, com origem há uns cem anos ou mais na Europa do Leste, que se autodenominam *Rom* ou *Roma* e cuja fala é muito influenciada pelo impacto da prolongada presença dos seus antepassados em territórios de língua romena - donde a designação de *Vlach* (= Valáquio) *Rom*. A palavra *Rom* nada tem a ver com a Romênia, uma vez que já vimos que tal vocábulo significa, literalmente, "homem" ou "marido". Estes *Rom valacos* subdividem-se em diferentes tribos: Kalderash, Lovara, Tchurara etc. Acredita-se que os ciganos ibéricos são descendentes de bandos que atravessaram a Europa e, após conturbado período em terra espanhola, transpuseram as fronteiras lusitanas.

No Brasil, este grupo de ciganos que não é oriundo da Romênia é denominado "Calon", ciganos procedentes da Península Ibérica, donos de um dialeto próprio, nem sempre compreensível aos demais grupos. Eram antigos traficantes de cavalos e, atualmente, negociam com carros, sendo também exímios comerciantes, mecânicos e lanterneiros. Crê-se que hordas de ciganos adentraram a Espanha no período de 11 de junho de 1449. Tiveram, neste país, uma existência laboriosa, sendo empregados, no reinado de Carlos III, em proveito das artes. Mas fora passageira esta situação de vida, dado que novos governos desencadearam perseguições desumanas contra os *gitanos*. Conta-nos o barão Charles Duvilier, reportando-se ao "Discurso contra los gitanos" de Don Juan de Quinones, que foram os ciganos submetidos à tortura tão violenta a ponto de confessarem

"sucessivamente ter matado, para comê-los, uma mulher, umromeiro e até mesmo um frade franciscano" (MOTA, 1986:26). As ordens expedidas por Felipe II, em 1619, reeditadas por Felipe IV (1633), sustentavam serem todas as medidas contra eles, os ciganos, ineficientes para reprimir-lhes os excessos. Estas demonstrações culminaram numa resolução dos monarcas espanhóis de "proibir-lhes o uso de seus trajes típicos, a própria auto-denominação de *egipcíacos* [o grifo é meu] e o uso do idioma *caló* [o grifo é meu]. Proibiu-lhes ainda a prática de qualquer tipo de comércio, além de obrigá-los a viver, sedentariamente, num bairro isolado" (MOTA, 1986:26). Em 1692, Carlos II lança proibição aos ciganos de portarem armas de fogo, permitindo-lhes exercerem somente o ofício de agricultores. E num gesto nada condizente com sua doutrina, as igrejas, consideradas asilos invioláveis para todos os criminosos, assumem para com os ciganos atitude de desdém.

Conformando-se aos ardis da sina, emigraram para Portugal, indo - nas palavras de Mello Moraes Filho - "mais tarde alimentar as chamas das fogueiras inquisitoriais de D. João II" (1981). As velhas crônicas portuguesas dão testemunho da passagem deles "nos tribunais do crime e de seus lamentos, ao tom das vagas, nas amuradas dos navios que os conduziam aos degredos do Brasil e Angola" (MORAES FILHO, 1981:26).

Sofreram incompreensões na Itália por parte de alguns indivíduos que consideravam o povo cigano "anormal, por viver o dia-a-dia, por meio de expedientes mais ou menos lícitos, indiferentes a qualquer norma social, destituído de escrúpulo e do sentido do dever" (MOTA, 1986:27). Em contrapartida, houve quem se opusesse à visão pouco civilizada daqueles detratores dos ciganos e se tenha manifestado à favor dos *zínaros* a fim de deixá-los viver como bem entendem. Na Holanda, nos dias atuais, tem havido um esforço no sentido de melhorar as condições de vida dos ciganos como, por exemplo, a iniciativa na província de Brabant de "(...) implantar campos adequados com eletricidade, água etc." (Cf. HOFWEGEN, *apud* MOTA, 1986). Na Escandinávia, em particular na Suécia, estudos têm comprovado que os ciganos que ali vivem "pertencem, em sua maioria, ao grupo Kalderash -excelentes caldeireiros - e se consideram um dos mais fiéis aos seus costumes ancestrais" (MOTA, 1986:28). A Finlândia abriga em torno de 5.000 ciganos cujos antepassados provieram da Estônia. Mantêm preservados os costumes e, ainda hoje, viajam em carroças de tração animal. E, assim, poderíamos falar da situação de tantos outros grupos, espalhados -em maior ou menor quantidade - em terras dinamarquesas, iugoslavas, gregas, húngaras, romenas, até chegarmos às Américas.

Por tudo que ainda se possa vir a conhecer/compreender deste resistente povo cosmopolita, algo salta-nos aos olhos: o empenho em manter viva a sua identidade ao custo, às vezes, da própria vida. "Ao longo dos séculos, apesar de constantemente expostos a múltiplas influências e pressões, conseguiram preservar uma identidade própria e demonstrar notável capacidade de adaptação e sobrevivência", assinala Fraser. Um povo que traduz em versos elegíacos, denominados *Kachardins*, o que, talvez, se possa considerar o traço mais peculiar de sua feição:

*"O dia em que eu não sofro,
Eu penso que não sou eu: Que
o meu eu se transformou Num
outro que não è meu".*

2.2. Os ciganos no Brasil

A chegada dos ciganos ao Brasil é efeito da pena de degredo aplicada aos ciganos ibéricos pelo rei de Portugal. De acordo com José B. de Oliveira China, autor do ensaio *Os ciganos no Brasil*, publicado em 1936, o primeiro cigano a chegar ao Brasil foi João de Torres, que teve sua pena de galés (a pena dos que eram condenados a remar nas galés, e que foi posteriormente substituída pela de trabalhos públicos) comutada, por ordem de Dom Sebastião em 1574, pela de desterro de "cinco anos para o Brasil, onde levará sua mulher [Angelina] e filhos" (COELHO, 1995:199-200). O professor Vilas-Boas da Mota, fundamentando-se no trabalho da pesquisadora Elisa Maria Lopes da Costa, intitulado "O povo cigano entre Portugal e Terras de Além-mar (séculos XVI-XIX)", expõe que o primeiro cigano a desembarcar no Brasil (em janeiro de 1562) fora João Giciano (< gipciano < egípciano), natural do reino da Grécia, que devido à acusação de ter roubado, com outros casais e vários estrangeiros, dois burros na Vila de Alcácer foi condenado a açoites e a dois anos de galés. Além de ter 75 anos de idade, era aleijado da mão esquerda, o que impedia de servir como remador, motivo pelo que pediu ao rei a comutação da sentença, o que lhe valeu de 3 a 4 anos de degredo, com a mulher e os 14 filhos, para a então colônia portuguesa Terra de Santa Cruz. No entanto, o antropólogo Frans Moonen, em estudo recente sobre os ciganos Calon da cidade de Sousa, Paraíba, faz menção a documentos portugueses que confirmariam que "a deportação de ciganos portugueses para o Brasil (...) só começou mesmo a partir de 1686".

É certo que as primeiras levas de ciganos teriam chegado à Bahia, haja vista que, em 1718, um decreto datado de 11 de abril já ordenava "ao governador [da cidade da Bahia] que ponha cobro (o mesmo que "reprima") e cuidado na proibição do uso [pelos ciganos] de sua língua e gíria, não permitindo que se ensine a seus filhos, a fim de obter-se a sua extinção" (MORAES FILHO, 1886). É, portanto, prova de indiscutível e corajosa resistência a manutenção em nossos dias da língua deste povo. Certamente que outras capitanias também receberam ciganos. Isto se evidencia pelos registros encontrados que se referem a ciganos em Pernambuco, Ceará e Sergipe.

O médico e poeta Alexandre J. de Mello Moraes Filho - que se credita como pioneiro da ciganologia no Brasil, mas que recebera severas críticas da parte do estudioso português Francisco Adolfo Coelho, pai da crioulística em Portugal - cita o nome do sr. Pinto Noites, "estimável e venerando calon de 89 anos", a quem confere o dote de arquivo inesgotável da história de sua nação entre nós, por intermédio de quem obteve a informação de que, pelos idos do decreto acima referido (de 11 de abril de 1718), chegavam ao Rio de Janeiro os seus avós e parentes, num total de "nove famílias para aqui degredadas, em razão de um roubo de quintos de ouro atribuído aos ciganos." (MORAES FILHO, 1886). Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, relata o ancião, levantaram acampamento no "Campo dos Ciganos", uma praça que se estendia da Rua do Cano até a Barreira do Senado. "Empregavam-se eles (...) no trabalho dos metais: eram caldeireiros, ferreiros, latoeiros e ourives; as mulheres rezavam de quebranto e liam a sina" (MORAES FILHO, 1886). Vários documentos confirmam que, no Brasil, os ciganos também se dedicavam ao comércio de escravos, tanto que se tem registro de um alvará de 1760 que proibiu "aos ciganos do Brasil comerciarem em escravos" (COELHO, 1995:241). Contudo, sua atividade econômica principal parece mesmo ter sido o comércio ambulante, de animais ou objetos, viajando pelos sertões do Brasil.

Tem-se registro de que, em 1818, por ocasião do casamento de D. Pedro I com a princesa D. Leopoldina, os ciganos teriam animado a festa com suas danças e cantigas originais, vestindo seus trajes coloridos e andando a cavalo. A presença cigana em terras brasílicas não passou despercebida: fosse do olhar do ilustrador-viajante, o alemão Thomas Ender, por exemplo, cuja obra *O Brasil de Thomas Ender* (1817) dá a conhecer, numa das pranchas sobre logradouros do Rio de Janeiro colonial, a rua alcunhada como *Rua dos Siganos* (atual Rua da Constituição), que se encontra assinalada na Figura 8 por uma seta; fosse da pena do célebre escritor e diplomata João Guimarães Rosa, então responsável pelo

Serviço de Fronteiras do Itamaraty e, portanto, profundo conhecedor da realidade do vasto interior do país e dos seus tipos humanos característicos, tais como vaqueiros, curandeiros, cangaceiros e *ciganos*, a quem faz referência em vários trechos de sua obra:

Mãe dela chegou, uma velha arregalada, por nome de Ana Duzuza: falada de ser filha de ciganos, e dona adivinhadora da boa ou má sorte da gente; naquele sertão essa dispôs de muita virtude (...) (ROSA, 1995:27).

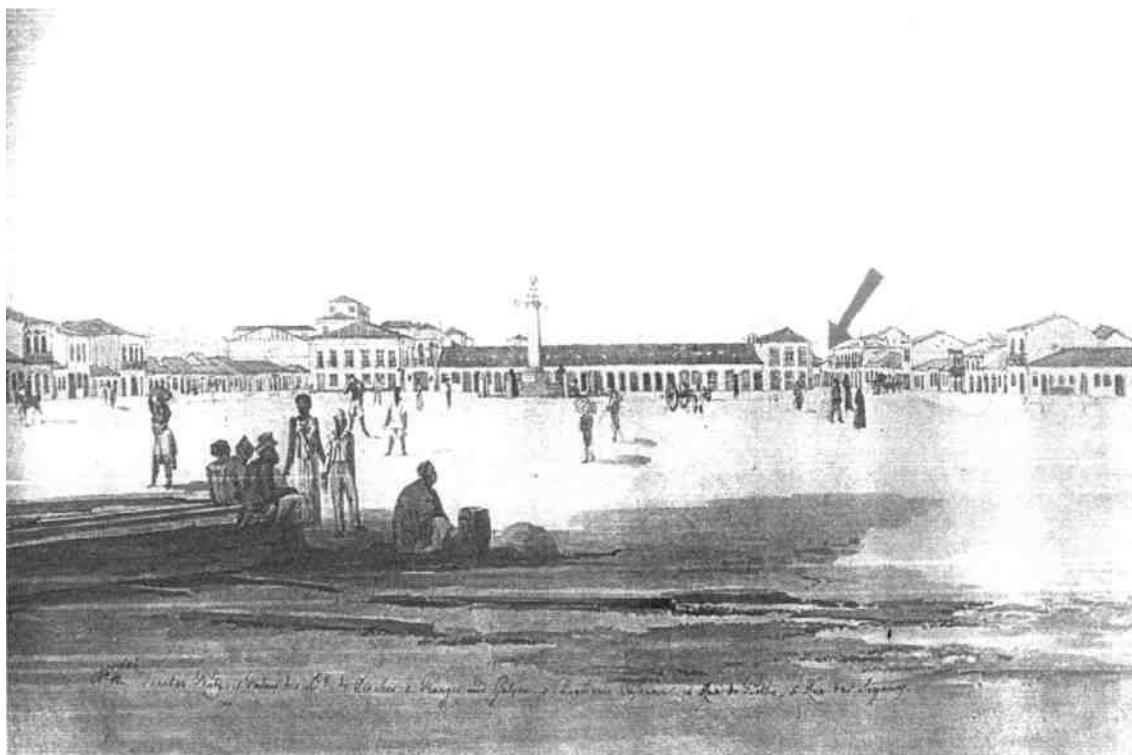
Antes, porém, os **ciganos** de roupagem e de linguagem, tribo de gente e a tropa cavalariça. (ROSA, 1995a:209).

Alvas ou sujas arrumavam-se ainda na várzea as barracas, campadas na relva; diante de onde ia e vinha a curtos passos o **cigano** Prebixim, mão na ilharga. Devia de afinar-se por algum dom, adivinhador. Viu-nos, olhos embaraçados, um átimo. Sorria já, unindo as botas; sorriso de muita iluminação.

Seu cumprimento aveludou-se: - "Saúdes, paz, meu gajão delegado..."

Não impingia [sin. 'obrigar a aceitar'] trocas de animais, que nem o **cigano** Lhafofo e o **cigano** Busque: os que sempre expõem a basbaques a cavallhada, acolá, entre o poço do corguinho e o campo de futebol. Tampouco forjicava [sin. 'forjar']chaleiras e tachos, qual o **cigano** Ruiu, que em canto abrigado martelava no metalurgir. E era o que me atraía em Prebixim, sem modelo nem cópia, entre indolências e contudo com manhas sinceras, arranjadinho de vantagens. (ROSA, 1995b:627).

Figura 8 - Localização da "Rua dos Siganos", Rio de Janeiro, 1817



Fonte: ENDER, Thomas. *O Brasil de Thomas Ender (1817)*. Rio de Janeiro: Fundação J. M. Salles, 1976, p.127.

John Luccock, outro viajante que chegou ao Brasil em meados de 1808 e "teve por fito dar uma descrição fiel do País", descreve no segundo capítulo de sua obra, intitulada *Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil*, algumas localidades do Rio de Janeiro e cita:

(...) havia áreas vazias de tamanho considerável, das quais as principais eram o morro de São Sebastião, o **Largo dos Seganos**, um vasto terreno junto ao Campo, os rochedos sobre os quais se acha edificado o palácio do bispo e o morro e jardins de São Bento, (grifo meu) (LUCCOCK, 1942:27).

De renomada reputação, Jean Baptiste Debret, que viera ao Brasil contratado por D. João VI para, juntamente com outros artistas franceses, fundarem uma Academia de Belas Artes, isso pelos idos de 1816, ilustrou cenas da vida brasileira com tal mestria e rigor que o valor de suas pranchas não é somente artístico, mas também documental. Expomos, na Figura 9, um de seus desenhos (a prancha 24 de sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*) que retrata o "interior de uma residência de ciganos", e nos anexos desta pesquisa uma longa descrição do próprio Debret, isenta daqueles trechos de visão preconceituosa européia, a respeito dos costumes dos ciganos.

Figura 9 - Interior de uma residência de Ciganos



Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora/Edusp, 1972.

Em *Festas e Tradições Populares do Brasil*, Melo Moraes Filho apresenta rica descrição de um casamento de ciganos em 1830. Primeiramente, faz menção ao elevado número de ciganos que habitavam o Rio de Janeiro, geralmente o Valongo e a Cidade Nova. Os ciganos, nesse período, além das ocupações citadas anteriormente (comércio de escravos e cavalos), eram empregados no foro e em vários misteres (MORAES FILHO, 2002). Interessante nota do autor é a de que os ciganos se constituíam em "sociedade à parte, onde mantinham, sem a menor quebra de lealdade, as suas tradições e os seus prejuízos de raça" (*Idem*). Ressalta, da cultura cigana, a "perfectibilidade sociológica, no tocante à instituição da família" (*Ibidem*), reforçada pela ausência de poligâmias, promiscuidades, incesto etc.

O casamento cigano, até 1830 (como observa Moraes Filho), "abrange toda uma série de particularidades típicas da raça", tais como a intervenção paterna como medianeira nos contratos, a prova sacramental do *gade* (camisola), "que assentava sobre a virgindade as bases da família nascente" (MORAES FILHO, 2002:244) dentre outras. O que servira aos ciganos para resguardo de sua pureza étnica, i.e., as alianças entre parentes próximos, também contribuiu para o aparecimento de casos patológicos como "três ou quatro indivíduos surdos-mudos em uma só família" (*Idem*, 244). E tal rito mantinha as mesmas características daqueles da primitiva época, como garantia o Sr. Pinto Noites.

Moraes Filho relata o risco de mácula da reputação caso o rapaz negasse uma moça pedida em casamento, o que implicava por vezes em malfadadas uniões. O trâmite do casamento tinha início com a visita de um pai e seu filho "maior de dezessete anos, oficial de justiça ou com um emprego qualquer" (*Op. cit*, 245) a casa de outro pai, que tivesse uma filha em idade de se casar. Uma boa recepção da parte da família visitada, com "agrados declamatórios, modos expansivos, ditos chistosos..." (*Idem*, 245), era bom prenúncio. Se, na conversa travada em segredo entre os dois *bati* (pais), não ocorresse a revelação do estado de impureza da moça, o contrato firmava-se, caso contrário o "progenitor do malogrado noivo (...) aconselhava de casá-la com um *querdapanim* (estrangeiro), alvitre aceito sem exame e posto em prática em seguida" (*Ibidem*).

Assim, o pai da noiva, o tio, recebe o filho do primo (pai do noivo) na família. O noivo agradece a honra do consentimento que lhe dá o tio. Nesta ocasião aparece a sogra acompanhada de filhos, parentes e escravos com ares de contentamento. Noivo e noiva, depois de cumprimentos cordiais, entabulavam um curto diálogo. Após "dar a barroada" (os incidentes da negociação), o futuro casal recebia dos tios, compadres, primos e mais parentela, os parabéns. Tocadores de bródios "princiavam na noite imediata à do pedido, e

se prolongavam até a do noivado" (MORAES FILHO, 2002:247). Portadores de convites eram, então, enviados em todas as direções para anunciar o noivado. Os dias e as noites que antecipavam o dia do noivado, o qual caía sempre num sábado, passava-se em festa.

No sábado do noivado, enfeitavam a casa: à porta, fincavam-se belos troncos de mangueira, que exalavam odores que se iam misturando no interior da morada ao fumo do benjoim e da alfazema que ardiavam. Os noivos dirigiam-se, juntamente com os padrinhos, quatro madrinhas e as famílias, ao templo para o enlace matrimonial. De volta do templo, os esposos 'transpunham o lar, cascatas de flores caíam-lhes sobre a fronte, irisadas e odoríferas" (MORAES FILHO, 2002:249). A atmosfera no lar enchia-se de toadas e epitalâmios. Os convivas formavam alas por entre as quais passavam os recém-casados. O bródio principiava. "A meia-noite retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas. (...) Sobre um móvel, cinco lençóis, alvos como uma hóstia, aromatizados com alfazema e salpicados de flores (...). Quatro tochas acesas, encostadas a uma mesa, derramavam sobre o linho raios de âmbar e ouro (...)" (*Idem*, 250).

Teria início o rito sagrado do *gade*: os padrinhos, em número de quatro, desdobravam os lençóis, suspendendo-os acima da cabeça, juntando as extremidades, (como demonstra a ilustração da Figura 10) e com o outro braço sustinham a tocha acesa. Assim, estava formado o quarto no qual entravam os desposados e duas sacerdotisas.

Figura 10 - O quarto de cinco lençóis em que se dava a cerimônia do *gade*.



"Os instrumentos tangiam mais vigorosos, como para abafar qualquer gemido de dor. Uma das madrinhas despia a noiva e deitava-a sobre um leito... e oficiava.... Vestida novamente, a um sinal convencionado, os padrinhos largavam os lençóis, e o marido mostrava no *gade* as 'rosas da pureza', aos alaridos do festim" (MORAES FILHO, 2002:251). O *gade*, embebido de aromas suaves e coberto de folhas de alecrim, era solenemente acondicionado numa caixinha de preço e ficava pertencendo ao esposo como pendor de sua aliança. Este é um dos poucos relatos de cerimônias ciganas que chegou até nós pelo trabalho de Melo Moraes Filho.

Minas Gerais, terra natal do escritor João Guimarães Rosa, tem sido aliás, desde o início do século XVIII, um dos mais importantes focos de ciganos. Um documento de 1723, de Vila Rica (atual Ouro Preto), informa que "pelo descuido que houve em alguma das praças da Marinha vieram para estas Minas várias famílias de ciganos", e manda prender todos eles e remeter para o Rio de Janeiro, de onde então seriam deportados para Angola. Era comum grupos de ciganos Calon, vindos dos grupos sedentários do Rio de Janeiro e bandos provenientes dos sertões da Bahia, rumarem com frequência para os sertões mineiros.

Em 1726, há notícias de ciganos em São Paulo, mas não tardou para que medidas fossem tomadas contra eles que eram "prejudiciais a este povo [não fica claro se à sociedade paulistana ou brasileira] porque andavam com jogos e outras mais perturbações" (MOONEN, 1997:60), tendo que abandonar a cidade dentro de vinte e quatro horas sob pena de serem presos. O antropólogo Frans Moonen faz elucidativo comentário quando diz tratar-se "da velha política de mantenha-os em movimento. Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para o Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc." (*Ibidem*).

Além dos ciganos que vieram degredados de Portugal nos tempos do Brasil colônia, posteriormente chegaram outros aqui, procedentes de diversos países europeus, tanto durante o reinado de D. Pedro II quanto após a Proclamação da República, sendo na sua maioria do grande ramo *vIax*, oriundos da Valáquia (atual Romênia), sobretudo da tribo *Kalderash*. Entretanto, encontram-se ciganos provenientes da península balcânica e de outras regiões do Leste Europeu, para os quais se utilizam diversas designações.

Assim, os Calon formam com os Kalderash e demais tribos ciganas, estas em menor escala, os dois grupos ciganos que povoam o Brasil. De acordo com Sérgio Paulo Adolfo, pesquisador que conviveu com famílias ciganas em Londrina (PR), "há muitos Calon no Brasil, a grande maioria nômade, mesmo os que se fixam numa cidade, caso dos Calon de

Salvador, na Bahia, que mudam constantemente na própria cidade" (ADOLFO, 1999:119). Os Calon se identificam segundo a procedência do grupo, empregando adjetivos qualificativos locativos: os "mineiros" - oriundos das Minas Gerais e do Centro-Oeste -; os "cariocas", do Rio de Janeiro e Espírito Santo, os "gaúchos", do Rio Grande do Sul; e os "baianos", que carregam a fama de serem muito bravos, aguerridos e grandes feiticeiros. Esses vários grupos têm entre si algumas rivalidades, afirma Sérgio Adolfo. No entanto, apesar das brigas, casam-se, fazem negócios esporadicamente, mas procuram não se estabelecer próximos uns dos outros.

No que se refere a origem, os Calon desconhecem a procedência de seus antepassados ou, como pude constatar, têm uma noção equivocada, julgando-se descendentes diretos de egípcios (ver Anexo I - Questionário). Já os Kalderash sabem muito bem que seus pais ou avós vieram do continente europeu. No momento, não trataremos dos vários aspectos da identidade dos Calon, deixando este conteúdo para estudos posteriores.

2.3. Os Calon do município de Mambaí-GO

Mambaí é um município da microrregião Vão do Parana, próximo da divisa com o estado da Bahia. Dista 517 quilômetros de Goiânia e aproximadamente uns 250 quilômetros de Brasília. A cidade fica nos contrafortes (i. e., cadeia de montanhas que se destaca, mais ou menos perpendicularmente) da Serra Geral. Seu potencial ecológico, que abrange densa flora e fauna, cavernas, cachoeiras, dentre outros atrativos, levou o IBAMA a investir na região, protegendo legalmente áreas de relevante interesse ecológico, e preparando-as para o ecoturismo.

A história de Mambaí remonta ao início do século passado, com a chegada à região dos primeiros seringalistas que ali foram ter para extrair resina das abundantes mangabeiras (árvore freqüente em cerrados e no litoral nordestino, que produz fruto comestível, a mangaba, e látex útil na fabricação de borracha, e cujas flores são grandes e alvas).

Com a chegada destes trabalhadores, foi-se desde logo construindo moradas e o povoado recebeu o nome de "Riachão". Até o ano de 1953 manteve essa denominação, que foi modificada pela Câmara Municipal de Posse para "Mambaí", ao ser elevado a distrito. Em novembro do mesmo ano, foi alçado a município com autonomia política.

Figura 11 - Árvore de Mangabeira

A chegada a Mambaí dos ciganos Calon, os que atualmente se encontram sob a autoridade do Sr. Dálcio⁶ - uma vez que, conforme este mesmo chefe, há outros "bandos" de Calon vivendo em outras partes do país (como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná) cuja responsabilidade não é mais sua -, deu-se no decorrer do ano de 1972. As famílias, que originaram os Calon de Mambaí e dos demais municípios assinalados na Figura 13, migraram das cidades de Correntina, Bahia, e de Montalvânia, Minas Gerais (Figura 12). Desde o ano de 1972, contudo, a família nuclear do Sr. Dálcio (ou seja, aquela formada pelos pais e irmãos) nunca abandonou Mambaí, mas outras famílias pertencentes a esta mesma *vitcha* (designação, em Romani, para "bando") estão distribuídas por cidades (a maior parte concentrada no estado de Goiás), como mostra o mapa da Figura 13.

⁶ Segundo Sérgio Paulo Adolfo, "os ciganos no Brasil, *com exceção dos Calon*, não possuem nenhum tipo de chefia ou de autoridade que os representem."

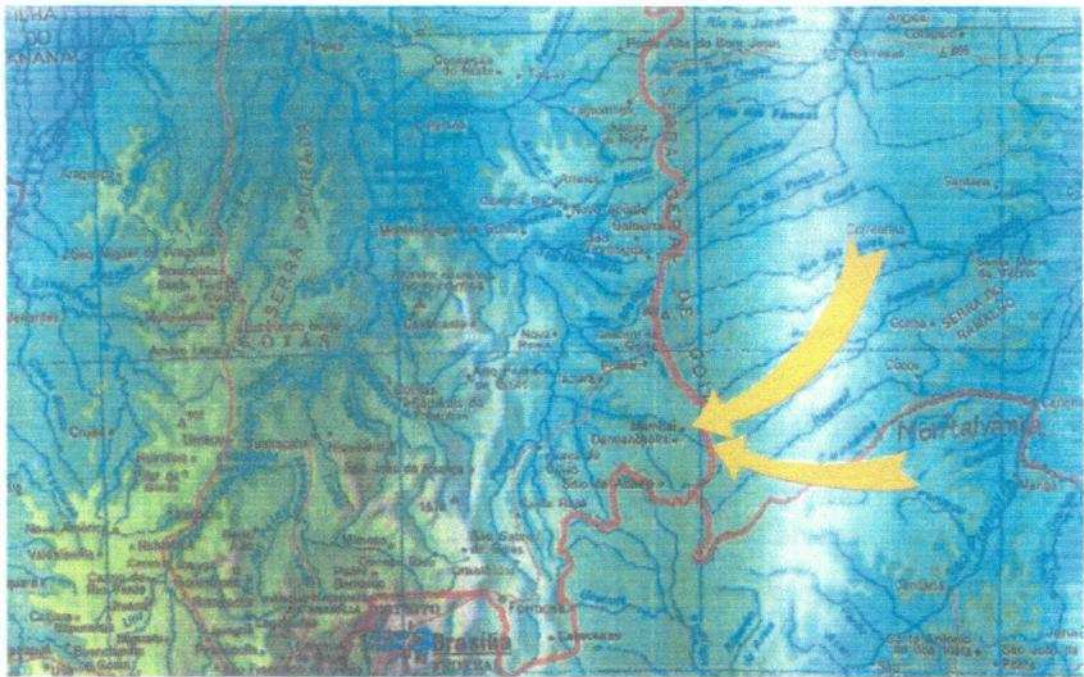


Figura 13 - Cidades de Goiás em que há famílias ciganas da *vitcha* do Sr. Dálcio



Em Mambaí, estão onze das cento e quatorze famílias que compõem a *vitcha* governada pelo Sr. Dálcio e que, segundo ele, é considerada uma das maiores famílias ciganas de nosso país. A título de esclarecimento, compreende-se a relação entre "família nuclear" e "família extensa" da seguinte maneira: "A unidade mínima de organização social e política é a família nuclear que se liga de forma intrínseca à família extensa. A família é gerida pelo pai dentro de um sistema patriarcal, patrilocal⁷ e gerontocrático⁸" (ADOLFO, 1999). Assim, contígua à casa do Sr. Dálcio, mora sua mãe, Dona Teresa, e sua tia Dona Lourdes.

Nos arredores da casa do chefe, que está localizada na esquina das ruas José Pereira Magalhães e José Pires Martins, quadra 17, vivem sobrinhos, netos, os seis dos quinze filhos de Dálcio com seus cônjuges - sendo duas mulheres (Darlene e Sueli) casadas com rapazes naturais de Mambaí, não-ciganos, e quatro homens (Reizimar, Adalto, Welington, Dalcivan) também casados com moças não-ciganas do município. Há um ponto aqui que merece atenção: de acordo com as tradições ciganas, o casamento devia se dar exclusivamente *intra-grupo*. Dado que se casam muito cedo, por volta de 15 ou 16 anos, a escolha, a princípio, cabia aos pais por serem mais experientes. Hoje, os casamentos - como os dos filhos do Sr. Dálcio - ocorrem *extra-grupo* e num acordo com os pretendentes: o que necessariamente afeta a continuidade de muitos costumes, incluindo a manutenção do dialeto *calon*. Pois bem, todos esses parentes que convivem com o chefe, bem como aqueles que habitam em São Domingos, Posse, Buritinópolis, Brasília, dentre outras localidades, constituem a denominada "família extensa".

No aspecto das obrigações, as responsabilidades são bem divididas. Cabe aos homens a tarefa de ganhar dinheiro para satisfazer as necessidades da família, o que os leva a exercerem ofícios dos mais diversos: segurança de fazendas, corretagem nas ruas próximas a sua residência (os ciganos de Mambaí têm casas, que destinam ao aluguel), empreitadas em firmas e propriedades rurais, compra e venda de carros, bem como de aparelhos eletrodomésticos, encomenda de colchas de cama e toalhas de mesa de crochê as quais ficam a cargo das mulheres, que as vendem. Compete ainda às mulheres "a manutenção da casa, da roupa dela e dos seus (...)" (ADOLFO, 1999) e o preparo das refeições.

⁷ "Pelo casamento, é a mulher obrigada a seguir o marido, passando a morar no local onde ele mora (casa, acampamento, aldeia etc.)- *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa básico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

⁸ "Governo exercido por anciãos". *Ibidem*.

As principais festas realizadas pela comunidade Calon pesquisada são o casamento e o batizado - que seguem o rito próprio da igreja cristã - e as festas dedicadas aos santos católicos de quem são muito devotos. Como me explicou o Sr. Dálcio,

Sempre nós somos muito devotos, né! Sempre na família cigana tem assim um santo que a pessoa seja devoto e quando não seja um, seja outro. Às vezes aquela pessoa é comprometida com aquele santo, às vezes faz uma promessa por um fio, às vezes por ele mesmo, ou por uma pessoa da família (...) - 'inté tantos anos eu vou festejar p'ra santo fulano'. Então durante aquele período que a pessoa prometeu, então continua aquela festa todos os anos.⁹

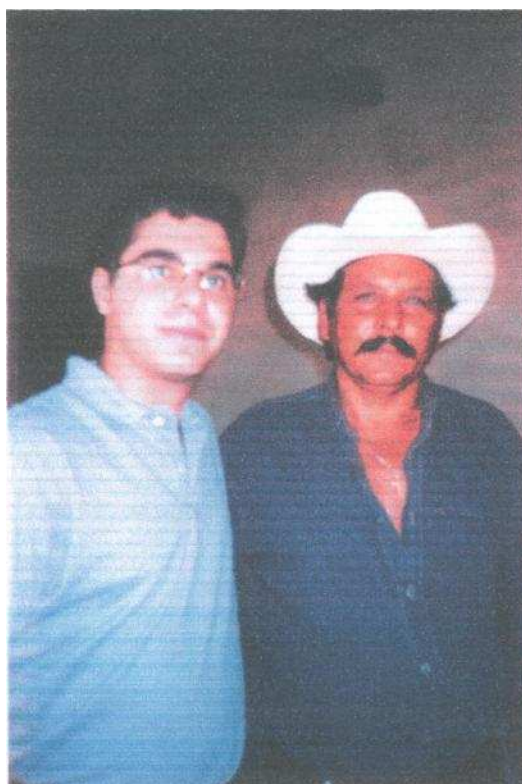
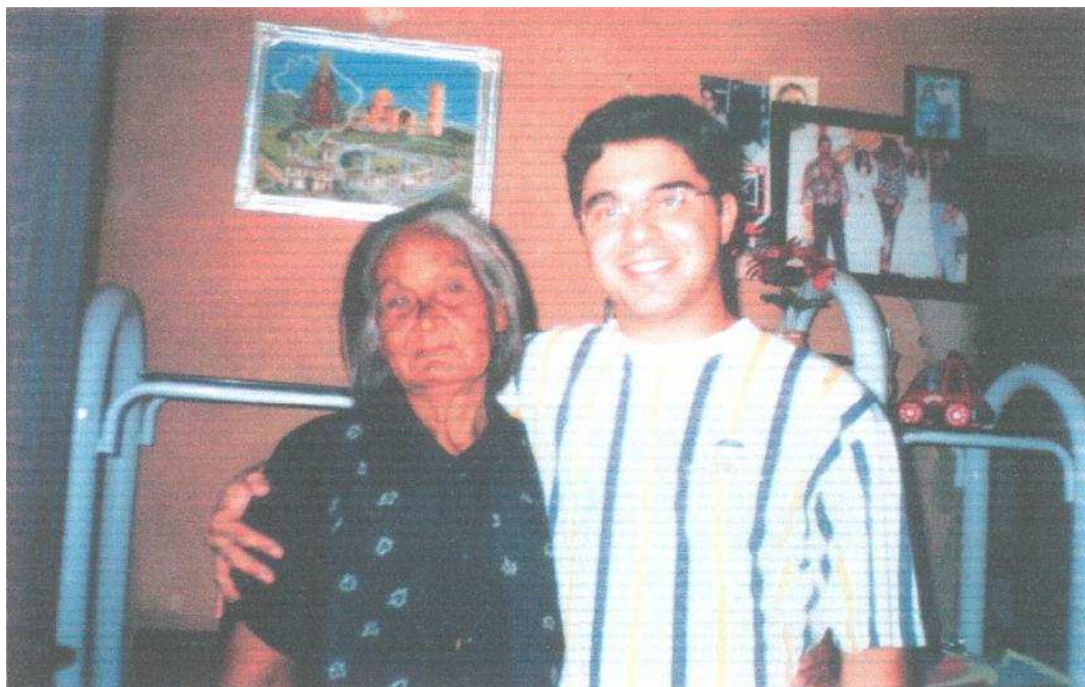
As festas de Santo, como observa Sérgio Adolfo, seguem a mesma estrutura das festas de nossa população sertaneja: começam com uma reza, alguns cânticos para o santo que está sendo homenageado, e depois partem para os comes e bebes e para as danças, sempre próximos da fogueira.

Sérgio Adolfo, que travou amizade com os Calon do Paraná e teve a oportunidade de observar-lhes as peculiaridades, notou que "(...) o senso de beleza [dos ciganos] pode soar estranho aos olhos dos *gadje*, no entanto, em todas as suas atitudes, nos mínimos gestos, o homem, a mulher ou a criança Calon está em busca ou no desfrute dessa beleza. Homens e mulheres têm os dentes brilhantes de ouro, mesmo colocando em risco sua saúde dental, nenhum Calon resiste a esse chamamento étnico. A dentadura recoberta de ouro faz parte de sua indumentária, como as roupas de cores luminosas e o chapelão de boiadeiro dos homens.". Desta descrição feita por Sérgio, tive a alegria de verificar a vaidade do uso de ouro na dentadura; o apelo à boa apresentação que se deu em duas circunstâncias separadas: a primeira, na visita que fiz inicialmente para conhecê-los, quando pedi a Dona Teresa para tirar uma foto sua e ela solicitou-me uns minutos para aprontar-se, trocando imediatamente de roupa, passando óleo no cabelo e penteando-o (Figura 14); e a segunda, na vez em que saí numa fotografia ao lado do chefe Dálcio que ausentou-se, antes de tirarmos a foto, para arrumar-se (Figura 15).

⁹ Extraído da entrevista com o Sr. Dálcio (Apêndice 1).

Figura 14 - Dona Teresa, mãe do Sr. Dálcio, chefe da comunidade Calon pesquisada **43**

Figura 15 - Sr. Dálcio, chefe da comunidade Calon pesquisada



As crianças da comunidade cigana de Mambaí já freqüentam a escola municipal. Conversando com uma senhora, moradora do município, cujo esposo exercera cargo político (vereador), e ela mesma diretora de escola que recebe filhos de ciganos, pude comprovar que a relação entre os ciganos e alguns setores de Mambaí, incluindo uma parcela da população, ainda é conturbada. A referida diretora reclamou da ausência dos pais no acompanhamento escolar dos filhos, bem como do comportamento destes em sala de aula, e

Figura 16 - Uma das famílias que compõem o bando cigano de Mambaí



Como bem frisou Ático Vilas-Boas, "ao longo da história, ciganos e não-ciganos têm-se ignorado e, enquanto não houver maior aproximação entre eles, há de persistir a rejeição mútua. Enquanto a cultura cigana não for melhor compreendida, os preconceitos tendem a permanecer" (MOTA, 1986:32). A parte os desencontros entre ciganos e *gadjé*, outros aspectos do modo de vida característico dos Calon de Mambaí constam da entrevista que me concedeu o chefe Dálcio, a qual encontra-se transcrita na íntegra em anexo nesta dissertação.

2.4. Panorama dos estudos de Ciganologia no Brasil

Os estudos de ciganologia no Brasil podem ser divididos em três grandes grupos, conforme a natureza dos dados neles apresentados: (i) os trabalhos histórico-etnográficos; (ii) os trabalhos folclóricos, e (iii) os trabalhos lingüísticos. A ordem em que apresento os grupos desta divisão idealizada por mim não é aleatória. Tomei como critério de apresentação a quantidade de material publicado, de forma que será possível ao leitor perceber a escassez de pesquisas lingüísticas sobre os dialetos ciganos. Este nosso trabalho deve, portanto, ser encarado como uma modesta contribuição para a ampliação do grupo de trabalhos lingüísticos.

No primeiro grupo, trabalhos histórico-etnográficos, encontra-se desde obras mais antigas - como as de entusiastas do calibre de José B. d'Oliveira China e Alexandre J. de Mello Moraes Filho¹⁰ - a obras hodiernas de autores tais como Ático Vilas Boas da Mota, Maria de Lourdes Sant'anna, Frans Moonen, Sérgio Paulo Adolfo, Rodrigo Corrêa Teixeira, Maria de Lourdes Pereira Fonseca, dentre outros. O segundo grupo, trabalhos folclóricos, abarca as publicações de cunho essencialmente folclórico, entendido o termo "folclore" na acepção criada, em agosto de 1846, pelo arqueólogo inglês William John Thoms ao compor o termo a partir de dois vocábulos saxônios antigos, *folk* e *lore*; o primeiro significando "povo" e o segundo, "conhecimento ou ciência". Assim, Folclore "pode ser definido como a ciência que estuda todas as manifestações do saber popular" (MEGALE, 1999:11). Estão aqui reunidos os estudos de cancioneros, contos, lendas, credices e superstições que sejam emanações da alma cigana. E em terceiro, trabalhos lingüísticos, a produção acadêmica no campo lingüístico que visa à descrição dos dialetos ciganos existentes no Brasil, produzindo valioso material que permita revitalizá-los, e à compreensão dos processos deflagrados pelas situações de contato, como p. ex., a interferência que ocasiona a mudança lingüística, a substituição de língua, a morte de língua e assim por diante. Debruçar-me-ei sobre este último grupo para fazer a merecida referência a três esforços intelectuais que servem de marcos para as investigações lingüísticas subseqüentes: as dissertações, por ordem cronológica, de Carmem Maria Olivência e Souza (1992) e de Rita de Cássia de C. Vieira e Macedo (1999) e o livro *Anticrioulo: manifestação lingüística de resistência cultural* (2002) de Hildo Honório do Couto.

¹⁰ A inclusão de Mello Moraes Filho num só grupo nos pareceu reducionista, mas se justifica por força dos assuntos dominantes em seus textos, os quais ao apresentarem dados de língua carecem da exposição da metodologia de coleta e análise empregadas.

A obra de Couto insere-se neste último conjunto não tanto pela compilação de estudos lingüísticos sobre os ciganos, nem pelas breves análises lingüísticas a partir de dados colhidos em trabalhos de renomados lingüistas como Ian Hancock e Norbert Boretzky e mesmo nos das mestras citadas anteriormente, mas se deve, sobretudo, ao esforço de classificação da língua de muitos dos grupos ciganos no conceito por ele criado de *anticrioulo*, ou seja, quando há o desaparecimento paulatino da gramática da língua dominada, que cede lugar à gramática da língua dominante, e a manutenção de grande parte do léxico da língua original numa clara demonstração de resistência cultural. Acrescente-se que uma nova área dos estudos lingüísticos, chamada glototanásia (ou morte de língua), base de nossa dissertação, já ocupa parte importante no livro e que se volta para os problemas de perda da língua por grupos étnicos minoritários, como são os ciganos.

Há pontos em comum entre a dissertação de Carmem Olivência e Souza, que estudou *A variedade da língua cigana falada em Goiânia*, e a de Rita de Cássia de Vieira e Macedo, que se dedicou a *O sistema fonológico do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)*. De início, pode-se apontar a origem dos grupos ciganos por elas pesquisados. Ambas as comunidades, tanto a de Goiânia quanto à de Contagem (MG), são formadas por ciganos provenientes do Leste Europeu, em grande parte da região da Romênia - os chamados *Kalderash*. Logo, o trabalho destas pesquisadoras foi sobre variedades do grupo de dialetos *Vlax* que são "caracterizados, entre outras coisas, por um significativo elemento lexical romeno" (*apud* HANCOCK, 1995:14), o que os diferencia dos dialetos *não-Vlax* (como o *calorí*).

O foco da investigação de Carmem e de Rita de Cássia, outro dos pontos de contato, está na escolha de descrever o sistema fonológico das variedades com que elas trabalharam, diferenciando-se, entretanto, quanto ao referencial teórico que, no caso da primeira, fora o *modelo distribucionalista* e, o da segunda, o *modelo da Fonologia Auto-segmental*. Recorde-se que, numa análise distribucional, procede-se à inferência da língua por generalização feita a partir da observação de um *corpus* finito, considerado como uma amostra representativa da língua.

A determinação do *corpus* é feita segundo determinado número de critérios que devem garantir o seu caráter representativo e a homogeneidade dos enunciados, afastando *a priori* as variações de situação. (DUBOIS, 1973:47).

Neste modelo, o *corpus* é composto de elementos diferentes que se organizam em diferentes níveis¹¹, a fim de formar enunciados lineares que após comparados uns com os outros permitem uma segura segmentação da cadeia da fala com o intuito de identificar os elementos de cada nível.

No componente fonológico, em particular, a Teoria Distribucionalista crê que as unidades fonêmicas podem ser descritas sob três aspectos: (1) o "contraste", que implica mudança de som e significado; (2) a "variação", que expõe as manifestações fonéticas possíveis em que variam as unidades fonêmicas; e (3) a "distribuição" está relacionada ao fato de uma unidade fonêmica "ocorrer como membro de uma classe, elemento numa seqüência de segmentos e parte funcional de um sistema" (OLIVÊNCIA E SOUSA, 1992:23). Já o estudo fonológico não-linear, empregado por Vieira e Macedo, volta-se para a identificação não só dos traços constitutivos dos segmentos fonológicos, mas também daqueles traços supra-segmentais (aquelas características fônicas que afetam um segmento mais extenso do que o fonema), representando-os em diferentes camadas. Sob a ótica da Fonologia Auto-segmental, a sílaba pode ser definida como a unidade hierárquica que liga consoantes e vogais, atribuindo destarte organização à camada esquelética. Por conseguinte, a silabificação constitui um processo que associa uma seqüência linear de segmentos à estrutura silábica. Uma outra teoria não-linear utilizada por Vieira e Macedo, denominada Geometria de traços, busca retratar em sua representação arbórea a distribuição dos traços tal como ocorre no aparelho articulador humano. Este modelo possibilita a manipulação dos traços de modo isolado ou em conjuntos solidários.

a) Experiências de campo

Em Goiânia, à época da pesquisa, uma parte dos ciganos ainda faziam uso de barracas como relata Olivência e Sousa no primeiro capítulo de sua dissertação. Ela nos conta que a primeira aproximação ocorreu através de um pedido seu de "leitura da sorte" e que os contatos seguintes deram-se com os ciganos de "apenas uma barraca, a que nos acolheu melhor" (OLIVÊNCIA E SOUSA, 1992:06). O fato de ela ter-se identificado, em certa ocasião, como professora e estudante de pós-graduação despertou o interesse dos adultos do grupo pela alfabetização de suas crianças na língua portuguesa. O pessoal desta primeira barraca serviu à Carmem de ponte com outras famílias, tanto as que moravam em barracas quanto as que moravam em enormes casas. A relação entre os ciganos e a pesquisadora

¹¹Ou seja, a língua é vista como uma série de ordens hierarquizadas - fonológica, morfológica, frástica - de modo que cada unidade é definida pelas suas combinações no nível superior.

modo que cada unidade é definida pelas suas combinações no nível superior.

manteve-se à base da troca de favores, "servindo de motorista" a quase todas as mulheres do grupo, quando elas precisavam ir ao supermercado, ao médico etc." (*idem*) e alfabetizando as crianças. Tanto que a coleta de dados, que compreendeu a gravação de palavras isoladas e orações, deu-se em horários entremeados às aulas de alfabetização e à vista de ciganos curiosos que vinham de outras barracas.

Olivência e Sousa obteve, junto às famílias, a notícia da existência de dois grupos de ciganos em Goiânia: os *matwaia* (pronuncia-se [m a t f w a i a]) e os *Kalderash*.

Estes dois grupos se compõem de três famílias distintas que se uniram entre si: Martini, Yankovit e Felipe. Conseguimos manter contato, na época do nosso trabalho de campo, com 20 famílias compostas de 113 pessoas, com idade variando entre 3 e 70 anos, e quase todos analfabetos. (OLIVÊNCIA E SOUSA. 1992:07)

Olivência e Sousa afirma que os *matwaia* são muito propensos à sedentarização e à vida não-cigana, o que indica grande probabilidade de perderem sua identidade étnica. Inclusive, a pesquisadora registra que certas famílias do grupo *matwaia* já perderam sua língua original. Ao contrário das famílias *Kalderash* que conservam a cultura, "morando ainda em barracas e vivendo da venda de tachos, panelas e colchas, que os ciganos adultos vendem em repartições, casas, mercados ou nas ruas" (*Op. cit.*, p.10). A renda para o sustento da casa de uma família é complementada pelas mulheres com o ofício da *buena-dicha* (dizer a sina). A pesquisa foi realizada com um grupo *matwaia* e a coleta de dados estendeu-se por todo o ano de 1991, em virtude da "mudança repentina de um grupo que continha informantes e as constantes viagens de alguns deles para dedicar-se ao comércio ambulante em cidades vizinhas" (*idem*, p. 17). Olivência e Sousa optou por trabalhar com oito informantes, compreendendo seis adultos e duas crianças por ela alfabetizadas. Ela conclui que a comunidade fala, por comparação com a descrição apresentada por Calvet, um dialeto Vlax.

Já a pesquisa de Vieira e Macedo sucedeu-se no município mineiro de Contagem. O primeiro contato foi feito por intermédio do senhor Washington Lara que é amigo de ciganos residentes em seu bairro. Este senhor sondou, conforme narra a pesquisadora, junto às famílias ciganas qual estaria disposta a receber uma estudante universitária para auxiliá-la numa pesquisa sobre cultura cigana em geral. "A família entrevistada, composta por um casal e dois filhos adultos, faz parte da comunidade do bairro Jardim Riacho (...)" (VIEIRA E MACEDO, 1999:69) onde grande parte das melhores casas pertence a ciganos. Segundo a pesquisadora, a vivência da cultura cigana nesta comunidade é flagrante, o que se evidencia pela "tenda armada" no quintal de cada casa, onde os ciganos

passam grande parte do dia. Hábitos culturais como a interdição de convívio com os *gadjé* e o casamento arranjado são ainda levados a efeito. As moças são praticamente desestimuladas a irem à escola pelo temor que os pais têm de um envolvimento delas com um *gadjo* (relação que poderia acarretar a "perda da virgindade" e a desonra da família). Portanto, dos que freqüentam a escola - exclusivamente para aprender a ler e escrever o nome - nenhum chega a se formar, evitando deste modo "o risco de ser empregados de alguém - e cigano não trabalha para os outros" (*Ibidem*). A principal atividade econômica da comunidade é o comércio, e, na família pesquisada, tal ofício inclui a venda de cobertores e colchas, chaveiros e bijuterias. O pai da família, seu Butsolo, alcunha dada pelos membros da comunidade, está aposentado mas "já foi carreteiro, trabalhou em alambiques e com a fabricação de tachos de cobre e, até 1990, viajou pelo País com o seu cinema ambulante. A mãe, como a grande maioria das esposas ciganas, além das tarefas domésticas, dedica-se à leitura da mão" (*Ibidem*). Rita confirma o bilingüismo da comunidade, que emprega tanto o Romani quanto o português (muitas vezes misturados) no dia-a-dia.

Uma experiência rara foi certamente as sessões de gravação dos dados, em que Vieira e Macedo passava "grande parte do dia na tenda dos ciganos, onde (...) tomava café da manhã e almoçava" (*Op. cit.*, p. 72). Entre uma atividade e outra do cotidiano, os informantes forneciam a ela os dados. A coleta destes dados durou um ano e três meses, totalizando quarenta e uma visitas à família Caldeira, a de seu Butsolo. Eventualmente, parentes da família Caldeira participaram das sessões de gravação. O *corpus* final, constante da dissertação de Vieira e Macedo, perfaz mil e quinhentos vocábulos, cento e cinquenta frases e dez narrativas.

Como afirma o ciganólogo Ian Hancock, na introdução de seu *A Handbook of Vlax Romani*, "as duas variedades mais amplamente faladas de dialetos Vlax [nos Estados Unidos, Austrália, Argentina e Brasil] são o *Machvano* e o *Kalderash*, este também conhecido como Coppersmith ou Romani Cãlderari" (HANCOCK, 1995:31). O referido autor explica-nos que o termo "Machvano" faz menção aos arredores da cidade de Macva, leste da Sérvia, de onde vieram os ancestrais dos Machvaya. Ao passo que o nome "Kalderash" empregava-se originalmente aos "fazedores de caldeiras (de cobre)" mas que se tornou, ao longo do tempo, a designação geral para certos dialetos provindos do Leste Europeu. Com essa explicação, torna-se claro que ambas as pesquisadoras (Olivência e Sousa e Vieira e Macedo), mesmo trabalhando em regiões distintas do país, estudaram dialetos que se comparados evidenciariam seu parentesco. "Os dialetos Vlax são muito semelhantes uns com

os outros, de maneira que tendo aprendido um, o aprendizado dos demais pode ser realizado com pequenos ajustes" *(Ibidem)*.

3.1. A coleta de dados 3. TEORIA E METODOLOGIA

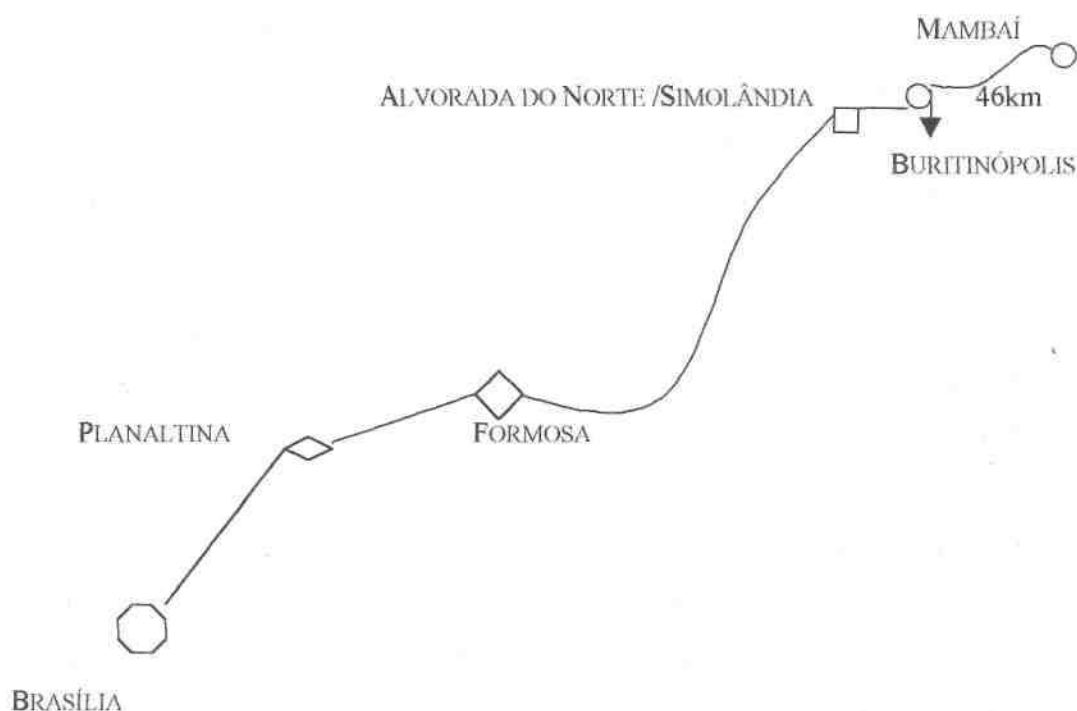
"A pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua teslagem Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade".

Marli Eliza D. A. de André

A atividade de coleta de dados foi realizada em campo. Após definir o grupo cigano com que iria trabalhar, a primeira providência a ser tomada foi saber quem poderia intermediar o meu contato com a comunidade Calon, da qual, a princípio, não sabíamos (nem eu, nem o orientador) o paradeiro. Então, com base num trabalho monográfico de conclusão da disciplina "Fonologia", ministrada por Hildo do Couto, no Programa de Mestrado em Lingüística, cheguei à aluna Zilda Pereira, cujo trabalho tinha como objeto de estudo o dialeto *calon*. A descoberta da comunidade - com que desenvolvi a presente pesquisa - deu-se após um período de espera de algumas semanas, tempo necessário para Zilda contatar seus parentes em Buritinópolis, município onde ela fizera a coleta de dados com uma família cigana no ano anterior, para confirmar se eles ainda estariam lá. Certo dia em que eu e Zilda nos falamos, ela confirmou - a partir de informações recebidas de sua irmã, vereadora em Buritinópolis - a cidade em que encontraria um grupo sedentário de famílias Calon.

As duas primeiras visitas feitas à comunidade Calon de Mambaí, município afastado de Buritinópolis uns quarenta e seis quilômetros (Figura 17), fiz em companhia de Zilda e da irmã dela que, embora não conhecesse os ciganos, tinha contatos valiosos naquele município dentre eles o de Seu Dezinho, presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais e, em virtude de seu trabalho sindical, responsável pelo setor de assentamentos no qual a comunidade Calon está estabelecida. O Seu Dezinho foi quem nos guiou até a morada dos ciganos e, sendo conhecido de Dona Teresa (mãe do chefe do bando), apresentou-nos a ela e ao irmão do chefe, o Laécio, que me concedeu a informação de que o maior agrupamento de famílias do seu bando residia em Posse, no setor Mãe Bela, e se prontificou em consultar o Sr. Dálcio, chefe do bando, quanto a permissão para que eu desenvolvesse a pesquisa sobre a língua deles.

Figura 17 - Localização da cidade de Mambaí-GO



Nesta primeira visita, senti-me preocupado com causar uma boa impressão em todos da comunidade, buscando granjear a simpatia, em especial, de Dona Teresa. Foi uma atitude acertada pelo fato de que na ausência do Chefe o que responde pelas famílias é o membro mais velho, aquele que teve tempo necessário para um aprendizado perfeito das coisas da vida e das tradições ciganas. Todas aquelas histórias sobre os ciganos: o seu desdém

para com os não-ciganos, a insolência do seu caráter etc, nada disso eu recebi, nem percebi neles. Ao contrário, da primeira à última visita, trataram-me como se fosse um velho amigo da família, ao qual se põe tudo à disposição. As sessões de gravação, salvo a primeira, deram-se sempre no ambiente que serve de sala e cozinha da casa em que moram Dona Teresa e sua irmã, Dona Lourdes. Cercados das crianças que, como bem observado por Sérgio Paulo Adolfo, "gozam de muita liberdade, [sendo] raramente punidas" (1999:121), registrei não só palavras isoladas, mas também sentenças.

Na segunda visita, tive a grata surpresa de encontrar o Sr. Dálcio em companhia de alguns parentes vindos de Posse. Nesse dia, no alpendre da casa do chefe, sob os olhares atentos das crianças, dos rapazes, das moças e mulheres ciganas, realizei - por meio de gravação em áudio - uma entrevista sociocultural com o Sr. Dálcio e coletei, com ele próprio, as primeiras setenta palavras que comporiam o *corpus* de que hoje disponho.

A terceira visita ocorreu depois de transcorridos dois meses da última (agosto de 2003). Isto porque eu recebera o convite para a festa¹² em homenagem a Nossa Senhora Aparecida, que começou no dia da santa, 12 de outubro, e prosseguiu por umas três noites (margem de tempo para que todos os convidados chegassem) com rezas, cânticos, danças ao redor da fogueira; e nesta comemoração eu só pude estar presente no primeiro dia em virtude de compromissos em Brasília. Na oportunidade, realizei mais uma coleta de palavras e sentenças com Dona Teresa.

A quarta visita sucedeu-se no feriado da Semana Santa de 2004, e, mais uma vez, não encontrei o chefe Dálcio. Contaram-me que ele estava na cidade de Cocos (BA) por motivo de trabalho. Nesta visita, reencontrei a irmã de Dona Teresa, a Sr.^a Lourdes, a quem havia sido apresentado na primeira visita à comunidade. E percebi, ao preparar-me para a sessão de áudio, que a sua proximidade em relação a mim e Dona Teresa era a senha de alguém que se disponibilizava para tal atividade. Logo, puxei mais uma cadeira e ficamos eu, Dona Teresa e Dona Lourdes sentados em semi-círculo no meio da cozinha com pingos de chuva a escorrer do telhado, a criançada de pés descalços orbitando ao redor de nós e meu pai, sentado a um canto, a quem devo o préstimo de acompanhar-me nesta visita e na anterior.

A seleção dos meus informantes orientou-se pelo propósito da pesquisa, ou seja, investigar em que grau de deterioração encontra-se a língua *colon*. Para tanto, escolhi os mais velhos (Dona Teresa e Lourdes) fundamentado na idéia de que são elas que

¹² Cumprimento da promessa feita por Laécio pelo restabelecimento da saúde de seu filho.

hipoteticamente mantêm a língua do grupo no estado menos desgastado. E a escolha do Sr. Dálcio, o chefe, por ser ele o membro do bando que dialoga com todos os outros ciganos da família extensa e, por isso, deve incorporar em suas práticas discursivas formas variantes como pude verificar. Uma vez que o objetivo desta pesquisa não se dirige a uma descrição do dialeto *calon* - ainda que esta tarefa seja premente em face do adiantado processo de degenerescência do referido dialeto - mas sim à recolha de dados que justificassem o título da dissertação, não trabalhei com um *corpus* muito extenso (aproximadamente quatrocentas e seis palavras e quarenta e cinco sentenças), o que em nada comprometeu a qualidade da investigação aqui levada a cabo.

3.2. Os informantes

Dálcio Alves da Silva, cinquenta e um anos (data de nascimento: dezesseis de fevereiro de 1953), lavrador, natural de Anápolis, diz que o atual bando de ciganos sob a sua autoridade originou-se de duas levas: uma proveniente de Correntina (BA) e a outra, de Montalvânia (MG). É o chefe de cento e quatorze famílias espalhadas pelos municípios de Campos Belos, Posse, São Domingos, Mambai, Buritinópolis, Goiânia e Brasília. É pai de quatorze filhos, sendo nove homens e cinco mulheres, alguns destes já casados. Teve dois casamentos. Fala duas línguas: o português e o *calon*. Não chegou a concluir o ensino fundamental. Seus pais são o Sr. Cícero Alves da Silva (falecido) e Sr.^a Dona Juvercina Alves da Silva. É um dos cinco filhos (Laécio, Corcino, Geraldo e Joãozinho(†)) do casal Cícero e Juvercina, sendo o mais velho deles.

Juvercina Alves da Silva, oitenta e cinco anos, aposentada e dona de casa, é conhecida por todos da comunidade por Dona Teresa. Nascida em Feira de Santana (BA), foi criada em Guanambi (atual Beija-flor), município do mesmo estado. É falante de duas línguas: o português e o *calon*. Seus pais, o Sr. Miguel Alves da Silva e a Sr.^a Laudelina Pereira, tiveram quatro filhos, sendo três mulheres - Lourdes, Juvercina e Delia - e um homem - Nogueira Feitosa (†). Ela é a segunda mais velha dos irmãos. Frequentou a escola até aproximadamente a segunda série. Casou-se uma única vez, sendo mãe de onze filhos: cinco homens e seis mulheres.

Lourdes Alves da Silva, sessenta e quatro anos, irmã de Dona Teresa. Natural de Montalvânia-MG, foi criada na cidade de Beija-flor (BA). Fala duas línguas: o português e o *calon*. Mora com sua irmã, Dona Tereza; faz vinte anos que é viúva e não teve filhos. É filha do Sr. Miguel Alves da Silva e da Sr.^a Laudelina Pereira.

3.3. Referencial teórico

A escolha dos modelos teóricos, a partir dos quais se procedeu à coleta e análise dos dados lingüísticos e etnográficos, foi feita considerando-se o tipo de fenômeno lingüístico que se apresentou e as características socioculturais da comunidade pesquisada. Uma vez que se trata de falantes bilíngües - os Calon são competentes tanto na "língua original" quanto na língua da sociedade hospedeira (variedade do português) - , a adoção do quadro conceitual dos estudos de *Contato de línguas* fez-se imprescindível. Sabemos que a situação de contato "pressupõe etnias e culturas diferentes" (COHEN, 2003: 82) cujas línguas ao se relacionarem influem, em diferentes medidas, umas sobre as outras de forma que modificações nas componentes gramaticais de uma delas são sempre esperadas; por isso o caso dos ciganos (presentes há muito na história brasileira, porém vítimas de incompreensões e estigmas) é particularmente ilustrativo, visto serem uma minoria étnica à margem de comunidades da sociedade nacional não de forma imiscível como outrora, mas em avançado grau de aculturação. Configuram-se assim contextos de "enclave" que é quando uma comunidade lingüística A acha-se encerrada no território de uma comunidade lingüística B, sendo A, em geral, numérica e/ou sociologicamente menor que B, fato do qual advém uma série de conseqüências. Do enclave, por exemplo, pode-se instaurar entre os membros do grupo étnico menos favorecido (principalmente nos indivíduos mais jovens) uma atitude de despreço para com as antigas tradições, muitas das vezes efeito da forçosa aproximação com o mundo exterior (os ciganos com o mundo *gajon*) o que os leva a aprenderem a língua da região, substituindo progressivamente a sua língua original. É neste ponto que as ferramentas teóricas do estudo de *Morte de língua* (ou *Glottotanásid*) são úteis para se entender os estágios que formam o *continuum* que vai da "língua obsolescente" à "língua morta".

A *Ecolingüística* constitui-se no eixo principal desta pesquisa dado o âmbito de sua investigação que abarca um considerável número de situações com as quais lidam os dois campos de estudo acima mencionados, e, em virtude disto, funciona como uma abordagem para a qual convergem conhecimentos de outros ramos da Lingüística, possibilitando assim uma compreensão integral dos fenômenos em análise. Apresento a seguir uma breve explanação dos objetivos de cada uma dessas áreas de estudo, realçando-lhes os pontos teóricos que serviram de guia desde os primeiros momentos desta pesquisa. Significa dizer que a familiaridade com as questões em debate nos campos da Ecolingüística, Contato de línguas e Morte de Língua foram o veio de minha pesquisa de campo. Como ensinava o

célebre antropólogo Bronislaw Malinowski aos seus alunos, a familiaridade com a problemática teórica é um atributo essencial para o pesquisador, pois

Idéias preconcebidas são perniciosas em qualquer trabalho de campo, mas a antevisão de problemas constitui o atributo principal do investigador científico e estes problemas são revelados inicialmente ao observador em seus estudos teóricos; (...) o pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração fornecida pela teoria (apud DURHAM, 1978:8)

3.3.1. Contato de línguas

Se tem algo que se pode aprender do estudo do contato lingüístico é a importância que possui o contexto social imperante. A sociolingüística não é como a química, e quando se juntam duas línguas nem sempre ocorre o mesmo.

René Appel & Pieter Muysken

A importância do estudo do Contato de Línguas de um ponto de vista sócio-político está no fato de, cada vez mais, grupos minoritários tradicionais reivindicarem o reconhecimento de sua cultura e de sua língua materna em meio a conjunturas nacionais etnocêntricas. Na Europa e Ásia, governos nacionais enfrentam há tempos conflitos com grupos étnicos locais que resistem à deterioração de sua identidade. Afinal, o legado da globalização para o nosso tempo - tão funesto quanto foi o colonialismo nos idos do século XVI para os povos ditos "primitivos" - é a uniformização das nações, impondo às sociedades padrões de comportamento socioeconômicos que minam a alteridade dos povos. E isso é um processo oposto ao da diversidade, traço essencial do mundo natural e social.

Para a Lingüística, conforme os autores da epígrafe desta seção, "o estudo do contato de línguas se tem convertido em um paradigma da sociolingüística como entidade global. A sociolingüística como disciplina tem enfatizado a 'diversidade' do uso lingüístico. É evidente que o estudo da diversidade conduz à análise de seu mais claro exemplo: o plurilingüismo" (APPEL & MUYSKEN, 1993:14). Assim, devemos encarar toda sociedade - seja ela composta por falantes monolíngües, seja por falantes bilíngües - como um ecossistema em que coexistem (a) "discursos estilisticamente caracterizados (...) [produzidos por] cada locutor que transforma a língua comum num idioleto" (BOURDIEU, 1996:24) e/ou (b) línguas diferentes que, ao longo de um período de interação entre seus falantes, podem originar uma terceira língua (uma língua mista) ou decretar, num processo análogo ao da seleção natural, o triunfo da língua mais forte (mais prestigiada) sobre a língua mais fraca. Todos são exemplos reais de que a diversidade (variedade) deverá sempre ser o ponto de partida para toda e qualquer investigação a respeito do ser humano.

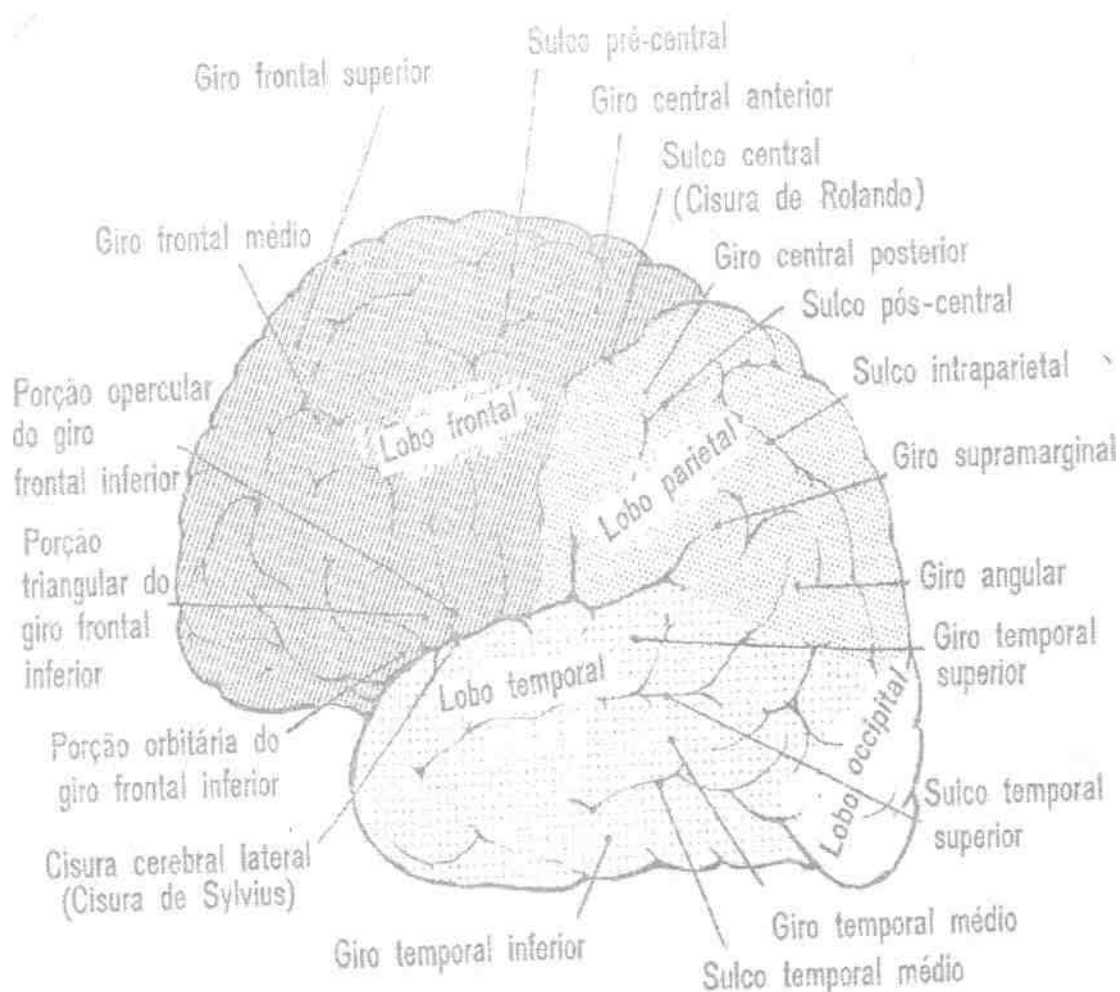
Segundo Appel & Muysken (1996), há dois tipos de bilingüismo: o bilingüismo *social* e o *individual*. O bilingüismo social é aquele encontrado nas sociedades em que se falam duas ou mais línguas. Por ser um recorte muito geral, os mesmos autores operam uma segunda distinção que se reflete em diferentes formas de bilingüismo, salientando o caráter teórico desta divisão visto não ocorrerem de forma pura. Assim, numa primeira situação, temos duas línguas que são faladas por dois grupos diferentes, sendo cada grupo monolíngüe. A comunicação intergrupal necessária fica a cargo de alguns indivíduos bilíngües como ocorria nas antigas colônias. Uma segunda situação é aquela em que todos os falantes são bilíngües à semelhança dos países africanos e da Índia, onde é habitual o povo dominar mais de duas línguas. A terceira situação, que descreve a realidade dos Calon, é a existência em um mesmo território de um grupo monolíngüe e outro bilíngüe. Como enfatizam Appel & Muysken, "en la mayoría de los casos este último grupo es minoritario, quizás no desde un punto de vista numérico o estadístico, pero sí desde una perspectiva sociológica: es un grupo no dominante u oprimido" (1996:10/ Portanto, a atitude adaptativa do grupo minoritário é ser bilíngüe e aprender a língua do grupo dominante que pode permanecer monolíngüe. Veremos mais tarde que nessa interação a língua do grupo minoritário pode entrar num "processo de degenerescência".

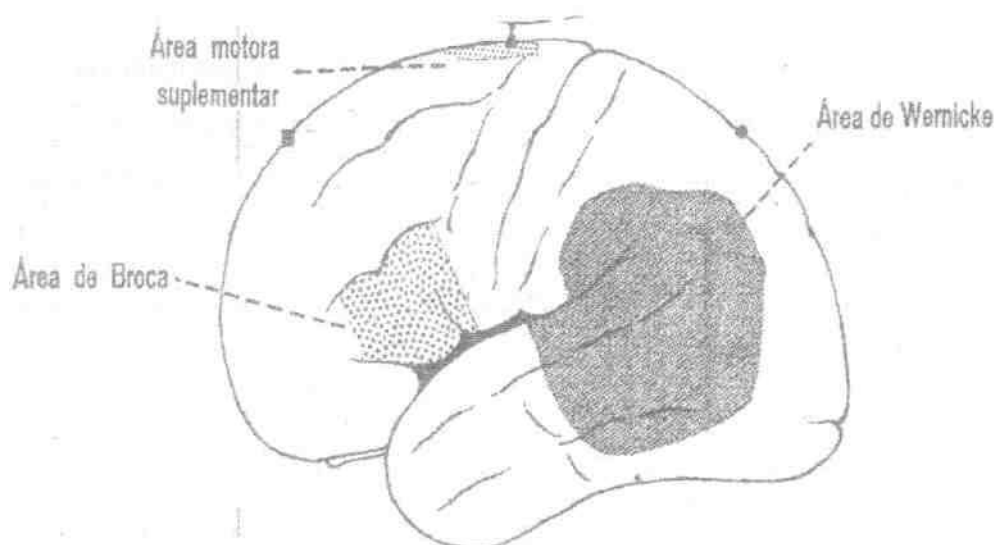
Quanto ao bilingüismo individual, pode-se tratá-lo de um ponto de vista "sociológico", consoante fez Uriel Weinreich que disse que "*la práctica de utilizar dos lenguas de forma alternativa se denominará aquí bilingüismo y las personas implicadas bilíngües*" (apud APPEL & MUYSKEN, 1996:11), de modo que a condição básica para se determinar se uma pessoa é bilíngüe será, pois, o fato de ela utilizar duas línguas em circunstâncias diferentes, não importando o grau de sua habilidade nas quatro modalidades (falar, entender, escrever e ler) da segunda língua. O ponto de vista "psicológico", do qual se pode investigar o bilingüismo individual, volta-se para a representação neurológica das duas línguas ou da representação mental delas. Quanto à primeira, a questão é "se as duas línguas localizam-se na mesma ou em diferentes áreas do cérebro" (APPEL & MUYSKEN, 1996:110). Os compêndios de neuro-anatomia e de patologias neurológicas apresentam as três áreas do cérebro responsáveis pela linguagem (Figura 18), que foram determinadas por meio de casos clínicos com que se defrontou, primeiramente, Broca seguido então por Wernicke que "observou que a destruição do primeiro giro temporal (circunvolução temporal superior) podia abolir as imagens sonoras, o que resultava na falta de compreensão das palavras faladas

devido à disfunção do centro auditivo cerebral (CHUSID, 1972:216 *et seq.*). Isto porque, como explicam Richard Leakey e Roger Lewin em *O Povo do Lago*,

a área de Wernicke recebe informações dos canais auditivos e visuais, e não é acidentalmente que esta importante peça do equipamento da linguagem está próxima a uma 'área de associação' de grande importância do cortex, um grupo de nervos que integram e comparam as informações recebidas através de todos os órgãos dos sentidos. Quando temos algo a dizer, a área de Wernicke organiza as palavras de acordo com uma forma gramatical básica, e então envia sinais para a área de Broca ao longo de um feixe de nervos conhecido como fascículo arqueado; a estrutura do circuito, na área de Broca, responde pela coordenação da respiração, pela tensão das cordas vocais e pelo movimento da língua e dos lábios, de forma que os sons corretos sejam emitidos (1988:187).

Figura 18 - Vista lateral do hemisfério cerebral esquerdo e; As três áreas de linguagem do hemisfério cerebral dominante. (1) A área posterior ou parietotemporal (área de Wernicke) é a mais importante. (2) A anterior, ou área de Broca, é a segunda em importância, mas dispensável pelo menos em alguns pacientes. (3) A área superior ou motora suplementar é dispensável, mas pode ser importante após a lesão de outras áreas de linguagem





Fonte: CHUSID, Joseph G., MD. *Neuroanatomia Correlativa & Neurologia Funcional* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1972.

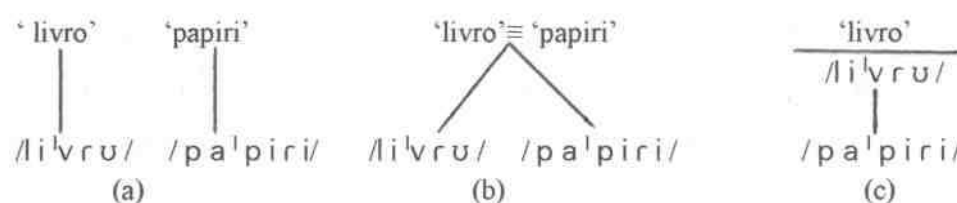
Portanto, é consenso na comunidade científica de que as áreas relativas ao centro lingüístico da espécie humana estão localizadas todas no hemisfério esquerdo do cérebro. Como tentativas de responder a indagação proposta anteriormente (qual a representação neurológica das duas línguas?), Paradis (1980) apresenta duas teses: "a *hipótese do sistema estendido* na qual se afirma que duas línguas formam um só sistema e que os elementos das duas línguas se apoiam nos mesmos mecanismos neurológicos; (...) e a *hipótese do sistema dual*, em que as duas línguas estão localizadas na mesma área, mas cada língua se apoia em mecanismos neurológicos diferentes (nesta perspectiva, as duas línguas estão representadas no cérebro humano de forma independente)" (grifos meus) (APPEL & MUYSKEN, 1996:111-112). Paradis propõe uma hipótese conciliadora - a *Hipótese dos subsistemas* - que admite que as línguas se entrelaçam num sistema único estendido, porém os elementos de cada uma delas formam subsistemas independentes. Estudos veiculados recentemente pela mídia sobre aquisição de segunda língua trazem proposições interessantes, sendo uma delas a de que a segunda língua (L2) permanece no lado direito do cérebro do falante até o momento em que a expressão e compreensão deste falante na L2 torne-se tão espontânea e imediata quanto a comunicação na L1. A partir de então, acredita-se que a L2 migra para o lado esquerdo do cérebro, associando-se definitivamente à língua materna. Adiante acrescentaremos algumas variáveis que podem comprometer o processo de aquisição da L2.

Visto que minha abordagem neste estudo não é de caráter neurolingüístico, nem pretende resolver a questão de se as duas línguas compartilham ou não os mesmos mecanismos neurológicos, julgo que a explanação acima serve para demonstrar o grau de complexidade das relações que mantém uma língua com a outra no meio ambiente fisiológico de um falante bilíngüe.

No tocante à representação mental das duas línguas, estamos diante do problema de indicar com o máximo de precisão se há um "léxico mental conectado com cada língua" e, a partir daí, "saber se as duas línguas são mental ou psicologicamente independentes, com dois léxicos independentes, ou se o indivíduo bilíngüe opera sobre a base de um léxico mental unificado" (APPEL & MUYSKEN, 1996:109). É fato que os investigadores não têm acesso direto ao cérebro ou à mente bilíngüe. Em virtude disto, não há como constatar empiricamente se se trata de um léxico somente ou dois no sistema cognitivo do falante de duas línguas. O que se pode fazer, nesta questão, é inferir as possíveis respostas a partir dos fenômenos observáveis.

Weinreich (1953) distinguiu três tipos de bilingüismo: (1.º) *Bilingüismo coordenado*, em que as palavras equivalentes nas duas línguas têm significados (ligeiramente) diferentes ou se referem a conceitos diferentes; (2.º) *Bilingüismo composto*, postula que duas formas, como p.ex., /li'vrʊ/ e /pa'piri/, têm um significado idêntico: < livro > = < papiri >. Por conseguinte, o referente é um livro de maneira geral para o qual a mente do bilíngüe composto disponibiliza dois significantes; e (3.º) *Bilingüismo subordinado*, que reconhece uma das línguas como dominante e as palavras da língua não-dominante são interpretadas através das palavras da língua dominante. Disto advém que o "bilíngüe subordinado aprende a segunda língua com a ajuda da primeira língua ou língua dominante" (APPEL & MUYSKEN, 1996:113).

Figura 19 - A representação esquemática dos três tipos de bilingüismo propostos por Uriel Weinreich: (a) Bilingüismo coordenado; (b) Bilingüismo composto, e (c) Bilingüismo subordinado



Fonte: APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996, p. 112.

Ervin & Osgood (1954), após uma revisão da tipologia de Weinreich, reduziram-na a dois tipos, o bilingüismo coordenado e o composto, incluindo neste último o tipo subordinado de Weinreich, e propuseram que o bilingüismo coordenado e composto surgem em "contextos de aquisição diferentes". Em outras palavras, "quando os falantes adquirem as línguas em contextos independentes se convertem em bilíngües coordenados. O sistema composto se desenrola quando as duas línguas são adquiridas e usadas no mesmo contexto" (APPEL & MUYSKEN, 1996:113). Lambert e seus colegas empenharam-se em comprovar empiricamente tal teoria, e de seus estudos pôde-se inferir que bilíngües coordenados cujas línguas foram adquiridas em culturas geograficamente diferentes diferem daqueles que as adquiriram em contextos distintos dentro da mesma região geográfica, tal como se dá com as novas gerações nas comunidades ciganas. Assim, emergia uma subdivisão no interior do grupo coordenado que reconhecia, de um lado, uma classe de bilíngües coordenados *biculturais* e, de outro lado, a de *monoculturais*. Portanto, a "experiência cultural" parecia mais importante do que o contexto de aquisição no momento de estabelecer a tipologia.

A distinção eomposta-coordenada caiu em desuso em virtude das contestações à metodologia e teoria empregadas na sua formulação. Segundo Appel & Muysken (1996), as críticas recaíram não só no "modo como se estudava o 'significado' nos experimentos", focado exclusivamente nos aspectos afetivos e emotivos, mas também na opção de trabalhar com palavras isoladas, o que era incompatível com a distinção original de Weinreich, dado que esta se fundava na análise do sistema lingüístico completo. Outro aspecto descartado nos experimentos foi a "história lingüística" dos sujeitos participantes, ponto este que se levado em conta na hora de analisar o modo como um bilíngüe armazena as palavras de sua língua teria evidenciado outras dimensões obscuras da organização semântica e conceituai da mente bilíngüe.

De maneira que, ao superar-se a distinção composto-coordenado, a atenção dos investigadores do campo do bilingüismo pendeu para o *léxico mental* (ou seja, uma espécie de dicionário interno à mente do indivíduo que contém 'entradas' correspondentes a cada palavra conhecida por ele, sendo que cada uma destas entradas apresenta informações de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica) ou para a *memória semântica* (a representação mental do conhecimento que o indivíduo possui do mundo, o que se expressa por meio dos conceitos internalizados e a relações entre tais conceitos) dos falantes bilíngües, o que, se comparado aos objetivos das pesquisas anteriores, não diferia muito. Agora, a

inquirição dos investigadores era a de se "os bilíngües armazenavam a informação de um modo centralizado e acessavam-na de igual maneira em ambas as línguas, ou se existia relação entre o armazenamento da informação e cada uma das línguas, i.e., se o bilíngüe possuía dois léxicos mentais independentes" (APPEL & MUYSKEN, 1996:116)

Houve duas hipóteses a respeito de como se configuraria o armazenamento lexical na mente do falante bilíngüe: (1) A hipótese do *armazenamento duplo*, que sugere que cada uma das duas línguas possui um sistema semântico independente; e a (2) A hipótese do *armazenamento único*. Esta última hipótese se confirma por meio da versão bilíngüe de uma técnica conhecida por "prova de Stroop", que consiste em escrever o nome de uma cor com a tinta de outra cor, por exemplo, a palavra alemã *schwarz* ("preto") impressa em tinta amarela requeria do falante que ele nomeasse em inglês a cor empregada na escrita de *schwarz* (a resposta correta seria *yellow*). Observou-se a ocorrência de uma razoável quantidade de "interferências interlingüísticas", ou seja, a palavra *schwarz*, cujo significado é "preto", provocava lentidão no tempo de processamento do nome da cor empregada na sua escrita. Trabalhando basicamente com a mesma técnica, Ehri & Ryan deduziram que "as unidades léxicas das diferentes línguas estão automática e estreitamente conectadas na memória semântica, e o bilíngüe não pode desativar a língua inativa" (*apud* APPEL & MUYSKEN, 1996:117).

Até o presente momento, descrevi as experiências desenvolvidas por estudiosos de vários campos do saber no sentido de apreender a verdade por trás dos fatos referentes à comunicação bilíngüe. Muito mais haveria para ser dito sobre bilingüismo, mas meu intuito se volta para a busca de mais parâmetros teóricos que dêem conta da realidade multifacetada que é o contato de línguas. Para tanto, mencionarei algumas das formulações concernentes à mudança e manutenção de língua, dado que estes dois assuntos estão diretamente implicados no contexto da comunidade cigana que estou analisando. Farei uso das reflexões dos professores Terrence Kaufman e Sarah Thomason, ambos da Universidade de Pittsburgh.

A teoria de Thomason e Kaufman (1988) do contato lingüístico identifica dois processos distintos, pelos quais um traço estrangeiro pode disseminar-se de uma língua A para uma língua B: (i) o *Empréstimo*, iniciado por falantes nativos da língua A, a qual incorpora traços da língua B. Neste processo, a língua nativa (língua A) mantém-se, mas é modificada em grande medida pelo ingresso de palavras estrangeiras (da língua B) em seu léxico; e (ii) a *Mudança lingüística*, introduzida pelos falantes nativos da língua A que

introduzem nela traços lingüísticos imperfeitamente aprendidos. Trata-se aqui de um tipo de interferência - a denominada "interferência no substrato" - produzida por um grupo de falantes que alteram a própria língua, de forma muitas vezes inconsciente, realizando "uma réplica imperfeita [da língua] nas [suas] interações (...) no momento em que adaptam suas estratégias comunicativas uns aos outros ou a novas necessidades" (MUFWENE, 2001:11). Em outras palavras, o chamado "grupo de mudança" comete erros durante a aprendizagem da língua, e tais erros, como veremos adiante, podem ser adotados pelos demais membros da comunidade de fala. É por isso que esta interferência tem início nos sons e na sintaxe, englobando algumas vezes as unidades e os processos morfológicos.

Além dos fatores puramente lingüísticos, os citados professores consideram - na investigação da mudança lingüística induzida pelo contato - apenas um fator social: a intensidade do contato. Sabe-se que a intensidade do contato não é a mesma para situações de mudança e manutenção de língua.

Nos casos de mudança lingüística, que é a minha preocupação nesta pesquisa, se o "grupo de mudança" é relativamente pequeno em comparação ao "grupo de falantes da língua-alvo" (entenda-se o dialeto romani próprio, no caso dos ciganos), haveria pouca ou nenhuma interferência na língua-alvo como um todo, a não ser que estivéssemos diante de um subgrupo isolado como, por exemplo, falantes indígenas de inglês ou falantes irlandeses de inglês. Thomason e Kaufman acreditam que, em casos similares ao do exposto acima, os falantes causadores da mudança, na ausência de barreiras atitudinais, teriam mais provavelmente acesso à língua-alvo como falada pelos nativos; e, mesmo se os aprendizes cometessem erros, a irradiação destes erros não seria tão grande a ponto de os falantes da língua-alvo contraí-los. Mas consideram os autores que se a mudança ocorre num ritmo mais rápido e o "grupo de mudança" é numericamente maior na comunidade, a estrutura da língua-alvo não estará plenamente acessível a todos os membros, de modo que provavelmente ocorrerá uma aprendizagem imperfeita e os erros dos aprendizes se espalharão mais intensamente por toda a comunidade de fala da língua-alvo.

Numa situação de empréstimo intensa, sub sistemas inteiros ou mesmo a totalidade da gramática seria tomada emprestada de outra língua juntamente com um vasto repertório de palavras; ou, em casos mais extremos, poderia ocorrer o fenômeno conhecido por *morte de língua*. Há uma outra alternativa, em que somente porções do vocabulário da língua-alvo, incluindo muito do vocabulário nuclear, é mantido com êxito. Estes casos -característicos de grupos minoritários em situação de enclave - envolvem uma obstinada e

persistente resistência à assimilação cultural total ante a esmagadora pressão cultural de longo prazo exercida pelos falantes da língua da sociedade hospedeira. É exatamente este o quadro em que se encontram os Calon do município de Mambáí.

3.3.2. Ecolingüística

Tudo está ligado, como o sangue que une uma família. Todas as coisas estão ligadas. O que acontece na Terra recai sobre os filhos da Terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida. Ele é só um fio dentro dela. Tudo o que ele fizer à teia estará fazendo a si mesmo.

Chefe Seattle (1856)

A Ecolingüística é um dos mais recentes ramos de investigação da ciência lingüística. Seu foco é a diversidade de línguas humanas e a função biológica e social que tal diversidade cumpre, qual seja, a de impedir os danos causados pelo monoculturalismo e, nesse sentido, busca "oferecer um modelo de coexistência de línguas majoritárias e minoritárias dentro de uma mesma zona de comunicação" (MUHLHAUSLER, 2000:2), bem como a compreensão de "fatores, como a variação interidioletal e transdialetal, que são considerados como partes de sistemas coexistentes no ambiente de uma língua comunal" (MUFWENE, 2001:22). Isso é, particularmente, importante quando se lida com línguas minoritárias com reduzido número de falantes e que se encontram no interior dos territórios de outras línguas. Daí advém outra das preocupações dos ecolingüistas: o estudo da adaptação de línguas a novas condições ecológicas; e por isso, creio que as línguas ciganas ao redor do mundo são objetos tão apropriados a este tipo de investigação.

Meu propósito, com a seção anterior, foi apresentar o conjunto de variáveis que intervém num estudo aprofundado do contato de línguas. "A língua existe somente nas mentes de seus usuários, e funciona na relação desses usuários uns para com os outros e para com a natureza, isto é, o seu ambiente social e natural", afirmava o professor Einar Haugen a quem é creditada a cunhagem do termo *ecologia da língua*. Portanto, parte da ecologia de uma língua é de natureza psicológica - ou seja, toda aquela discussão de se as línguas seguem ou não os mesmos mecanismos neurológicos, ou se o léxico de cada língua é estanque ou osmótico em relação ao da outra, enfim, como se dá a interação entre as línguas na mente do falante multilíngüe - e outra parte é sociológica, pois diz respeito às pessoas que a aprendem, usam-na e a transmitem aos demais da comunidade. Mas é imprescindível também levar em conta as condições ecológicas externas de uma língua quando nos propomos a investigar os processos que provocaram mudanças em seu sistema (em nosso caso, no do dialeto *calon*),

pondo em alguns casos em risco a sobrevivência da língua. Isto porque a variação, como um importante fator ecológico interno, "pode orientar a estrutura de uma (variedade de) língua em uma nova direção se suas condições ecológicas externas mudarem" (MUFWENE, 2001:124).

Então, há de se ter em mãos um novo modelo teórico que lide com todos esses determinantes expostos no parágrafo anterior. De fato, o que me tem orientado nesta pesquisa é mais que um modelo teórico e sim uma visão de mundo, oportunamente batizada de *Gaia*, que tem entre seus proponentes cientistas como James Lovelock, Lynn Margulis, Francisco Varela, Humberto Maturana dentre outros. Um desses outros é um pesquisador com uma singular formação acadêmica que inclui biologia, antropologia, epistemologia, lingüística e psicoterapia. Seu nome é Gregory Bateson, autor de *Mind and Nature: A Necessary Unity*, que tem como um dos traços de suas formulações o pensamento silogístico do tipo "afirmação do conseqüente" como o apresentado a seguir.

A planta morre.

Os homens morrem.

Os homens são plantas

Nesta dedução, o valor de verdade está em "morre-morre, aquele que morre é semelhante àquela outra coisa que morre" (BATESON, 2001:43 *apud* THOMPSON). Ou seja, o raciocínio está interessado na identificação dos predicados, não de classes e sujeitos de sentenças. Para alguns críticos, como os de Gregory Bateson, tal forma de pensamento "seria aceitável se [Gregory] fosse um poeta, mas se torna improcedente para ser usado por um biólogo" (BATESON, 2001:42). No entanto, tal forma de pensar nos é bastante conhecida, a metáfora, e está presente há muito na história da humanidade. A metáfora fundamenta-se "na translação de significado motivada pelo emprego em estruturas sintagmáticas, em que os termos implicados [planta e homens, por exemplo] pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados" (BECHARA, 2000:397). E os termos tornam-se assemelhados por que os atributos, predicados de cada um assim o demonstram, como o "princípio de vida" que todos nós (homens, animais, plantas, minerais) compartilhamos. Para Bateson,

ficou evidente que a metáfora não era apenas uma agradável poesia. Não era tampouco uma lógica boa ou má. Mas era de fato a lógica sobre a qual o universo biológico tinha sido construído; a característica principal, o fator agregador do mundo do processo mental. (BATESON *apud* THOMPSON, 2001)

Nos parágrafos seguintes, tratarei de certos fenômenos lingüísticos, dos quais vim me ocupando, segundo a visão da Ecolingüística, que aproveita muito dos princípios da teoria de Gaia nos estudos lingüísticos. Nesta perspectiva, investigaremos a língua e o que acontece a ela por meio de um raciocínio construído não a partir de categorias lógicas - como o fez o estruturalismo, "sacando" a língua de seu ambiente e tratando-a como um sistema autônomo -, mas sim com um raciocínio erigido sobre metáforas; metáfora com a biologia, com a ecologia, com a Vida num sentido mais amplo, concebendo a língua como parte de um ecossistema maior. Com isso, estarei seguindo os passos daqueles estudiosos como Mufwene, que acredita que o "porquê de uma língua particular está/esteve em perigo de extinção, pode ser encontrado em sua ecologia, tanto interna quanto externa."

A escolha teórica de analisar as línguas como "espécies", conforme o sentido que este conceito tem para a Ecologia, não é novidade no campo das ciências humanas. As ciências sociais, em seu devido tempo, beneficiaram-se de noções trazidas do bojo das Ciências Naturais, como demonstra o comentário do antropólogo evolucionista E. B. Tylor, autor de *Primitive Culture*:

Para o etnólogo, o arco e a flecha formam uma *espécie*, o costume de deformar o crânio das crianças é uma *espécie*, o hábito de agrupar os números em dezenas é uma *espécie*. A distribuição geográfica destes objetos, e sua transmissão de região a região, devem ser estudadas da mesma maneira como os naturalistas estudam a distribuição geográfica de suas espécies animais ou vegetais. (TYLOR, 1871:7)

Na história dos estudos lingüísticos, existiu um grupo de estudiosos conhecidos por "neogramáticos" que conceberam a língua como um organismo vivo e, portanto, destinada a passar pelos mesmos estágios da existência dos demais seres vivos, ou seja, nascimento, crescimento e morte. Em nossos dias, o renomado crioulista Salikoko Mufwene assume que uma língua é uma *espécie* mas não um organismo. Tomando a dicotomia chomskiana entre língua internalizada (Língua-I) e língua externalizada (Língua-E) como ponto de referência, Mufwene diz que uma língua-I é basicamente um idioleto visto ser o sistema individual do falante de uma língua. O idioleto é para uma língua o que o indivíduo (organismo) é para uma espécie em genética de populações, pois nenhum dos indivíduos de uma população é igual ao outro. Resta que a língua coletiva de uma comunidade lingüística nada mais é que extrapolações de línguas-I com as quais os falantes comunicam-se uns com os outros eficientemente na maior parte do tempo. De modo que se consideramos a língua como um organismo, não podemos admitir ao mesmo tempo que ela não seja um todo homogêneo como de fato não é.

Outra preocupação de Mufwene foi evitar a equivalência entre espécies biológicas e lingüísticas. Por conseguinte, ele explica que "uma espécie lingüística deve ser definida em termos próprios independentes e suas propriedades evolucionárias hipotetizadas segundo uma combinação própria de suas características ontológicas. Essas características explicam tanto as similaridades quanto as diferenças que revelam o parentesco mais próximo desta língua na evolução biológica" (MUFWENE, 2001:2).

A língua é, então, entendida como "uma **espécie lamarckiana** - cuja composição genética pode se modificar várias vezes ao longo da existência - e também como uma **espécie parasita** - cuja existência e vitalidade depende de (os atos e disposições de) seus hospedeiros, i.e., seus falantes" (MUFWENE, 2001:16). Afinal, são essas "disposições e atos dos falantes" que provocam, segundo certos autores (*vide* THOMASON & KAUFMAN), os chamados empréstimos e/ou interferências no substrato que acarretam as mudanças lingüísticas. Assim, se tomamos a língua como uma espécie parasita, é preciso que se entenda que "parasitas afetam os comportamentos de seus hospedeiros", mas também "adaptam-se às respostas comportamentais de seus hospedeiros" (MUFWENE, 2001:152).

O estudo do contato de línguas, tema central na Crioulística, que levara os lingüistas a elaborarem novos modelos teóricos a fim de explicar a dinâmica da relação entre duas ou mais línguas postas em contato, tem também correspondência na Ecologia quando esta se propôs, desde o início, a entender como cada parte se encaixa no todo, enfatizando a inter-relação de toda a natureza. Afinal, o que é o contato de línguas senão o inter-relacionamento de línguas diferentes cujo resultado pode ser uma associação íntima entre elas (que leve à formação de um pidgin ou crioulo) ou a coexistência delas num contexto bilíngüe, o que pode em determinados casos levar à extinção de uma das línguas? Em situações de contato, é inevitável que mudanças ocorram. E, neste sentido, é preciso chamar atenção, como o faz Mufwene em *The Ecology of Language evolution*, para o fato de que "o contato está em toda parte, começando no nível dos idioletos" (MUFWENE, 2001: 146).

As "mudanças podem consistir numa erosão da vitalidade de uma variedade de língua e/ou na confusão de sua identidade, ou em sua *morte*." (MUFWENE, 2001:146). O processo de glototanásia (morte de língua) pode ser a decorrência natural de uma situação de "enclave" a que estão submetidos os falantes de uma língua minoritária. Em outras palavras, os falantes de *colon* estão espalhados no território dos falantes da língua dominante (o português) de uma forma "ganglionada", isto é, as famílias constituindo pequenos núcleos

Fica claro que se uma comunidade de fala está fragmentada - e este é o caso de uma boa parte das comunidades ciganas no Brasil - cada "fragmento" que compõe a comunidade dependerá diretamente de uma quantidade mínima de indivíduos competentes para manterem aquela língua viva. É algo similar ao que, em Ecologia, se denomina 'variação randômica' no tamanho da população, ou seja, variações no número de nascimentos e de mortes por que passa uma população durante um período qualquer. Do ponto de vista lingüístico, trata-se do número de novos falantes (nascidos) que aprenderão a língua-alvo, já modificada, de indivíduos da comunidade que se encontra muitas vezes desfalcada dos anciãos (mortos): os reais guardiões da versão mais próxima da língua original. Se é verdade para a Ecologia que "as populações muito pequenas, tais como aquelas isoladas em fragmentos restritos de hábitat, podem tornar-se *extintas* apenas 'por acaso' se elas passarem por uma série de anos muito infelizes", para a Lingüística, no que se refere à sobrevivência de uma língua, poderemos estudar os grupos ciganos, uma vez que se encaixam em todas as condições previstas (restrição de tamanho¹³ na comunidade, isolamento e infortúnios subseqüentes) a fim de validar ou não tal assertiva.

No entanto, o fato de um dialeto oriundo do Romani, a língua-tronco, ter sobrevivido a milhares de anos de perseguições, interdições de uso da língua, violência de governantes aos seus costumes, e, sobretudo, contato com outros povos, mantendo ainda hoje vestígios da língua-tronco, é prova de alta capacidade de adaptação desta língua. Para Mufwene, evolução é justamente isso: adaptações a mudanças ecológicas. Uma vez que o dialeto específico de cada grupo cigano espalhado pelo mundo descende do Romani, a diversidade entre eles pode ser o efeito justamente de **adaptações ambientais locais**, ou seja, tribos e bandos de ciganos quando de suas diásporas da Índia seguiram por diferentes rotas, estabelecendo-se temporariamente em variadas regiões, travando contato e assimilando traços lingüísticos peculiares à língua de povos diversos.

Com isso, fica notório que as mudanças nos atributos hereditários de uma língua devem ser produto das forças não só sócio-históricas, mas também ambientais que incidem sobre ela. Robert Ricklefs, professor de biologia da Universidade da Pensilvânia, ao tratar da avifauna do Haváí, explica que "as numerosas espécies de 'pegador-de-mel' (*honeycreeper*, família *Drepanidae*, muitos deles já extintos) descenderam de um único colonizador semelhante ao tentilhão da América do Norte de alguns milhões de anos atrás. Ao longo do tempo, as espécies descendentes diferentes desenvolveram diferenças de tamanho de

¹³ Relativo ao número de falantes que são fluentes no *chibe de calon*.

corpo e forma de bico que as capacitam a explorar uma grande variedade de recursos alimentares" (Figura 22). A exemplo da avifauna das ilhas havaianas, que em Ecologia constitui caso clássico de irradiação adaptativa (a "evolução de diversas formas provenientes de um estoque ancestral único, muitas vezes após (...) a introdução numa nova zona adaptativa"), o diagrama da figura 21 apresenta os vários dialetos pro vindos do Romani (o estoque ancestral único), dispersos nas diferentes regiões do território europeu, o que justifica a consideração de que

Populações parasíticas [i.e., as línguas propriamente ditas] são mais prováveis de se especializar, portanto de se diversificar em subespécies aparentadas, do que seus hospedeiros (THOMPSON, 1994:132), fato tão bem ilustrado pela especiação dialetal. Em tal caso, o desenvolvimento de dialetos distintos não implica o desenvolvimento de diferentes grupos étnicos ou biológicos (MUFWENE, 2001:152)

Figura 21 - A ramificação europeia do Romani

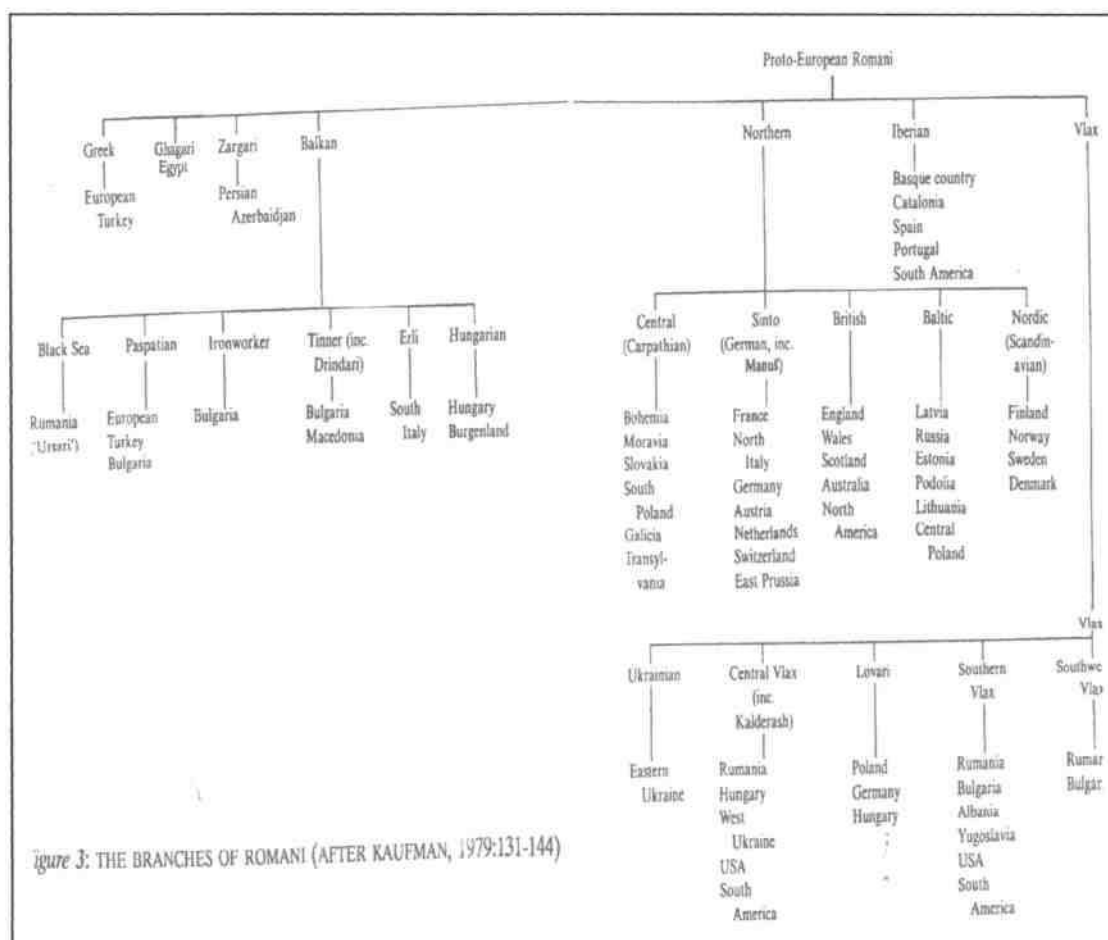
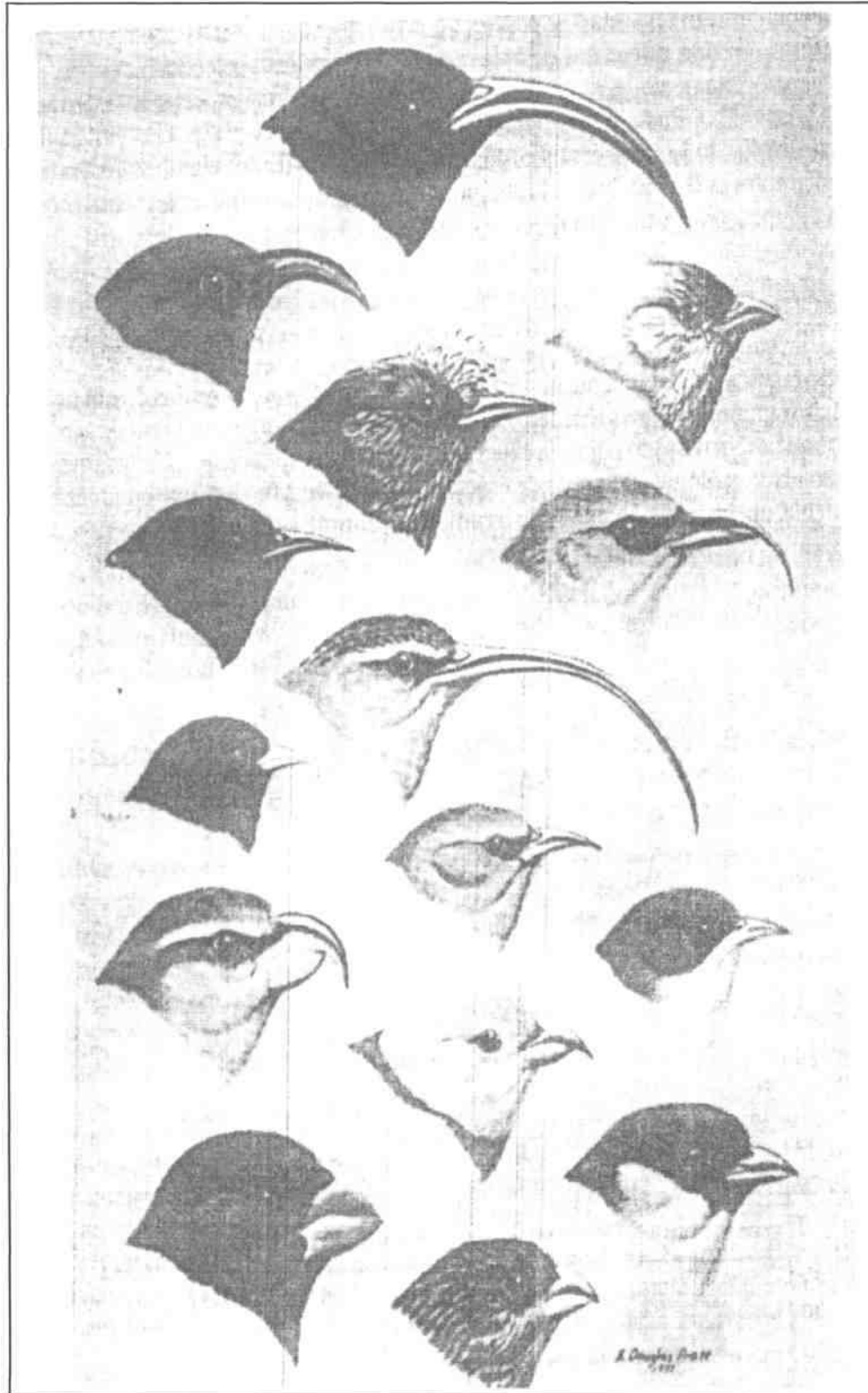


Figura 22 - Espécies de 'pegador-de-mel' (*honeycreeper*, família *Drepanidae*) descendentes do tentilhão da América do Norte



Fonte: RICKLEFS, Robert E. *A economia da Natureza*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

Visto que nenhuma língua permanecerá intocada, claro está para nós, lingüistas, que toda língua passará por transformações que se originam não exclusivamente de forças internas ao sistema mas igualmente de forças do meio ambiente (como, por exemplo, condições de transmissão da língua; situações de bilingüismo; tamanho da população, diferenças nas condições iniciais, processos operando em diferentes escalas de tempo etc.) atuantes sobre os falantes. É no seio destas situações que ocorre o fenômeno da variação lingüística. Ou seja, tal como "o processo evolutivo pelo qual os organismos tornam-se melhor ajustados aos seus ambientes" (RICKLEFS, 1983:437), como o caso das espécies de "pegador-de-mel" visto acima, nada é capaz de barrar a dinâmica evolutiva de um sistema lingüístico no tempo e no espaço, a não ser a sua morte. Bem apropriada ao assunto é a colocação do professor da Universidade de Chicago, Salikoko Mufwene, "fatores ecológicos externos têm ligação com a reestruturação mas também com a vitalidade dos aspectos da língua, estando inclusive associados com o risco de extinção da língua" (MUFWENE, 2001:1)

a) O Dialeto *calon* da comunidade de Mambaí

No Brasil, a comunidade cigana de ascendência ibérica está dispersa pelo país, desde o período colonial de nossa história, constituindo "bandos" que são agrupamentos de famílias cuja principal característica, nos dias atuais, é a descontinuidade (*vide* Figura 20). Para Mufwene, línguas e comunidades lingüísticas prestam-se perfeitamente à comparação com *metapopulações* em ecologia dado que estas "consistem de manchas de habitat [ou seja, são descontínuas] conectadas por indivíduos dispersadores" (HANSKI *apud* MUFWENE, 2001). Neste sentido, não é difícil encarar os chefes ciganos - estamos, é claro, nos referindo aos Calon que são os únicos em nosso país a elegerem chefes (Cf. ADOLFO) - como "indivíduos dispersadores", pois, sendo a função precípua deles zelar pelos negócios e harmonia do bando, se vêem na obrigação de empreender viagens a todas as localidades em que existam familiares e bens de famílias.

Uma vez que os Calon estão há bastante tempo em nosso território (aproximadamente 450 anos), não só os costumes tradicionais modificaram-se como também o (s) seu (s) dialeto (s). Tais modificações foram imprescindíveis à sobrevivência do grupo e, por isso, preferimos encará-las como *adaptações*, i.e., acomodações de uma espécie a Condições adversas daquelas que lhe são inerentes. Assim, de um ponto de vista ecolingüístico, evolução nada mais é que adaptações a mudanças ecológicas. "Sistemas lingüísticos podem evoluir tanto na direção de uma maior complexidade estrutural quanto no

sentido de uma maior simplicidade, ou mesmo podem ser *reestruturados* sem se tornarem mais complexos ou mais simples" (grifo meu) (MUFWENE, 2001).

No meu entender, os fatores que concorreram para a reestruturação do dialeto *calon* do grupo de Mambaí são: (a) a situação de enclave; (b) a intensidade do contato; (c) a relativa incorporação à cultura dominante; (d) a transmissão imperfeita do dialeto aos novos falantes. A tendência na comunidade Calon de Mambaí é de um aprendizado cada vez mais deficiente da língua que já apresenta níveis consideráveis de desgaste, e que de original mantém unicamente o vocabulário (característica de anticrioulo). Afinal,

no interior de uma população, os traços lingüísticos (aproximadamente comparáveis aos 'genes') são transmitidos não só verticalmente (de falantes mais velhos aos mais jovens) e horizontalmente (entre pares), mas também bidirecionalmente: em alguns casos, as crianças influenciam, por sua vez, os comportamentos lingüísticos de seus pais mais do que eles a elas (MUFWENE, 2001:16).

Passados tantos séculos, é surpreendente, no entanto, notar a correspondência de formas da espécie lingüística *calon* com as formas originárias, ou seja, com as do caló (dos ciganos espanhóis) e com as do calão (dos ciganos portugueses). As alterações fonéticas e morfológicas sofridas se explicam predominantemente por fatores externos, isto é, o contato entre línguas diferentes. Como bem assinalou Victor A. Friedman, da Universidade de Chicago, "enquanto os vários dialetos do Romani mostram diferenças significativas, a essência comum do Romani apresenta-se não menos uniforme neles (nos dialetos) do que muitas das línguas européias em sua significativa variação dialetal" (tradução nossa, *apud* HANCOCK, 1995).

Tabela 1 - Dados que demonstram o parentesco entre o caló, calão e *calon*

PALAVRAS	CALÓ	CALÃO	CALON
<i>muito</i>	<i>but</i>	<i>bute</i>	[b u tʃ i]
<i>égua</i>	<i>grañi</i>	<i>grañi</i>	[g r a γ ' n i]
<i>mãe</i>	<i>Bata</i>	<i>Dai/Bata</i>	[d a j]
<i>bem</i>	<i>misto</i>	<i>mistó</i>	[m i ʃ ' t o r i]
<i>grande</i>	<i>baró</i>	<i>baró</i>	[b a ' r o]
<i>água</i>	<i>pañi</i>	<i>pañi</i>	[p ã j]

<i>Deus</i>	<i>debel</i>	<i>debel</i>	[du'veli]
<i>atrás</i>	<i>apala</i>	<i>apalé</i>	[apa'léi]
<i>doente, enfermo</i>	<i>nasaló</i>	<i>nasaló</i>	[naʃa'ló]
<i>sabão</i>	<i>sampuñi</i>	<i>sapuñes</i>	[sa'puni]
<i>pai</i>	<i>bato</i>	<i>bato</i>	[batʃi]
<i>nada</i>	<i>chi</i>	<i>chi</i>	[ʃi'ʃi]
<i>arroz</i>	<i>corpiche</i>	<i>colpiche</i>	[kuru'piʃi]
<i>ouro</i>	<i>sanaca</i>	<i>sacanay</i>	[suna'ka]
<i>casa</i>	<i>Que/queré</i>	<i>Qué/quer</i>	[ke'ri]
<i>manhã</i>	<i>Tasala di calicó</i>	<i>Tasara di calicó</i>	[trasalita]
<i>marido</i>	<i>rom</i>	<i>ron</i>	[xo]
<i>gente</i>	<i>sueti</i>	<i>suete</i>	[seti]

b) Como a imigração pode assegurar a diversidade lingüística da Terra?

Como visto em seções anteriores, uma das preocupações da Ecolingüística é com a diversidade lingüística. Neste sentido, iniciativas como a do professor do Instituto Tecnológico de Massachussets, Kenneth Hale, e de outros colaboradores (por exemplo, Leanne Hinton) na publicação de material destinado à revitalização de línguas em risco de extinção (*endangered languages*), como *The Green Book of Language Revitalization in Practice*, são dignas de menção. Afinal, à semelhança da biodiversidade, "ninguém tem a conta exata dos idiomas do planeta", assegura o lingüista David Harrison, especialista em idiomas siberianos, que recentemente "descobriu" uma língua na Sibéria Central, chamada de *chulym médio*, falada por 35 membros de uma comunidade de 426 criadores de renas.

Na edição brasileira da respeitável revista *Scientific American* (junho 2004), tratou-se da questão da ameaça da diversidade lingüística da Terra em face do avanço de algumas línguas majoritárias. O autor do artigo, Reinaldo José Lopes (editor-assistente da referida publicação científica), abre a matéria, citando uma estatística alarmante: "metade dos cerca de 6.800 idiomas humanos vivos hoje, (...) podem sumir do mapa em meros 50 anos caso as tendências atuais se mantenham" (LOPES, 2004: 59).

O artigo revela um fato intrigante. O fim do Pleistoceno (a conhecida Era Glacial, período da extinção de muitas espécies de plantas e dos grandes mamíferos) foi o provável pico da diversidade lingüística humana. Isto porque, neste período, que remonta a cerca de 12 mil anos, a dispersão das comunidades de caçadores-coletores por quase todas as regiões da Terra teria se constituído no "(...) meio de cultura ideal para a formação de novas línguas" (LOPES, 2004:60). Com a mudança nos meios de subsistência (passagem da caça/coleta para a agricultura/criação de animais), as línguas daqueles caçadores-coletores foram gradativamente exterminadas pelas comunidades sedentárias. Tal fato talvez explique a predominância de idiomas indo-europeus na faixa que vai da Irlanda à Índia, ou mesmo de línguas *bantu* na África negra.

Outro tópico enfatizado por Reinaldo Lopes, e que é muito oportuno quando se fala em conservação de línguas e povos, é a compreensão de que sistemas lingüísticos vão além de suas estruturas e relações, constituindo-se em verdadeiros "mapas das possibilidades cognitivas de uma cultura, delimitando o que pode ser dito e como fazê-lo" (LOPES, 2004:61). Isto me fez recordar o grande desafio, ainda em vigor, da Etnolingüística: provar a hipótese Sapir-Whorf. De acordo com esta hipótese, "é a língua de uma determinada comunidade que organiza a sua cultura, isto é, o modo como esse povo apreende a realidade e a representação que ele elabora do mundo" (DUBOIS *et al.*, 1973:617). Desta maneira, o desaparecimento de uma língua equivale à perda irreversível de um modo de vida característico, comprometendo destarte a diversidade da Terra. O problema vai mais além: hoje, as línguas consideradas em perigo de extinção, faladas por grupos humanos que ainda mantêm seus hábitos tradicionais de vida e sua dependência dos recursos naturais, são guias insubstituíveis sobre a biodiversidade e o ambiente em que vivem seus falantes. Nessa perspectiva, as línguas são reservatórios de um precioso conhecimento que interessa a outras áreas que não só à Lingüística. A Etnobotânica - a área do conhecimento que estuda as relações entre povos e plantas - "reconhece", segundo afirma Miguel Alexiades do Institute of Economic Botany, "a natureza recíproca e dinâmica da conexão entre seres humanos e plantas" (ALEXIADES, 1996:xi). Berlin (1992), autor de uma obra de referência sobre os princípios de categorização de plantas e animais em sociedades tradicionais, identifica, dentro da etnobotânica, duas correntes distintas: (1) a *etnobotânica cognitiva*, preocupada com a maneira pela qual os seres humanos percebem e classificam as plantas; e (2) a *etnobotânica econômica*, focada no modo como os seres humanos utilizam as plantas. Ainda que as correntes estejam vinculadas, a primeira delas tem atraído o interesse em particular de

linguistas e antropólogos que têm em vista um objetivo comum: a conservação dos povos e suas respectivas culturas. É dentro deste espírito que se justifica, por exemplo, o registro dos nomes indígenas de plantas por conterem uma riqueza de informação de como uma cultura particular percebe e utiliza os seus recursos vegetais e como as plantas e seus usos são difundidos. Enfim, pelas razões expostas, não resta dúvida de que o estudo etnobotânico é mais uma das frentes em que atuam os Ecolingüistas.

O quadro que se delineia no mundo contemporâneo, conforme as pesquisas no campo da Dialetoologia citadas no artigo da *Scientific American Brasil*, é, por um lado, a de uma propensão extintiva de falares rurais e línguas minoritárias concentradas em regiões como a Nova Guiné e a Amazônia e, por outro, o surgimento de novas espécies lingüísticas designadas, no artigo, por "dialetos contatuais" - ou seja, dialetos surgidos do contato entre línguas - fruto do processo de imigração em curso em várias nações do mundo. Tal fenômeno já produzira resultados em épocas coloniais, "como o **michif** (mistura de verbos na língua indígena *cree* e substantivos em francês, falada no Canadá e no Meio-Oeste americano) e o **aleúte mednyj** (basicamente vocabulário e estrutura do *aleúte*, uma língua indígena do estreito de Behring, com flexão verbal russa)" (grifos meus) (LOPES, 2004: 61), e agora

aparece tanto na Alemanha, Holanda e Suécia, quanto no Reino Unido, em que asiáticos e seus descendentes usam palavras como *gora*, para designar pessoa de origem européia, quando o termo usual seria *white person*, ou *chuddies* (cuecas) para o correlato inglês *underpants*. Nos Países Baixos, os dialetos urbanos nascidos do contato lingüístico (com influência do árabe, do turco e da língua caribenha papiamento) ganharam o nome coletivo de *straattaal* (língua de rua); os jovens alemães de origem estrangeira apelidaram seu próprio jeito de falar de *Kiez-Sprache* (língua do gorro). As modificações vão além do vocabulário e tomam conta da gramática, como na ameaça *Ich mach dich Messer* ('eu te faço faca' em *Kiez-Sprache*) - algo que poderia ser traduzido, em gíria do Brasil, como 'vou arrancar a tua pele' (*Idem*, p. 62)

É de se notar que o fenômeno da migração, como vimos, tem levado ao contato entre diferentes línguas em várias partes do mundo, fato que conduz inevitavelmente ou à dominância de uma língua sobre a outra ou à formação de línguas mistas e faz surgir daí mudanças no ambiente partilhado por tais línguas, atestando assim a veracidade da declaração de que "toda mudança no mundo tem efeito sobre a língua, e mudanças nesta, por sua vez, tem repercussão no mundo" (FILL, 2002:19). Na visão da genética de populações, a migração constitui-se num dos fatores evolutivos de uma população, ao lado da *mutação*, *seleção natural* e *variação genética*. Para um geneticista de populações, a mudança de meio a que certas espécies estão sujeitas em determinadas épocas da sua vida leva muitas vezes a um contato interespecífico e, desta interação, a mudança na porcentagem de um gene de uma das

espécies (ou seja, uma 'micromudança') é o suficiente para acarretar ao longo do tempo modificações maiores, o que pode fazer surgir "espécies diferentes". Neste mesmo sentido, raciocina Mufwene: "processos micro-evolucionários tornam-se significativos no nível macro-evolucionário, quando justificam a especiação (i.e., o processo de formação de espécies)". Um dos grandes referenciais no campo da Ecolingüística, o já mencionado Alwin Fill, analisaria a migração como um acontecimento capaz de gerar "tensão" entre a língua majoritária e a língua minoritária, presentes no interior de um mesmo espaço (país, cidade ou ambientes mais específicos), fato que garante o intercâmbio dinâmico entre as espécies e acarreta mudanças na configuração espacial, assegurando deste modo a diversidade do ambiente. Neste ponto é que o professor austríaco vê promissoras áreas de estudos como as de línguas em perigo de extinção, fricção¹⁴ e morte de língua; as duas últimas serão tema de nossa próxima seção.

3.3.3. Morte de língua

"Uma língua desaparece [morre] se a população de seus falantes é dizimada" (MUFWENE, 2001:152) ou se é substituída por outra língua. De acordo com Appel & Muysken, para se estudar a substituição lingüística deve-se "tomar contato com a vida social dos indivíduos da comunidade. A observação participante, quer dizer, viver na comunidade que é objeto de estudo e participar em suas atividades cotidianas como faria um antropólogo em uma aldeia africana, é a melhor forma de conseguir este objetivo" (APPEL & MUYSKEN, 1996:60). Na comunidade Calon de Mambaí, município fronteiro entre os estados de Goiás e Bahia, meu convívio com os ciganos deu-se de modo intermitente, ora em virtude da falta de acomodação local (em Mambaí, há um hotel e uma pousada, que ou estavam em reforma ou sem vaga quando de minhas idas) ora pela dificuldade de inserção no meio deles. Mas, pelas tardes que passei junto a eles, pude notar que os adultos falam duas línguas: o *calon* e o português. Os jovens com mais de 14 anos, nas ocasiões que os flagrei conversando e brincando, empregavam predominantemente o português e tinham conhecimento de um ou outro vocábulo em *calon*. Assim, podemos afirmar que são poucos os indivíduos cujo domínio do dialeto cigano (na fase em que este se encontra) pode ser atestado. Inclusive, meu trabalho de campo veio a comprovar as palavras de Appel & Muysken:

o modelo geral da substituição lingüística em grupos de imigrantes é o seguinte: a primeira geração (nascida no país de origem) é bilíngüe, mas a língua minoritária é

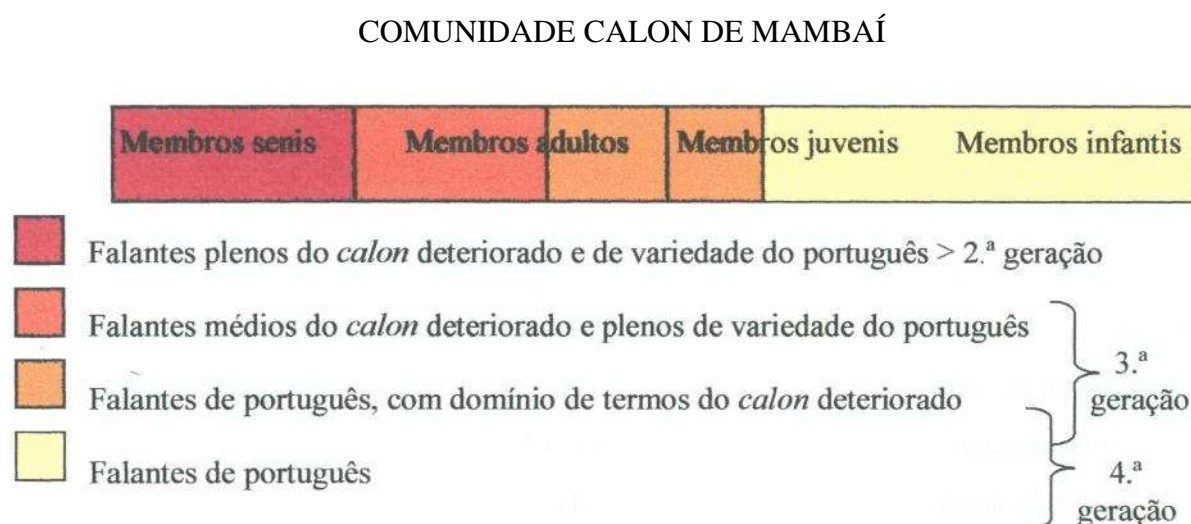
¹⁴ Optamos por traduzir *attrition* por "fricção" guiando-nos por um termo cunhado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira para o estudo antropológico do processo de contato entre grupos indígenas e população branca conhecido então por Fricção Interétnica.

claramente dominante; a segunda geração é bilíngüe e pode dominar qualquer das duas línguas; a terceira geração é bilíngüe com predomínio da língua majoritária e a quarta geração somente é competente na língua majoritária. (1996:64).

O modelo esboçado pelos dois supracitados estudiosos foca o mesmo ponto de que se ocuparam os pesquisadores de *Language Death*: Lyle Campbell e Martha C> Muntzel, que é o *continuum de competência* em contextos de perda de língua. Campbell e Muntzel caracterizam os falantes como S de "forte" (em inglês, *strong*) ou "(aproximadamente) competentes plenos"; I para "incompletos" (em inglês, *incomplete*), i.e., razoavelmente fluentes, chamados de "semi-falantes"; W de fraco (em inglês, *weak*), "semi-falantes fracos" com competência de fala mais restrita (talvez semelhante aos "últimos falantes" de Elmendorf) e R para os chamados "lembradores" (em inglês, *remembers*), que conhecem somente poucas palavras ou frases isoladas; este tipo de falante podemos constatar na comunidade cigana de Mambaí.

A partir das observações de campo e, à luz das reflexões acima, montei um diagrama que busca retratar o quadro atual da comunidade cigana de Mambaí no que se refere à competência lingüística nas várias faixas etárias, preocupado com o estado do *calon* que é o foco de meu estudo.

Figura 23 - *Continuum* de competência no contexto da comunidade cigana de Mambaí



Fazem-se necessárias duas abordagens para que se abranja a totalidade da situação. A primeira é tomarmos os falantes adultos da comunidade de Mambaí e verificarmos as causas da degenerescência do dialeto *calon*, que gradativamente vai "morrendo". A outra abordagem focaliza os aprendizes do dialeto, ou seja, as crianças e os jovens, com o intuito de encontrar uma explicação para a maioria deles ter substituído o *calon* pela língua da cultura dominante. Susan Gal, estudiosa da *substituição lingüística*, observa

que tal processo se deve à mudança econômica por que passa um grupo humano em sua trajetória de vida, o que no caso dos ciganos é uma meia-verdade dado que, historicamente, os *roma* sempre viveram do comércio que realizavam junto aos povos encontrados ao longo de suas andanças, de forma que se viam obrigados a aprender-lhes a língua sem, contudo, abrir mão da sua língua. A pesquisadora recorre a dois fenômenos sociolinguísticos a fim de explicar de que modo pode uma mudança social alterar o uso que os falantes fazem de suas línguas na interação cotidiana. São eles: a relação entre língua e identidade e a importância de redes sociais na manutenção da língua.

No que se refere ao primeiro fenômeno, é possível inferir que as novas gerações ciganas, por serem raramente cobradas quanto ao uso do *calon*, priorizam a língua portuguesa que é, de fato, o meio de comunicação empregado com os amigos e nos contextos extra-grupo. Tudo indica que o dialeto *calon* está, na mente dos jovens, associado com a "terceira idade tradicional" (GAL, *apud* APPEL & MUYSKEN, 1996), de maneira que a língua de *status* passa a ser o português. No que diz respeito ao segundo fenômeno, as redes sociais são aquelas "redes de conversações" (para empregarmos a expressão de MATURANA, 1988) em que a interação dos indivíduos é freqüente e nas quais, por meio de coerções e incentivos, "(...) os participantes se impõem mutuamente normas linguísticas" (GAL, *apud* APPEL & MUYSKEN, 1996).

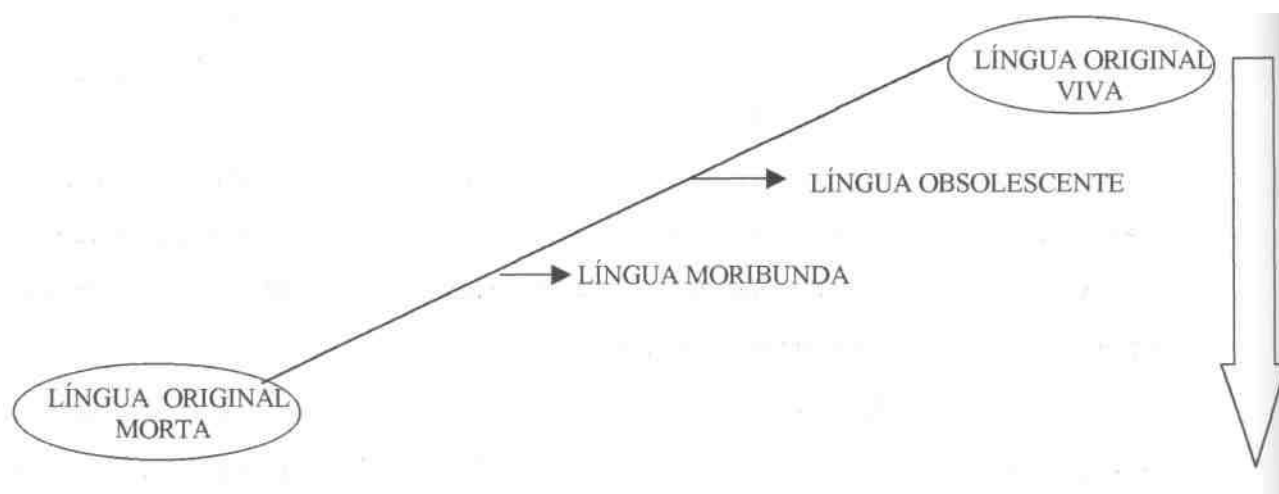
É importante ressaltar, como o fez Susan Gal, que a substituição linguística se processa com a expansão gradual da "nova forma" em um âmbito determinado. No bando de Mambaí, a "nova forma", o português, já atinge inclusive uma parte considerável dos adultos que, como constatamos, não têm domínio do *calon*. Revelou-me, certa vez, o sr. Dálcio - chefe das famílias ciganas - que os mais velhos, quando se viam na companhia de jovens, optavam por conversar na língua original (o *calorí*) a fim de manter em segredo o conteúdo de suas conversações. Pois sabiam que os jovens não seriam capazes de entendê-los, dada a pouca competência deles (jovens) em *calon*; a qual se encontra reduzida a um limitado repertório lexical. O que pretendo mostrar, ao descrever um dos contextos atuais de uso do *calon*, é que até os velhos já utilizam o *calon* com pouca freqüência. Diziam Appel & Muysken que "em muitas comunidades minoritárias, a língua étnica tem tido uma posição sólida em âmbitos informais, sobretudo nas interações familiares. No entanto, a língua majoritária introduz-se provocando fenômenos de variação linguística" (1996:63). Por isso, esta seção está voltada aos estudos de "fricção linguística", que ao meu ver é termo bastante apropriado à situação linguística de desgaste funcional em domínios de interação.

Apresentarei o raciocínio de Jane Hill, do Departamento de Antropologia da Universidade do Arizona, expresso em seu artigo "Dimensions attrition in Language Death", que compõe respeitada obra organizada por Luisa Maffí, fundadora da *Terralingua*, uma ONG que busca preservar a diversidade lingüística e estudar sua relação com a diversidade biológica.

Jane Hill revela que "a diversidade lingüística acompanhada do multilingüismo está sendo substituída por um monolingüismo maciço das línguas majoritárias" (HILL, 2001:175-6). E ressalta que, embora as línguas majoritárias (referidas, no artigo da antropóloga, como "línguas mundiais") possam munir os povos com um certo tipo de conhecimento, este será qualitativamente diferente dos "tipos de conhecimento local adquirido dentro de uma comunidade falante de língua minoritária" (HILL, 2001). Afinal, como *sustentava* Edward Sapir, a quem *juntamente* com Benjamin Lee Whorf imputa-se a formulação da hipótese do isomorfismo entre categorias lingüísticas e culturais, a "língua (...) pode [ser considerada] um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano" (SAPIR, 1969:44).

Com base nisto, Hill faz um esboço do que se conhece sobre os processos pelos quais a diversidade lingüística malogra. Num *continuum* que vai do extremo inicial -onde, em toda sua vitalidade, está a *língua original viva* - ao extremo final, no qual se encontra a *língua morta* - que é resultante do abandono pelos seus falantes nativos em favor de outra(s) língua(s), fenômeno de que tratamos sucintamente no início desta seção - uma série de estágios se divisam, cada um com denominação própria, sugerindo graus diferenciados de deterioração, ou *degenerescência*, da língua (*vide* Esquema abaixo).

Figura 24 - Processo de *degenerescência* de uma língua



Uma língua é considerada *obsolescente* quando persiste com poucas funções e poucos falantes. As funções, a que se refere Jane Hill, são as "funções sociais da língua", ou seja, o papel da língua no contexto da sociedade e do indivíduo. Ao chegar no ponto em que nenhuma criança do grupo fala mais a língua, esta passa a ser considerada uma língua *moribunda*. O efeito da redução severa do número de falantes e dos contextos de uso da língua, que marca o estágio de língua obsolescente, é a perda de estruturas da língua. H.-J. Sasse denomina esse processo de deterioração de um sistema lingüístico de *degenerescência da língua* e defende que ele é resultante de perturbações na transmissão normal da língua entre gerações, de maneira que "(...) as crianças devem aprender, sob circunstâncias emocionais e cognitivas bastante desfavoráveis, aquilo que [os membros mais antigos da comunidade] conhecem da língua" (HILL, 2001:176), tornando-se, na visão de Nancy Dorian, outra autoridade na investigação do processo de obsolescência de línguas, em semi-falantes, cujo traço fundamental é o de apresentarem repertórios estruturais "empobrecidos" em todas as componentes da língua. Mas é preciso que se diga que a transmissão deficiente da língua não é o único fator que causa a perda de estrutura.

Entretanto, o estudo da *obsolescência* de língua é tão importante quanto o de *contração lingüística e morte de língua*, pois sempre representou uma rejeição à atitude de menosprezo das explicações que pareciam imperfeitas se vistas pela ótica do sistema normativo da língua. Como se pode observar pela leitura de *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*,

Os "erros" de falantes imperfeitos podem ser também indicações de uma ativa e inovadora capacidade de processamento da língua, sustenta Susan Gal; o maciço empréstimo lexical de uma língua de maior circulação pode evidenciar características não apenas de falantes propensos a mudança, como demonstrou Einar Haugen, mas também -mesmo que de modo especial, sob certas condições -dos falantes estavelmente bilíngües (Hamp, Huffines). A redução (*contraction*) estrutural não necessariamente enfraquece o poder social ou a utilidade de uma língua, asseveram Mertz e Hill (DORIAN, 2001:3).

E isso tudo é resultado das novas configurações mundiais, que levaram os etnógrafos, de acordo com Goodenough [1956], a lidarem com regras de morada pós-matrimoniais mais difíceis e ambíguas e os lingüistas a se defrontarem com identidades "etnolingüísticas" de complexidade desafiante.

Por ora, não enumerarei as mudanças estruturais por que passam as línguas obsolescentes, atribuíveis ao processo de morte de língua, pois este será o foco da terceira parte desta pesquisa. Reservar-me-ei a apresentar os *tipos de situações de morte de língua* de

Campbell & Muntzel (2001), e assinalar em qual desses tipos insere-se a comunidade cigana de Mambaí.

O primeiro tipo é a morte súbita (*Sudden death*), na qual a língua desaparece abruptamente porque quase todos seus falantes morrem repentinamente ou são deixados mortos (caso do tasmaniano), o que, por definição, não há que se falar em estado de obsolescência e, portanto, inexistente situação de investigação. O segundo tipo é a morte radical (*Radical death*), que se assemelha à morte súbita em virtude da rápida perda da língua só que devida a uma severa repressão política, freqüentemente com genocídio, até o ponto em que os falantes param de falar a língua para sua própria segurança, como uma estratégia de sobrevivência. O terceiro da tipologia é a morte gradual (*Gradual death*), da qual a literatura sobre línguas em processo de extinção lida na maioria dos casos, ou seja, a perda de uma língua devido à mudança gradual da língua original para a língua dominante em situações de *bilingüismo*. Neste tipo de situação, a língua dominante vem a ser empregada por um número progressivo de indivíduos em um número crescente de contextos em que a língua original era antes formalmente usada. É deste tipo o caso da comunidade cigana de Mambaí, e classificá-la nesta opção respeita a dois fatos característicos da morte gradual: (i) o *continuum* de competência determinado principalmente pela idade, mas também pela "atitude" e outros fatores, dos falantes (*vide* Figura 17) e (ii) a constatação de que as gerações mais jovens têm grande competência na língua dominante e aprendem a língua obsolescente imperfeitamente. A quarta e última situação é a chamada morte da base para cima (*Bottom-to-top death*), na qual o repertório de registros estilísticos sofre deterioração de baixo para cima, o que tem sido denominado de "modelo igual ao do latim", uma vez que a história do latim oferece um exemplo clássico de uma língua que morre "de baixo para cima", basta recordarmos que, após a ruína do Império Romano, o latim deixou de ser língua materna, falada, e sobreviveu apenas como língua escrita, como código de transmissão da cultura erudita e como língua litúrgica ritual; nesta situação, pois, a "língua é primeiramente perdida em contextos de intimidade familiar e mantém-se somente em contextos rituais elevados" (HILL, 1980).

Por fim, gostaria de dizer, como o fizeram em seus trabalhos Campbell e Muntzel, que é difícil fazer a distinção entre "(...) algumas modificações devidas ao processo de morte de língua dos efeitos de outros tipos de contato lingüístico" (CAMPBELL & MUNTZEL, 2001:195). Os autores oferecem como exemplo uma alteração ocorrida em Pipil (língua falada em El Salvador), na qual o nome relacionai *-wan*, significando 'com', antes admitia ocorrer unicamente com prefixos possessivos (*e.g.*, *nu-wan* 'comigo' e *mu-wan* 'com

ocorrerem em línguas em vias de extinção. Contudo, asseguram os referidos pesquisadores que "mudanças paralelas ocorreram em dialetos *Nahua* vividos, línguas-irmãs do *Pipil*, mostrando a dificuldade de se distinguir modificações normais induzidas por contato de modificações resultantes da situação de glototanásia" (CAMPBELL & MUNTZEL, 2001).

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. O estado atual do dialeto *calon* e sua relação com o Romani padrão

Ao contrário do que ocorre com os *pidgins* e *crioulos*, em que o normal é a relexificação da língua dominada, na qual subsistem no entanto os aspectos morfossintáticos, com determinadas línguas ciganas em avançado estágio de deterioração verifica-se a manutenção de uma boa parte do vocabulário original e uma regramaticalização, características de *anticrioulos*. Assim, não foi surpreendente encontrar a sintaxe do *calou* plenamente assimilada ao português, visto que deixou de ser *o sistema de caso* que era, passando ao *sistema de ordem fixa*. Portanto, pode-se afirmar que os falantes de *calon* do município de Mambaí não têm mais consciência das *desinências casuais* existentes outrora e nem que as atuais palavras que as trazem são formas fossilizadas. Revela-se também, pela análise dos dados, que muito da complexa morfologia verbal originária - manifesta em categorias verbais, algumas delas inexistentes inclusive no português (p. ex., o aoristo) - não deixou vestígios no atual sistema lingüístico *calon*.

Como ficará claro após a leitura das subseções seguintes, houve um substancial decréscimo de morfemas originais do *calon*, o que forçou os falantes a suprirem as lacunas nos subsistemas da língua nativa com novos elementos assimilados da língua portuguesa. Não obstante, é admirável que boa parte dos vocábulos coletados para esta pesquisa apresentem um grau de conservação da forma, com alterações mínimas de ordem morfofonêmica, o que possibilita relacioná-los com os vocábulos utilizados pelos antepassados espanhóis e ibéricos dos Calon (*vide* tabela a seguir).

Tabela 2 - Dados que demonstram o parentesco entre o calo, calão e *calon*

PALAVRAS	CALÓ	CALÃO	CALON
<i>muito</i>	<i>but</i>	<i>bute</i>	[ˈb u tʃ i]
<i>égua</i>	<i>grañi</i>	<i>grañi</i>	[g r a ɣ ˈ n i]
<i>mãe</i>	<i>Bata</i>	<i>Dai/Bata</i>	[ˈd a j]
<i>bem</i>	<i>misto</i>	<i>mistó</i>	[m i] ˈ t o r i]
<i>grande</i>	<i>baró</i>	<i>baró</i>	[b a ˈ r o]
<i>água</i>	<i>pañi</i>	<i>pañi</i>	[p á]]
<i>Deus</i>	<i>debel</i>	<i>debel</i>	[d u ˈ v e l i]
<i>atrás</i>	<i>apala</i>	<i>apalé</i>	[a p a ˈ l e ̃]]
<i>doente, enfermo</i>	<i>nasaló</i>	<i>nasaló</i>	[n a ʃ a ˈ l o]
<i>sabão</i>	<i>sampuñi</i>	<i>sapuñes</i>	[s a ˈ p u n i]
<i>pai</i>	<i>bato</i>	<i>bato</i>	[ˈb a t ʃ i]
<i>nada</i>	<i>chi</i>	<i>chi</i>	[ʃ i ˈ ʃ i]
<i>arroz</i>	<i>corpiche</i>	<i>colpiche</i>	[k u r u ˈ p i ʃ i]
<i>ouro</i>	<i>sanaca</i>	<i>sacanay</i>	[s u n a ˈ k a j]
<i>casa</i>	<i>Que/queré</i>	<i>Qué/quer</i>	[ˈk e r i]
<i>manhã</i>	<i>Tasala di calicó</i>	<i>Tasara di calicó</i>	[ˈt r a s a l i t a]
<i>marido</i>	<i>rom</i>	<i>ron</i>	[ˈx o]
<i>gente</i>	<i>suetí</i>	<i>snete</i>	[ˈs e t i]

Nota-se, aliás, na tabela acima, que as "palavras tsiganas experimentaram no Brasil novas modificações, das quais a mais geral é a nasalização das vogais acentuadas (e ainda dos ditongos) finais; (...) os sons espanhóis parecem ter desaparecido por completo. A base do falar não é já o espanhol, como em Portugal, mas sim o português" (COELHO, 1995:247), é o que se observa com a consoante nasal palatal [n] do caló, presente no calão (*grañi*; *pañi*; *sampuñi*/*sapuñes*), mas que não teve continuidade no *calon*.

Em se tratando de línguas desgastadas, constatou-se que a ruína de uma língua é mais patente em seus *vocábulos gramaticais* - para empregarmos a nomenclatura de Joaquim Mattoso Câmara Júnior - do que em seus *vocábulos semânticos* (ou *semantemes*, conforme Vendryès). A manutenção dos vocábulos semânticos talvez se explique pelo fato de serem eles "os elementos formais que simbolizam na língua o ambiente biossocial em que ela funciona" (MATTOSO CÂMARA, 1986:215).

Quanto aos indícios que revelam o parentesco entre o *calon* e o Romani, temos as desinências de gênero: para o masculino singular [o] e para o feminino singular [i].

[[abu'xõ 'menino' e [[abu'xĩ 'menina'; [ga'zõ] menino [ga'zĩ]

Exemplos: [gruvĩ 'õ] [gruvĩ 'ĩ] 'vaca'.
'menina não-cigana', 'boi' e

Outra reminiscência do Romani é a sílaba medial -el- que é a sobrevivência da antiga terminação verbal de 3.^a pessoa do singular do tempo presente. Observe a referida sílaba nesta sentença em [xõ ke ka'mela mis'toj] 'o rapaz que quero bem'.
calon

Encontramos também no *calon*, vez por outra, (1) o morfema que é reflexo da terminação -ppana- do Prácrito, qual seja, o sufixo nominal -ipé(n), que entra na composição das seguinte [tasadi'pēj] 'guerra'; [uʃtʃi'bēj] 'vestido' [iʃtar'i'bēj] 'cama'e outras; (2) a forma do verbo ser/estar na 3.^a pessoa do singular do Romani original (si) como [si'ala 'pageydõ] 'consertar' e [si'ala be'h'dānu] em palavras 'contra', incluindo ou vestígio da terminação de 3.^a pessoa do singular {-ja}, comum na fala cotidiana do Romani, ou advérbio de negação na¹⁵, cujo contato na cadeia sintagmática com outros morfemas teria ocasionado, no *calon*, alterações em sua forma.

No que se refere ao componente fonológico, fiz - com auxílio de aparelhagem adequada (espectrograma) - a descoberta de dois sons complexos originais do Romani sendo realizados pelos falantes de *calon* ainda em nossos dias. E um achado surpreendente, dado o grau de obsolescência deste dialeto. São eles a oclusiva surda com distensão alveolar [t̪̥] e a oclusiva palatal sonora [tʃ] cujos gráficos de análise encontram-se no Anexo III desta dissertação para conferência dos interessados. No Romani original, as africadas [tʃ] e [dʒ]

¹⁵A perda do *na* - parte da gramática do Romani original - nos dialetos Vlax serve para distingui-los dos dialetos não-Vlax.

ciganólogos. No estado atual do *calon*, tais sons são realizados pelos falantes mas resta saber se devem ser considerados como fósseis de sons primordiais ou se entraram na língua por via de empréstimo do Português que também os possui.

Um traço que acredito fazer parte de estágios anteriores do *colon*, mesmo porque não resta dúvida quanto à nasalidade própria deste dialeto, é o segmento fonético [õ]. No português, as palavras de uso cotidiano terminadas em [õ] são pouquíssimas, constituindo um pequeno conjunto do qual podemos citar como exemplos: "tom", "bom", "som", "dom", "com" e alguma outra palavra. Todas as palavras, como se nota, são monossilábicas. De um modo geral, os dissílabos e polissílabos que sobejam no vocabulário *colon* analisado neste trabalho (Anexo III) são empréstimos de línguas estrangeiras (nas quais é comum encontrar-se vocábulos como "batom", "bombom"). O que mostra que este padrão fonêmico, não sendo produtivo em português, a explicação mais razoável para a grande quantidade de [õ] final em *colon* é a de que ele constitua uma reminiscência de fases anteriores da história deste dialeto cigano

4.2. Deterioração do componente fonológico

A deterioração da fonologia do Romani no *colon* já está em grau bastante avançado. Os fonemas originais, em especial os que apresentam articulações secundárias (*vide* Tabela Fonética do Romani, Tabela 3), desapareceram em grande parte do *colon*,

sobrevivendo somente os sons [ts̃] e [tʃ] e os que apresentavam correspondentes na língua portuguesa, como as consoantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ] que Hancock e Calvet consideram

alofones de [t] e [d], respectivamente, quando seguidos da vogal *î/l*. De fato, após

comparações de fonemas e padrões silábicos entre o *colon* e o português, pode-se afirmar categoricamente que o dialeto cigano em questão apresenta características acentuadas de aculturação na Fonologia.

Tabela 3 - Tabela fonética do ROMANI - Fones consonantais do Romani, segundo Hancock (1995)

Articulação		Bilabial	Dental ou Alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	Desv	p p ^h	t ts* t ^h tʃ			k k ^h kʃ	q	
	Voz	b	d		tʃ	g		
Fricativa	Desv		f s	ʂ	ʃ		x	h
	Voz		v z	ʐ	ʒ			
Africada	Desv				tʃ			
	Voz							
Lateral	Voz		l		ʎ			
Nasal	Voz	m	n		ɲ			
Vibrante	Voz						ʀ	
Flapes	Voz		r					
Aproximante	Voz	w			j			

Fonte: VIEIRA E MACEDO, Rita de Cássia de C. *O sistema fonológico do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)*. UnB, dissertação de mestrado, 1999.

* A ligadura () empregada nesta seqüência fonética está de acordo, conforme Gloria Elaine Kindell, com um "outro aspecto do problema de interpretação, ou ressegmentação, que é o de seqüências fonéticas que são ambivalentes com respeito a sua função, capazes de terem duas funções diferentes. Algumas seqüências fonéticas, por exemplo, [ts] ou [p^h], por causa de seus valores fonéticos, podem funcionar ou como uma seqüência de dois segmentos, ou como uma unidade *complexa* que ocupa uma só posição na sílaba. Estas seqüências se chamam *seqüências ambivalentes*" (1981:91).

Tabela 4 - Tabela fonética do CALON

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	Desv	p		t ts t ^h			k	
	Voz	b		d		tʃ	g	
Africada	Desv				tʃ			
	Voz				dʒ			
Fricativa	Desv		f	s	ʃ		x	h
	Voz		v	z	ʒ		ɣ	
Nasal	Voz	m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe	Voz			r				
Lateral	Voz			l				
Aproximante		w				j		

Da comparação das tabelas acima, vê-se que houve uma redução drástica das oclusivas aspiradas, sendo que somente o [t^h] apareceu em meu *corpus* na palavra

[^hbat^hu]

'pais'. Outro aspecto que podemos destacar a partir dos dados que serviram de base à tabela fonética do *calon* é a alternância das consoantes [r] ~ [x] ~ [h] ~ [ɣ] ~ [r] nos vocábulos *calon*. Esta variabilidade da consoante / r / no dialeto cigano em questão pode ser resultante da situação do [r] no português brasileiro. No entanto, Hancock (1995) afirma que

"os falantes do Leste europeu, freqüentemente, substituem o som / h / pelo som / x /, mesmo quando aquele se realiza depois de oclusivas ([hat^harav]/[xat^harav] 'eu entendo')" (VIEIRA E MACEDO, 1996:106). Assim, é difícil decidir sobre a ocorrência do som [h] no *calon*, visto que se pode considerá-lo ou como resquício de certos dialetos do Romani-Vlax, que apresentam variação entre [h] e [x] ou como traço assimilado do português brasileiro,

em que o som [h] aparece em substituição ao som [x]. Constatei também pelos dados que

[s] e [ʃ]

são alofones de um mesmo fonema como demonstram os seguintes exemplos:

[is^htadʒi] 'chapéu', [iʃtari^hbē̃] [praʃt^higa^hdox] 'qualquer espécie de
'cama',
caminhã [praʃt^hã^hdox] 'caminhã' [praʃt^hã̃] 'maldiçã' [nasa^hlõ] 'adoecer
[naʃa^hlõ] 'doente'.

No que diz respeito à interferência da língua portuguesa na silabação do *calon*, sabe-se que a estrutura silábica do português é C1C2VVC3C4. Não há sílaba alguma em *calon* que transgrida os padrões silábicos do português. De acordo com Cristóforo (2002), "pelo menos uma vogal deve ocorrer em uma sílaba bem formada do português. Se duas vogais ocorrem, uma será assilábica (glide)". Pela análise das estruturas arbóreas de cada tipo de sílaba encontrado no dialeto *calon*, os glides em tal dialeto comportam-se de maneira idêntica aos do português: podem preceder ou seguir a outra vogal. Outro ponto em que as duas línguas em questão se assemelham é o da restrição em sílabas com duas consoantes pré-vocálicas. Assim, "Quando C₁ e C₂ ocorrem, a primeira consoante é uma obstruente (categoria que inclui oclusivas e fricativas pré-alveolares) e a segunda consoante é uma líquida

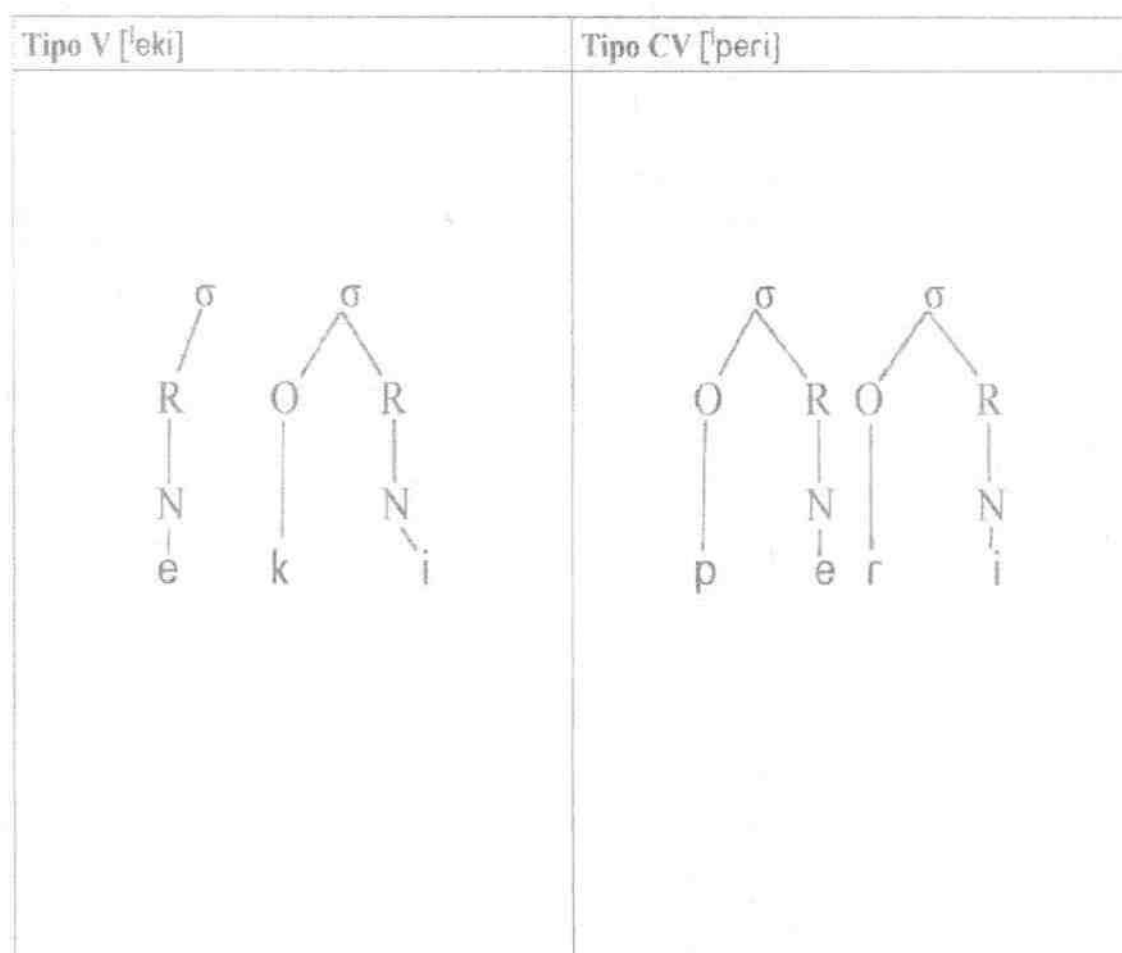
(categoria que inclui /l/, /r/)'' (CRISTÓFARO, 2002:157).

Atente-se igualmente para o arquifonema /N/ que recebeu em *calon* o mesmo tratamento que tem no português. Ou seja, as vogais nasais consistem da combinação de uma vogal oral com o arquifonema nasal /N/, o que nos levou a representar as vogais

[ĩ], [ẽ], [ã], [õ], [ũ] fonemicamente como /iN/, /eN/, /aN/, /oN/, /uN/, criando deste modo uma estrutura silábica de sílaba fechada.

Ainda no tocante às restrições de colocação dos fonemas no vocábulo, estão igualmente proibidos em *calon* os fonemas /k, ɲ, r/ em posição inicial de palavra. Em português, as palavras que se iniciam por estes sons são empréstimos lingüísticos. No que se refere às posições de C3 e C4, tem-se que C3 deve ser um dos segmentos: /S/, /R/, /l/, /N/. E, "quando C4 ocorre, esta consoante deve ser /S/ e o segmento correspondente à consoante C3 será um dos segmentos: /l/, /R/, /N/" (CRISTÓFARO, 2002:164).

Figura 25 - Estruturas arbóreas das sílabas do *calon*



Tipo CVC [bar'kõ]	Tipo VC [is'tadʒi]
<p>Phonetic tree for 'bar'kõ':</p> <ul style="list-style-type: none"> Syllable 1 (σ): O (b), R (a) Syllable 2 (σ): O (k), R (õ) <ul style="list-style-type: none"> N (r), coda (ɛ) 	<p>Phonetic tree for 'is'tadʒi':</p> <ul style="list-style-type: none"> Syllable 1 (σ): R (i), coda (s) Syllable 2 (σ): O (t), R (a) Syllable 3 (σ): O (dʒ), R (i)

Tipo VV [oj'tʃiri]	Tipo CCV [ku'lebra]
<p>Phonetic tree for 'oj'tʃiri':</p> <ul style="list-style-type: none"> Syllable 1 (σ): R (o), coda (j) Syllable 2 (σ): O (tʃ), R (i) Syllable 3 (σ): O (r), R (i) 	<p>Phonetic tree for 'ku'lebra':</p> <ul style="list-style-type: none"> Syllable 1 (σ): O (k), R (u) Syllable 2 (σ): O (l), R (e) Syllable 3 (σ): O (br), R (a)

Tipo CVV [yaj'a]	Tipo CVVC ['kajs]
<pre> graph TD S1[σ] --- O1[O] S1 --- R1[R] O1 --- y[y] R1 --- N1[N] N1 --- a1[a] N1 --- j[j] S2[σ] --- R2[R] R2 --- N2[N] N2 --- a2[a] </pre>	<pre> graph TD S[σ] --- O[O] S --- R[R] O --- k[k] R --- N[N] N --- a[a] N --- j[j] R --- coda[coda] coda --- s[s] </pre>

Tipo CCVC [ə'vrɪ]	Tipo VVC [əjstɪj'dax]
<pre> graph TD S1[σ] --- R1[R] R1 --- N1[N] N1 --- a1[ə] S2[σ] --- O[O] S2 --- R2[R] O --- v[v] O --- r[r] R2 --- N2[N] N2 --- i[i] R2 --- coda[coda] coda --- N3[N] </pre>	<pre> graph TD S1[σ] --- R1[R] R1 --- N1[N] N1 --- a1[ə] R1 --- coda1[coda] coda1 --- s[s] S2[σ] --- O2[O] S2 --- R2[R] O2 --- tch[tʃ] R2 --- N2[N] N2 --- i[i] R2 --- coda2[coda] coda2 --- j[j] S3[σ] --- O3[O] S3 --- R3[R] O3 --- d[d] R3 --- N3[N] N3 --- a[a] R3 --- coda3[coda] coda3 --- x[x] </pre>

Da amostra de palavras constante no Apêndice desta dissertação, avalio em aproximadamente 67,5% o número de palavras que apresentam acento na última sílaba. Este é outro dos traços remanescentes do Romani original, no qual "o acento usualmente recai na última sílaba da palavra" (HANCOCK, 1995:36). Segundo Terrence Kaufman, na maioria dos dialetos nativos do Romani, as palavras apresentam acento final salvo aquelas a que se ligaram sufixos flexionais que não podem ser acentuados.

Ian Hancock chama atenção, em seu manual sobre *Vlax Romani*, para o fato de a transposição de consoantes (metátese) ser uma mudança fonética comum em Romani como se pode ver com o vocábulo 'irmão' em calão *plar* e em *calon, prali*.

4.3. Deterioração do léxico

Neste tópico, é imprescindível ressaltar que *perda de palavras* não constitui critério suficiente para se assegurar o estado moribundo de uma língua, haja vista que *itens poucos usados* apresentam "baixa viabilidade", ou seja, quando requeridos a pensar em palavras que poderiam ser utilizadas para discorrer sobre um tópico particular, os falantes são incapazes de pensá-las imediatamente. Afinal, a comprovação de tal assertiva tive em meu trabalho de coleta de dados, em que, não raras vezes, perguntei a meu informante a palavra em *calon* para a que lhe dizia em português e recebia dele um gesto negativo que indicava seu desconhecimento. Após algumas saídas de campo, mudei a estratégia: as palavras das quais não se lembrava no instante da entrevista, eu tomava nota, e após correr a lista de palavras do dia, voltava a elas e, para minha surpresa, ele as dizia incontinenti. Tais "falhas" de memória podem ser o resultado de processos inerentes ao tipo de representação neurológica e mental das línguas no cérebro do falante bilíngüe, conforme tratamos na subsecção 3.3.1. desta dissertação.

Por isso, Jane Hill destaca outros critérios para confirmação do *desgaste do léxico* de uma língua. Um deles é & *perda de vocábulos para fauna e flora locais*. No que se refere a plantas, os Calon ainda possuem vocábulos mais gerais, tais como [l b u x i], para 'mato'; [l ʃ a r i], para 'grama, pasto, capim'; [l k a j s] ou [k a s t ʃ i], para arbusto⁵; [p i e l t ʃ i d u l b u x i] para 'erva' [p i e l t ʃ i] é termo para 'chá, remédio'; [l p a k i] para 'banana'; [a l ʒ e ʏ k a] para 'maçã'. Já partes específicas da planta, como casca, galho, semente, raiz, folha, lenho, são todos abrangidos por uma única palavra: [b i d ʒ i t ʃ i d i l k a j s], que significa 'coisa da árvore'.

No entanto, não se encontram vocábulos específicos para nomear plantas de tempero tais como 'pimenta moída', plantas medicinais (erva cidreira, babosa etc.) e silvestres (paineira, mangueira, ipê, dentre outras).

No domínio da fauna, o desgaste aparentemente é menos agudo, ao menos no que se refere aos animais domesticados, tendo-se um único animal silvestre que possui nome na língua nativa (*culebra* para 'cobra')¹⁶, como se pode verificar pela relação de nomes abaixo:

[m a ¹ n u j s]	'cavalo'	[ʒ u ¹ r õ]	'jumento'
[g r a γ ¹ n ĩ]	'égua'	[m a ¹ } õ]	'peixe'
[d ã n i ¹ m õ]	'cachorro'	[k u ¹ l e b r a]	'cobra'
[d ã n i ¹ m ĩ]	'cadela'	[b a l i γ ¹ n õ]	'galo'
[g r u v i ¹ õ]	'boi'	[g a γ ¹ n ĩ]	'galinha'
[g r u v i ¹ ĩ]	'vaca'	[g r o g o ¹ r o]	'peru'
[ʒ u ¹ r ĩ]	'mula'	[b a l i ¹ } õ]	'porco'

O termo para 'carneiro' é [b a r¹ k õ]. Mas esta palavra também é empregada para se referir ao 'cabrito', 'bode' e 'ovelha'. Nota-se com este vocábulo um fenômeno recorrente em falantes cuja língua está em perigo de extinção, a chamada *polissemia*. A polissemia (uma só forma - significante - com mais de um significado) é aqui entendida como uma resposta à escassez lexical de uma língua obsolescente. Assim, o sr. Dálcio, chefe do *bando* cigano pesquisado, quando lhe pedi o correspondente *calon* para o vocábulo português 'macaco', valeu-se de modo impensado da polissemia, ao explicar-me que:

[b i¹ d ʒ i t ʃ i d u¹ b u x i], pode ser o macaco,

(...) significa uma palavra assim
pode ser qualquer outra coisa, ne! Mas vamos supor, fala assim: - *Olha o*

¹⁶ A palavra cobra é derivada do latim *colubra*, -ae, tendo evoluído, em espanhol, para *culebra*. Em calão, *culebra* tem significado diferente ('cinta') daquele do espanhol. Houve, portanto, uma recuperação do significado original do vocábulo *culebra* numa fase posterior da evolução da língua calo, ou seja, no *calon*. Assim, pode-se considerar o vocábulo *culebra*, em termos evolucionários, como tendo um significado (cobra) dentre outros possíveis que desapareceu em *calão* e emergiu (l. e., voltou a ser dominante) em estágio posterior (*calon*) da história deste dialeto

[bi'dʒitʃi du 'buxi]!

e a pessoa procura qual é; aí a gente já fala a língua portuguesa, qual que é [o animal].

Portanto, para os Calon, uma espécie animal como 'coelho' será aludida com o vocábulo [m a ' n u j s], que é denominação mais específica para animais de um modo geral, ou [b i ' d ʒ i t J i du ' b u x i], termo que traduz todas as "coisas do mato", a qual, em virtude de seu caráter polissêmico, faz referência também à 'abelha', 'verde', 'montanha'. Da mesma forma que [b i ' d ʒ i t J i du ' p u j s] é palavra para 'formiga', 'estéreo' e outras coisas que se relacionam com o [p u j s], isto é, a 'terra, areia'. Quanto aos *artrópodes*, as duas únicas palavras que constam do *corpus* desta pesquisa são [p a] u v a ' l i] 'mosca' e [ʒ u ' v ā j s] 'piolho', não existindo equivalentes *calon* para 'rato', 'aranha', 'borboleta', 'barata' e, possivelmente, outros. Exemplos de polissemia na língua cigana dos Calon de Mambá são: [p a ' p i r i], que pode ser 'ivro', 'carta'; usada para exprimir 'vergonha', 'honra', [l a '] õ] para 'certo', 'bondade', 'bom', 'calma', 'tranquilo'; [b r i '] i d u], palavra para 'inverno', 'frio', 'chuva'; [u ' r a t s]], significando 'tio', 'vermelho', 'sangue'; [i] t u ' h ' d a x], que engloba 'cheirar', 'abandar', 'encontrar', 'aceitar', 'engolir', 'escolher'; dentre outros.

Outro recurso utilizado pelos Calon é a *perífrase lexical*, ou circunlóquio, que, de acordo com a definição de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1986), é a substituição de uma palavra por duas ou mais palavras. Este grupo de palavras expressa um determinado conteúdo do léxico, diferentemente das formas gramaticais perifrásticas que exprimem relações gramaticais, vinculando-se, assim, à sintaxe. Mattoso Câmara vê três motivos principais para se usar o circunlóquio: (a) por eufemismo; (b) por intuito de definição, e (c) pelo desejo de aludir a uma circunstância que a palavra própria pode não evocar. Seria aproximadamente nos 2 (dois) últimos motivos que se encaixaria o intento dos Calon ao construir grupos de palavras para traduzirem conceitos. O célebre lingüista brasileiro enfatiza que na perífrase lexical "há (...) sempre uma intenção estilística" (*Ibidem*, 1986). De fato, a perífrase lexical é um recurso da linguagem figurada que emprega palavras com uma significação ocasional e expressiva (i. e., as palavras assumem uma conotação especial) de que se ocupa a Estilística Semântica. Para os Calon, tal recurso permite preencher lacunas deixadas no léxico pela perda de vocábulos quando da migração do dialeto para as Américas

e, em virtude mesmo do processo de *degenerescência* do *chibe de calon*. Apresento a seguir uma lista de perífrases lexicais em *calon*:

[be¹rõ ba¹rõ] carreta (be¹rõ, 'caminhão' + ba¹rõ, 'grande')

[¹butʃi ¹duri] longe (¹butʃi, 'muito'+¹duri < dur, 'longe')

[¹gaw ba¹rõ] cidade (¹gaw, 'rua'+ba¹rõ, 'grande')

[si¹ala di ¹peri] grávida (si¹ala, 'estar'+¹peri, 'barriga')

[¹setʃi ta¹rĩ] tia (¹setʃi, 'gente'+ta¹rĩ)

[¹ta miĩ¹ãnu] desmaiar (miĩ¹ãnu, 'morrendo')

[duveʃu¹xõ] destruir (duve < duvelɪ, 'Deus'+ʃu¹xõ, 'amargo')

[du du¹velɪ] anjo (du¹velɪ, 'Deus')

[puʃ¹tã di ka¹ĩ] saia cigana (puʃ¹tã, 'pano'+ka¹ĩ, 'cigana')

[k e ɣ¹d a u ¹b a l i] trança (k e ɣ¹d a, 'fazer' + ¹b a l i, 'cabelo')

É bem possível que certos vocábulos do *calon* tenham sido empréstimos do português que sofreram modificações a fim de descaracterizar-lhes a origem. Adolfo Coelho explica que as modificações dos termos da língua geral em termos do calão são de natureza intencional e

(...) no intuito apenas de disfarçar, de *enigmatisar*, segundo a feliz expressão de Pott, o termo da língua corrente. É evidente que os termos enigmatisados (quer no som, quer na forma, quer na significação) podem ser repetidos depois por outros indivíduos, sem que seja conhecida a sua relação para com os termos correntes de que saíram (COELHO, 1995:116).

Atente-se para o verbo 'matar' em *calon*: [**max¹dax**]. A sua estrutura morfológica e o seu significado assemelham-se consideravelmente ao do vocábulo português 'maldar'. Neste caso encontram-se também os termos [**a g u¹ r ã**], significando 'agora'; [**ĩ xi¹bã**], 'no alto' [**n o s k e**] 'nosso' e [**a x g u¹d u n i**] para 'algodão'.

Algumas formas verbais em *calon* converteram-se em sintagmas locativos: uma estrutura que exprime significação locativa, ou seja, a idéia da localização de uma ação. Incluídos neste caso estão, por exemplo, [na 'pã] para 'nadar'⁵ e [nu 'mu] s], 'beijar'.

4.4. Deterioração na componente morfológica

Neste tópico, Jane Hill trata da corrupção do sistema de formação de palavras complexas, o que se dá pela:

- Perda da morfologia irregular em favor da regularidade; e
- *Cristalização* de determinadas lexicalizações em estruturas complexas.

Estes dois processos são encarados pela citada antropóloga como "indício da incompetência do falante, sem comprometer necessariamente o poder expressivo de uma língua" (HILL, 2001:182).

No que diz respeito ao primeiro item, é importante destacar o papel que a morfologia derivacional e a morfologia flexionai desempenham na gramática de uma língua. Basicamente, afirma David Crystal (1988), "o resultado de um processo derivacional é uma nova palavra (ex.: *nação* —► *nacional*), ao passo que o resultado de um processo flexionai é uma forma diferente da mesma palavra (ex.: *nação*, *nações*)". Outro aspecto da morfologia relevante a um tema subsidiário do estudo de morte de língua (qual seja, a manutenção de língua), é que "os *mor/emas de derivação* não constituem um quadro regular, coerente e preciso" (MATTOSO CÂMARA, 1973:48), logo são passíveis de desaparecer as formas menos utilizadas. Já os "*morfemas flexionais* estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação" (MATTOSO CÂMARA, 1973:49), o que, ao lado da obrigatoriedade, reforça a sua conservação no sistema da língua ao longo dos anos. Em *calon*, pode-se observar tanto a perda de *prefixos*, por exemplo, prefixos de negação, quanto a ruína dos *suffixos flexionais*, os de gênero e número, sendo comum os falantes formarem palavras na língua original com elementos da língua dominante.

1 .Interferência da L2 no substrato da língua original, mediante o emprego de morfemas vigentes no português;

* utilizou-se o prefixo [*de(s)-*], com sentido de ação contrária, na formação de palavras do

dialeto *calon*, tal como [d i s p ã d ʒ i ' n õ] 'aberto', em oposição a [p ã d ʒ i ' n o] 'fechado'; ou a forma de português, formando participio [*-ada*] do [ʃ u n ĩ a d a], que

significa 'calada' em *colon*, ao invés da terminação de particípio passado do Romani, qual

seja, [-d-jas\ que formaria [ʃ u n ĩ -d- j a s]* ou pelo emprego do sufixo

[-i-A;a«-]que indica

qualidades humanas ou semelhantes dos humanos, o que resultaria em

[ʃ u n ĩ -i-k a n- i]*; uso do sufixo [-eiro] do português - que tem como alomorfes

[teira], [zeira] e [leira]- na derivação de um nome a partir de um verbo *calon*:

(key^lda)_V → [(key^lda)_V + deiro]_N;

* assimilação do sufixo de infinitivo do português, como em [p i r ĩ 'a x] ou [d i k ĩ 'j a x].

Dado que os verbos em Romani não possuem forma infinitiva, explica-nos Hancock que sentenças do tipo "Eu espero ir..." seriam expressas com *verbos indicativos*, que se fazem acompanhar da partícula *te*, i.e., *kames te kheles* ("Você quer dançar")¹⁷;

2. Uso não-sistemático da desinência de número ou emprego de artifícios que traduzam a *pluralidade*: Os nomes masculinos, em Romani, terminam em {o}, quando estão no singular, e em {e}, no plural. Nota-se que a palavra em *calon* para "jovens [b a b a n ĩ]

n
ão traz em si

nenhuma das marcas originais. Nomes femininos no singular são formados pelo acréscimo de {i}, ao passo que os femininos plurais pelo acréscimo de {ja}. Também no *calon* tais

morfemas são por vezes negligenciados como na palavra para "dentes" ['d ã n i]; já o vocábulo 'ano⁵, cujo correspondente em *calon* é [ʒ i 'v e j s], tem como forma plural o

sintag [b u 't ʃ i ʒ i 'v e j s] ¹⁸.

3. Uso não-sistemático da desinência de gênero: Conforme visto anteriormente, masculino-singular forma-se com {o} e feminino-singular, com {i}. Em *colon*, a palavra

[ʒ a l a s i 'm ã g i], significando 'arrumado', emprega-se tanto em referência a homens

quanto a mulheres, como também [ʃ a 'v õ] sendo usado tanto para 'afilhado' como para 'afilhada' e ['d i l i l õ] para iouco(a)';

4 Perda/alterações de pronomes e expressões possessivas originais do Romani:

¹⁷ Em *calon*.

[t ũ 'ʃ a k a 'm e l a k i l ĩ 'd a x]

¹⁸ Afirma Jose Lemos Monteiro: *os sufixos flexionais ou desinências se identificam, entre outras características, por serem 'obrigatórios', isto quer dizer, se um nome se flexiona em número, terá que ter a marca desinencial* De fato, no caso de 'anos', a desinência de número em Romani é o {e}.

Tabela 5 - Pronomes pessoais

ROMANI	CALÃO	CALON	PORTUGUÊS
<i>me</i>	<i>amanga</i>	<i>menga</i>	<i>Eu</i>
<i>tu</i>	<i>tusa</i>	<i>tuncha</i>	<i>Tu/você</i>
<i>vov</i>	-	<i>tuncha</i>	<i>Ele</i>
<i>voj</i>	-	-	<i>Ela</i>
<i>ame</i>	<i>Amanga</i>	<i>nosca</i>	<i>Nós</i>
<i>tume</i>	-	-	<i>Vocês</i>
<i>von</i>	-	<i>tuncha</i>	<i>Eles</i>

Tabela 6 - Pronomes possessivos

ROMANI(Raiz-) ¹⁹	CALON	PORTUGUÊS
<i>MURR- MUNRR-, MUNDR-, MORR- MIR ()-</i>	<i>MARÕ</i> ou <i>MENCHA</i>	MEU / MINHA
<i>TJIR, CIR-, KIR- LES-K-, LEHK- LA-K-</i>	<i>MENGA</i> ou <i>TUNCHA</i>	TEU / TUA
<i>PES-K-, PEH-K- AMAR- TUMAR</i>	—	SEU
<i>LEN-G- PEN-G</i>	—	SUA
	—	PRÓPRIO (A)
	<i>NOSCA</i> ou <i>Ø ROM</i>	NOSSO (A)
	—	SEUS
	—	DELES
	—	DELES PRÓPRIO

¹⁹ Em Romani, pronomes possessivos são considerados, de fato, adjetivos, e, portanto, compartilham das mesmas terminações destes. Assim, o pronome possessivo 'teu' em Romani é *tjir-o* (ou também, *âr-o*, *kir-ó*) e 'tua', *tjir-i* bem como *cir-i* ou *Kir-i*.

Tabela 7- Expressões possessivas

ROMANI	CALÃO	CALON	PORTUGUÊS
<i>man</i> (sg. obl.)-ge('para')	<i>mangue</i>	<i>para mécha</i>	para mim
<i>man</i> (sg. obl.)-sa ('com')	—	<i>mencha</i>	comigo
<i>tut</i> (sg. obl.)-sa	—	<i>tuncha</i>	contigo
<i>tut</i> (sg. obl.)-ke ('para')*	—	<i>tuncha</i>	para você
<i>leste</i>	—	<i>oi</i>	dele
<i>late</i>	—	<i>a ruim</i>	dela
<i>lende</i>	—	<i>do rom/ da ruim</i>	deles(as)

* O /k/ é vozeado para /g/ ({-ge}) quando precedido de /-n/ da forma pronominal e da forma nominal oblíqua plural.

Tabela 8 - Alguns pronomes indefinidos

ROMANI	CALÃO	CALON	PORTUGUÊS
<i>Khànči</i> (nom.)	<i>chi</i>	<i>Chichi</i>	<i>nada</i>
<i>Khànčes-</i> (obl.)			
<i>Kònik, nikon</i> (nom.)	<i>caique</i>	<i>nunsiali</i>	<i>ninguém</i>
<i>Kanikàs-, nikàs-</i> (obl.)			

5. Perda dos artigos definidos e indefinidos: Tanto os nomes próprios quanto os nomes comuns recebem, em P.omaní, artigo definido, assim como as partes do corpo e as enfermidades. Estão no quadro abaixo os artigos definidos, incluindo as variações de forma que apresentam ao se referirem a nomes com determinadas funções sintáticas:

²⁰ Em Romani, nomes e pronomes pospostos com {-te}, posposição locativa/ ilativa, e {-ke}, posposição

indicativa de objeto indireto, formara expressões possessivas como *tute*, 'em você', e *tuke*, 'para você'.

Tabela 9 - Artigos definidos

FUNÇÃO	SN	Nome singular		Nome plural	
		masculino	feminino	masculino	feminino
SUJEITO DA SENTENÇA		<i>o</i>	<i>e</i>	<i>le</i>	<i>le</i>
OBJETO DA SENTENÇA		<i>le</i>	<i>la</i>	<i>le</i>	<i>le</i>
VOCATIVO		<i>-eja</i>	<i>-ijo</i>	<i>-ale</i>	<i>-jale</i>

Analisando as sentenças enumeradas na subsecção 4.4., percebe-se nas sentenças (1), (2), (3) e (5), que apresentam SN no sujeito (os núcleos são nomes masculinos, singulares: *rapaz*, *brinquedo*, *tio*, *rio*), a presença do artigo {o} que sugere ser a forma portuguesa e não a Romani. Reparem no SN-objeto da sentença (3) - [kajs] - que é nome feminino, singular em *calon*, e que, portanto, exige o artigo {la} anteposto. Na sentença (6), temos outra prova da perda dos artigos: a palavra feminina, singular [xu'ɪ], empregada no caso oblíquo, deveria estar precedida do artigo Romani {la}; como também o núcleo do sujeito (palavra feminina, singular) da sentença (9), deveria estar acompanhada do artigo {e}.

"O artigo indefinido é idêntico ao numerai 'um' (...); usualmente tem a forma **jekh**, especialmente na contagem, embora tenha uma forma alternativa comum **ekh**" (HANCOCK, 1995:54). Quando a consoante inicial do nome, a que se refere, for vozeada, a forma do artigo muda para eg. Assim, 'um homem' em Romani será **jekh ma nus** e 'um cachorro', **eg dori**. No caso oblíquo, acrescenta-se ao artigo Romani indefinido a marca de gênero, resultando desta maneira na forma **ekh-e** e na feminina **ekh-a**. Em nosso *corpus*, temos a forma [ɛki] cuja semelhança fonética levou-nos a princípio a vê-la como a raiz do artigo indefinido no Romani. Mas [ɛki] em *colon* pode ser numerai ou

6. Perda da morfologia verbal: Em Romani, os verbos têm dois tempos, *o presente* e o *aoristo*, dos quais derivam outros tempos e formas aspectuais. Os verbos Romani compõem-se das *raízes*, às quais são acrescentadas os afixos não-finais (em inglês, *non-final affix (NFAs)*) e *sufixos* para indicar pessoa, número, aspecto e tempo. O NFA {-k} (que sofre vocalização quando se liga a um radical terminado em /-n/) é marcado por gênero, número e caso. Os sufixos verbais levam consigo o acento de toda a palavra flexionada.

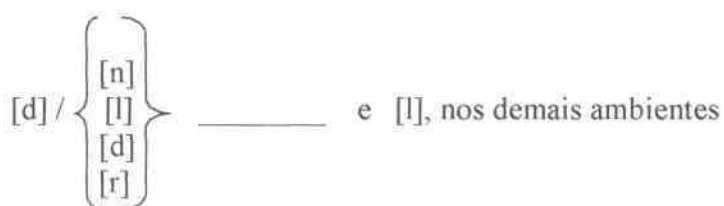
Sufixos de pessoa e número do tempo presente de verbos temáticos regulares

1. ^a sing.	-av
2. ^a sing.	-es
3. ^a sing.	-el (masc.)
	-el (fern.)
1. ^a pl.	-as
2. ^a pl.	-en
3. ^a pl.	-en

verbo SER/ESTAR

	<i>Presente</i>	<i>Passado imperf.</i>
1. ^a sing.	<i>sim</i>	<i>sìmas</i>
2. ^a sing.	<i>son</i>	<i>sànas</i>
3. ^a sing.	<i>si f masc./fem.)</i>	<i>sas (masc./fem.)</i>
1. ^a pl.	<i>som</i>	<i>sàmas</i>
2. ^a pl.	<i>son</i>	<i>sanas</i>
3. ^a pl.	<i>si</i>	<i>sas</i>

Há três categorias de tempo passado no Romani: (a) o imperfeito (o mais simples deles), (b) o aoristo, e (c) o mais-que-perfeito. Para compor o passado imperfeito, basta acrescentar às formas do presente de um verbo o sufixo átono {-as}. De modo semelhante, o passado do verbo *ser/estar* é feito adicionando {-as} às formas do presente (veja tabela acima). Outro tempo passado é o *aoristo*, construído com o acréscimo dos *sufixos de pessoa e número* (-em, -(j)an' -(j)as (masc./fem.), -(j)am, -(j)an, -(in)e) e, algumas vezes do *sufixo de gênero*, ao *radical aoristo* (raiz do verbo no tempo presente + *NFA aoristo* {-1} ou {-d}, dependendo do ambiente fonológico).



Há formas regulares e formas irregulares do aoristo, a que não faremos menção neste trabalho visto não constituírem os objetivos dele.

O passado mais-que-perfeito se constitui pela junção, à forma completa do aoristo, do sufixo átono {-as}; assim, o verbo √ **dikh-**, "ver, olhar⁵", apresentará a seguinte configuração no passado mais-que-perfeito: **dikh-I-ém-as** Há pontos a serem observados, como, por exemplo, a terceira pessoa do singular do aoristo deve estar em sua forma plena {-

jas}, bem como a terceira pessoa do plural do aoristo deve acrescentar um /-s/ antes do sufixo **{-as}**.

O tempo futuro pode ser formado de três maneiras, sem contar com o tempo presente que também é empregado em construções futuras: 1.º) acréscimo do sufixo **{-a}** ao radical do verbo conjugado no tempo presente (ex.: **dikh-àv-a**); 2.º) o conhecido *futuro analítico*: **kam** + verbo (tempo presente), e 3.º) o *futuro intencional*: **Vdza-** 'ir' + verbo, sem o *te* (partícula que se interpõe entre dois verbos sucessivos). Ex.: **vov dzal bikinel** (...), "ele está indo vender..."

Verbo SER/ESTAR no tempo futuro

1. ^a sing.	<i>avav</i>
2. ^a sing.	<i>aves</i>
3. ^a sing.	<i>avel</i> (masc.)
	<i>ovel</i> (fem.)
1. ^a pl.	<i>ovas</i>
2. ^a pl.	<i>aven</i>
3. ^a pl.	<i>aven</i>

O chamado *futuro perfeito* é a combinação da partícula **kam** do futuro com o aoristo, e.g., **me kam dikhlem les**, "eu teria visto ele". Enfim, apresentamos de modo sucinto a morfologia verbal temática que já não se encontra mais no *calon*. Falta a morfologia verbal atemática - também ausente no *calon* - que não será exposta, visto que não é o propósito deste trabalho realizar uma descrição gramatical desta língua cigana.

O segundo item destacado por Hill, *crystalização de determinadas lexicalizações em estruturas complexas*, requer algumas considerações para a compreensão dos exemplos do *calon*. De acordo com o *Dicionário de Lingüística*,

Lexicalização é o processo pelo qual uma seqüência de morfemas (um sintagma) toma-se uma unidade léxica. Charles Bally considera a lexicalização um processo de 'desgramatização' um processo que favorece o léxico às custas da gramática. Os termos de um sintagma podem, assim, tomar-se inanalizáveis do ponto de vista do uso lingüístico cotidiano(...) (DUBOIS. 1973).

Freire e Silva expõe, em sua dissertação, pontos de vista de vários autores quanto ao critério que melhor permitiria reconhecer unidades lexicalizadas. Um deles nos convém:

Muitas vezes, embora se saiba que o significante representa um conceito unitário, há unidades complexas cujo sentido, embora global, pode ser, de alguma forma, recuperado pelos elementos que as compõem, havendo, mesmo que subjacente ao sentido do todo, uma relação determinado-determinante. Isso pode ser observado nas *unidades com menor grau de lexicalização*, como, por exemplo, em 'casa de campo'. É uma casa, é para descanso e pode estar situada no campo. Em unidades desse tipo, a sintaxe se revela na predicação, o significado das partes contribui para o sentido global e a unidade pode ser interpretada como uma associação de um determinado e um determinante, e é por essa razão que o grau de integração semântica é menor em relação a unidades como 'pé-de-moleque', por exemplo (...) (grifo meu) (FREIRE E SILVA, 2003:75).

Uma outra análise, mas que tem paralelos com a explicação acima, é a de Bernard Pottier. Para este lingüista, a unidade lexical com mais de uma palavra e com significado global, à qual dá o nome de *lexia complexa*, é "uma seqüência em *vias de lexicalização*, a vários graus, com as propriedades de rigidez ou variabilidade. A *lexia rígida* consiste em seqüência memorizada invariável, enquanto a *lexia variável* tem uma zona instável e outra estável" (grifos meus) (POTTIER, 1978:268-9). A partir destas reflexões, proponho que consideremos as seguintes construções em *calon* como unidades complexas com menor grau de lexicalização, ou se preferirem uma *lexia complexa variável*, segundo B. Pottier.

1. [bi'dʒitʃi du 'vajs] 'unha' (bi'dʒitʃi, 'coisa' + vajs, 'mão')
2. [bi'dʒitʃa di 'lagi] 'vela' (bi'dʒitʃa, 'coisa' + 'lagi, 'fogo')
3. [bi'dʒitʃa du 'pujs] 'formiga' (bi'dʒitʃa, 'coisa' + 'pujs, 'terra')
4. [bi'dʒitʃu du 'buxi] 'abelha' (bi'dʒitʃu, 'coisa' + 'buxi, 'mato')
5. [ʃe'ronu 'pujs] 'ajoelhar' (ʃe'roj s, 'joelhos' + 'pujs, 'terra')
6. [bi'dʒitʃi di ʃu'dax puʃ'tã] 'escova' (ʃu'dax, 'lavar' + puʃ'tã, 'pano')
7. [nu 'muj s] 'beijar' (muj s, 'boca')
8. [bi'dʒitʃa dispũdʒi'na^h bu'dari] 'chave' (dispũdʒi'na^h, 'abrir' + bu'dari, 'porta')
9. [xõ mirĩ'o] 'viúva' (xõ, 'esposo' + mirĩ'o, 'morreu')
10. [pã'ĩ di bi'dʒitʃi di pi'rĩ] 'caldo' (pã'ĩ, 'água' + pi'rĩ, 'panela')
11. [bu'te pu'rĩ] 'avô, avó' (bu'te, 'muito' + pu'rĩ, 'envelhecer')
12. [dũʃs'vajs e 'eki] 'onze (numeral)' (dũʃs, 'dois' + 'vajs, 'mão' + 'eki, 'um')
13. [o ʃa'lvõ da mi'ŋa ʃabu'xĩ] neto, por parte de filha (ʃa'lvõ, 'filho' + ʃabu'xi 'menina')
14. [o ʃa'lvõ do me w ʃabu'xõ] neto, por parte de filho (ʃa'lvõ, 'filho' + ʃabu'xõ, 'menino')
15. [a ri'pa da mi'ŋa xu'ĩ] cunhada (ri'pa, 'irmã' + xu'ĩ, 'mulher')
16. [u'xõ ke ka'mela mi ʃtoj] amigo (xõ, 'homem' + ka'mela mi ʃtoj, 'querer bem')

17. [xu^lĩ du ka^l lō] esposa cigana (xu^lĩ, ‘mulher’+ ka^l lō, ‘cigano’)

Enfim, vê-se pelos fatos lingüísticos expostos acima que o *calon* perdeu por completo a antiga declinação e conjugação, apenas representada na atualidade por raros vestígios. Tal qual afirmou Adolfo Coelho, com relação ao Calão (romano), o *calon* também "(...) perdeu quase todas as partículas e pronomes, e outras formas gramaticais que ainda conserva o gitano; representa pois um estágio mais adiantado na ruína da língua tzigana primitiva que o gitano (...)" (COELHO 1995:62). Hoje, distantes da edição original de *Os Ciganos de Portugal* em cento e doze anos, podemos atestar inclusive a morte da língua dos gitanos da Espanha. A língua dos Calon reduz-se praticamente a vocábulos feitos e marcas de gênero e número em casos esparsos.

4.5. Deterioração da componente sintática

Em seu manual do romani, que nos tem servido de esboço da língua original, o ciganólogo e crioulista Ian Hancock apresenta a ordem VSO como o parâmetro do proto-romani europeu. Nos exemplos seguintes, constata-se que a ordem do *calon* é similar à ordem das palavras na oração do português do Brasil, ou seja, sujeito-verbo-objeto/predicativo.

(1) [o xō ka^lmela xu^lĩ]

ART rapaz gostar moça

“O rapaz gosta da moça”.

(2) [arikew^lda^h du mu^llō]

falar PREP morto

“Tu não deves falar dos mortos”.

(3) [o a^lve ʃinay^ldo o kajs kō o fo^lxō]

ART tio cortar ART árvore PREP ART facão

“O tio cortou a árvore com o facão”.

(4) [o kajs pagey^ldo^h]

ART árvore quebrar

“O galho da árvore quebrou”.

(5) [o driaw nū si^lala pã̃]

ART rio não ter água

“O rio está secando”.

(6) [o xō ximīdī ay^ldo kō a xu^lī]
 ART *homem* *casar* PREP ART *mulher*
 “Os vizinhos casaram-se”.

(7) [o briʃ^līdu si^lala dibu^lte]
 ART *chuva* *estar/ser depressa*
 “Não pára de chover”.

(8) [si^lala bu^ltʃi dira^lʃī]
ser/estar muito noite
 “O vale é muito escuro”.
 (o vocábulo ‘vale’ é desconhecido em *colon*)

(9) [a ʃabu^lxī da ^lmija ri^lpa mi^lĩo nu driaw]
 ART *filha* PREP *possessivo irmã morrer* PREP+ART *rio*
 “A menina, filha de minha mãe, minha irmã, morreu na lagoa”.

Além da ausência de instrumentos gramaticais (artigos e preposições em especial) e dos morfemas da flexão verbal (desinências de tempo e formas nominais), de que já tratamos na subseção anterior, observa-se nos exemplos (2) e (5), em que estão em jogo categorias verbais como *estado* e *duração*, que as sentenças produzidas em *colon* reduzem tais qualidades sintáticas a mera seleção do verbo, deixando ao receptor proceder aos devidos ajustes da informação. Outro ponto relevante da deterioração sintática encontra-se no exemplo (6) no qual o falante de *colon* produz uma sentença de *sujeito ativo* em detrimento da *voz reflexiva*, caracterizando a possível perda desta construção em sua língua (note que o verbo da sentença [ximīdī^l ʃol-pe,]^lele o pronome reflexivo pe(n), que deveria vir hifenizado ao verbo como

Na sentença (9), em que se buscou aferir (i) a capacidade de apreensão da relação lógica presente entre os apostos subseqüentes e (ii) a transposição desta relação para a estrutura frasal em *colon*, percebe-se que houve modificação da LF {*logical form*} da sentença. Entenda-se Forma lógica como o nível da representação lingüística em que toda a estrutura gramatical relevante à interpretação semântica é fornecida.

Jane Hill ainda menciona, entre os muitos tipos de deterioração que podem ocorrer nesta componente, a *perda de tipos de sentença complexa em favor de seqüências de sentenças simples* o que parece suceder também com o *colon*.

5. CONCLUSÃO

A investigação acerca da obsolescência do dialeto *calon* serviu não só como mais um estudo de caso em que se validaram as teses levantadas pelos pesquisadores do campo de "Morte de Língua" mas também como um alerta para nós, lingüistas brasileiros, envidarmos mais esforços na pesquisa e preservação dos dialetos ciganos. O trabalho não se restringiu ao aspecto descritivo como se pode notar pelos capítulos sobre os modelos teóricos empregados em que, na análise da deterioração da língua da comunidade cigana de Mambaí, levamos em consideração tantos fatores lingüísticos quanto fatores não-lingüísticos, a saber, determinantes subjetivas, sociais e ambientais.

Não compartilhamos da idéia de que se um grupo étnico está substituindo sua língua original pela língua da sociedade em que se encontra "enxertado", o que resta ao estudioso é acatar essa decisão como se tal processo transcorresse, no mais das vezes, sem pressões sociais e num quadro de equilíbrio de forças. No convívio com os ciganos, a maior prova que obtive do empenho dos [ku'xi] (velhos) em conservar o *calon*, uma vez que boa parte dos antigos costumes já se perdeu, foram as constantes repreensões dirigidas por eles aos jovens e alguns adultos que pareciam não se lembrar do que lhes foi transmitido da língua.

A indagação que permanece ao fim desta pesquisa é: Sabendo-se que a atitude dos falantes é critério preponderante no que diz respeito à manutenção de língua, ao mesmo tempo que não se nega que interações há entre seres vivos em que ambos se beneficiam vivendo em conjunto, o que de fato leva um povo a abrir mão do principal instrumento de sua cultura? Ausência da realidade cultural em que a língua encontrava sua expressão? Adaptação em prol da sobrevivência do grupo? Prestígio da língua da sociedade envolvente? Por enquanto, não é possível dar respostas acabadas a essas questões, mas não resta dúvida de que a situação de contato em que se encontram os Calon tem provocado uma

pressão massacrante, termo proposto por Thomason e Kaufman numa classificação de níveis de manutenção de língua²¹, sobre o dialeto *colon*, o que se evidencia pela mudança gramatical maciça sofrida por este dialeto e o risco de extinção a que está exposto tal sistema lingüístico, caso os esforços de manutenção da língua não logrem. Como afirma o etnólogo Herbert Baldus: "Há reação [num contexto de aculturação], quando surgem movimentos contra-aculturativos, ou por causa da opressão, ou devidos aos resultados desconhecidos da aceitação dos traços culturais estranhos" (BALDUS & WILLEMS, 1939:18-19) e, nesse sentido, é preciso que se recorde que os ciganos sempre foram considerados um povo livre, filhos do vento, cujas convicções nunca foram abaladas pela tirania de governantes nem pela desconsideração *dos gadje*.

²¹ Os outros dois tipos desta Classificação são: (a) o *contato leve* (casual), em que o vocabulário não-básico é tomado de empréstimo e nota-se nas conversações da comunidade um bilingüismo sutil; (b) o *contato intenso*, cujas características são empréstimo drástico de léxico e moderado de estruturas gramaticais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLFO, Sérgio Paulo. *Rom: Uma odisséia cigana*. Londrina: Editora UEL, 1999. 149p.

ALEXIADES, Miguel N. (ed.). *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual*. New York: New York Botanical Garden, 1996.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 9 ed. Campinas: Papirus, 1995.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996. 303p.

BALDUS, Herbert & WILLEMS, Emilio. *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BATESON, Gregory. "Os homens são como a planta: A metáfora e o universo do processo mental". In: THOMPSON, William Irwin. *Gaia: Uma teoria do Conhecimento*. 3 ed. São Paulo: Gaia, 2001, p. 35-44.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar quer Dizer*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de Lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 16 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992. 262p.

CHINA, José B. d'Oliveira. *Os ciganos do Brasil (Subsídios históricos, etnográficos e lingüísticos)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

- CHUSID, Joseph G., MD. *Neuroanatomia Corre lativa & Neurologia Funcional*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1972.
- COELHO, Francisco Adolfo. *Os Ciganos de Portugal: Com um Estudo sobre o Calão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. 289p.
- COHEN, Maria Antonieta. "Línguas não-territorializadas: O Haketía, o judeu-espanhol oriental e a língua dos 'Calons'". In: *Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*. n.º 13-2003.
- COUTO, Hildo Honório do. *Anticrioulo: Manifestação lingüística de Resistência cultural*. Brasília: Thesaurus, 2002. 136 p.
- CROWLEY, Terry. *An Introduction to Historical Linguistics*. 3 ed. Auckland: Oxford University Press, 1997.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora/Edusp, 1972.
- DORIAN, Nancy C. (Org.) *Investigating obsolescence: Studies in language contraction and death* United States of America: Cambridge University Press, 2001. 443p.
- DUBOIS, Jean *et alli*. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- DURHAM, Eunice. *Reconstituição da realidade: Um estudo sobre a obra etnográfica de Bronislaw Malinowski*. São Paulo: Editora Ática, 1978. 187p.
- ENDER, Thomas. *O Brasil de Thomas Ender (1817)*. Rio de Janeiro: Fundação J. M. Salles, 1976.
- FERREIRA, Luiz Lins Pinto. *Dicionário de sociologia*. São Paulo: Bushatsky, 1977.
- FILL, Alwin. "Tensional Arches: Language Ecology". In: FILL, Alwin; PENZ, Henrique & TRAMPE, Wilhelm (eds.). *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002.

- FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FRASER, Angus. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998. 359p.
- FREIRE DA SILVA, Regina Maria Furquim. *Terminologização e Lexicalização: proporcionalidade e divergências*. UnB, dissertação de Mestrado, 2003.
- GEIPEL, John. "Calo: a linguagem 'secreta' dos ciganos da Espanha". In: BURKE, Peter & POTTER, Roy. *Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 133-163.
- HALE, Kenneth Locke. "The Human Value of local languages". Disponível no endereço eletrônico <<http://web.mit.edu/newsoffice/2001/hale.html>>. Acesso em 01.nov.2004.
- HANCOCK, Ian. *A Handbook of Wax Romani*. United States of America: Slavica Publishers, 1995. 178p.
- HILL, Jane H. "Dimensions of attrition in language death". In: MAFFI, Luisa (org.). *On biocultural diversity: linking language, Knowledge and the environment*. Washington: Smithsonian Institution, 2001. p. 175-189.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- KENRICK, Donald. "Romani English". In: *Internacional journal of sociologie of language* 19, 111-120. 1979.
- LEAKEY, Richard E. & LEWIN, Roger. *O Povo do Lago - o Homem: suas origens, natureza e futuro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- LOPES, Reinaldo José. "Uma releitura para Babel: dialetos recém-criados pela migração podem garantir a diversidade lingüística da Terra". *Scientific American Brasil*. Portugal, Ano 3 - n.º 25, 58-63, junho de 2004.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil, tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- MARTINEZ, Nicole. *Os ciganos*. Campinas: Papirus Editora, 1989.

- MATURANA, Humberto. "Ontologia del Conversar". In: *Desde la Biología a la Psicología*. 3 ed. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1996.
- MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- MITHUN, Marianne. *The Language of Native North America*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2001.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4 ed. (rev. e amp.). Campinas: Pontes, 2002. 256p.
- MORAES FILHO, Alexandre J. de Mello. *Os ciganos no Brasil & Cancioneiro dos ciganos*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1981.
- _____. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília: Subsecretária de Edições técnicas do Senado Federal, 2002.
- MOTA, Ático Vilas Boas da. "Contribuição à História da Ciganologia no Brasil" *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, n.º X, 1982.
- _____. "Os ciganos: uma minoria discriminada". *Revista brasileira de política internacional*, ano XXIX (115/116), 1986. p. 21-46.
- MUFWENE, Salikoko S. *The Ecology of Language Evolution*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2001.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. "Ecology of Languages". *Current issues in language Planning*. Vol. 1. 3. 306-308. 2000.
- NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. 1994. 15 ed., vol. 5. Chicago.
- OLIVÊNCIA E SOUSA, Carmem Maria. *A variedade da língua cigana falada em Goiânia*. UFG, dissertação de mestrado, 1992.
- RICKLEFS, Robert E. *A economia da Natureza*. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983. 503p.
- ROSA, João Guimarães. "Grande Sertão: Veredas". In: *Ficção Completa*. Ed. Nova Aguilar, 1995; p. 27. Vol. II.

_____. "O outro ou o outro". *In: Tutaméia, Ficção Completa*; Ed. Nova Aguilar, 1995b. p.

627.

_____. "Zingaresca". *In: Tutaméia, Ficção Completa*; Ed. Nova Aguilar, 1995b.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: Ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. 203 p.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português*. 6 ed. (rev.). São Paulo: Contexto, 2002. 275p.

THOMASON, Sarah G. & KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

THORNTON, Robert J. & SKALNIK, Peter. *The early writings of Bronislaw Malinowski*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TYLOR, Edward Burnett. *Primitive culture*. Gloucester: P. Smith, 1970. 2 v.

VIEIRA E MACEDO, Rita de Cássia de C. *O sistema fonológico do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)*. UnB, dissertação de mestrado, 1999.

VILLAR, Francisco. *Los Indoeuropeos y los orígenes de Europa*. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena (org.). *Dicionário de Termos Lingüísticos*. Lisboa: Edições Cosmos, s.d.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. 8 ed. Paris: Mouton, 1974.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Entrevista com o chefe dos ciganos do norte-nordeste de Goiás, Sr. Dálcio

(Dálcio) Eu sou de cinquenta e três, do dia dezesseis de fevereiro meu nome é Dálcio, cheguei por aqui em mil novecentos e setenta e dois e premaneço nesta cidade de Mambaí até hoje.

(Entrevistador) Que nome vocês se dão?

(Dálcio) Nós temos a origem a tradição dos ciganos, né? Nós se apresenta como cigano.

(Entrevistador) Como vocês chamam os que não são ciganos?

(Dálcio) Gajon.

(Entrevistador) Qual o nome da língua de vocês?

(Dálcio) A nossa língua não são escrita, ela são falada... no dicionário ela não é escrita, ela é falada, mas só mesmo a nossa e nós chama ela assim de "Chibi", de "Calon", quer dizer que "Chibi" se transforma a linguagem do cigano. E assim por diante.

(Entrevistador) Qual o nome da língua dos demais brasileiros não-ciganos?

(Dálcio) Pra nós é a língua comum porque é a língua escrita que tem nos dicionários e a língua que qualquer pessoa fala e entende ela, né? Já a nossa já são a língua mais "complicada" porque só nós é que tem aquela origem de trazer aquela tradição daquela linguagem. Só algum amigo que a gente às vezes passa a ser amigo e a gente considera que a gente passa a ensinar a linguagem. Que ainda tem muitos amigos que vem da minha cidade que a gente passa a ensinar pra eles. Aí eles conversa com nós pessoalmente assim em qualquer lugar e só nós que fica sabendo junto com ele.

(Entrevistador) Em que situação vocês usam a língua?

(Dálcio) Ah, principalmente mais em negócio, né? A gente tá fazendo um negócio e a gente tem mais aquela tradição de falar a nossa língua, né? Nós tamo negociando é quando nós participa mais de falar a nossa língua.

(Entrevistador) Quando falam, com quem?

(Dálcio) Principalmente com a família, né? Porque a gente fala procurando alguma coisa e no sentido deles responderem pra nós também na mesma língua. Se eu tiver negociando com você, você fica sem saber o que nós tamo comunicando (risos).

(Entrevistador) Entre vocês a língua falada é sempre a cigana?

(Dálcio) É mais ou menos a maioria. Vamo supor oitenta por cento, entre nós, nós gostaria mais de conversar sobre a nossa língua.

(Entrevistador) Entre um velho e outro velho, qual a língua utilizada?

(Dálcio) É mais a língua cigana, que eles gosta mais de contar aqueles causos mais antigo, e às vezes pode ter alguém por perto ali eles não vai querer que aquela rapaziada passa a saber, então eles conta mais sobre a língua, fala mais sobre a nossa língua.

(Entrevistador) Entre um velho e um jovem qual a língua utilizada?

(Dálcio) Ah! Sempre o jovem é uma coisa mais mais sem sentido, gosta de procurar muito, né? O que ele não sabe ele gosta de informar com aquelas pessoa mais idosa. Então aí a pessoa mais idosa gosta de falar aquela língua que tem a nossa tradição da nossa família mesmo, né? Conversar com ele sobre a linguagem nossa.

(Entrevistador) Entre um jovem e outro jovem, qual a língua utilizada?

(Dálcio) Ah! Eles troca muita idéia aí agora já vareia, né? Às vezes conversa a língua cigana e já conversa língua portuguesa, né?

(Entrevistador) Crianças brincando umas com as outras falam em que língua?

(Dálcio) Muitos já conversa na língua, já outros já falam o português. Às vezes também fica distraído às vezes fala uma coisa ali na linguagem outro já responde já pelo português. Então, isso aí não tem um bom sentido. **(Entrevistador)** Em que língua a mãe conversa com o bebê?

(Dálcio) Ah! Sempre que quando vai pegando assim de dois anos de dois anos e meio pra cima já começa a falar já a nossa linguagem, né? Que é pra racionar aquela pessoa mais ou menos naquele sentido. Daí crescendo já com aquele sentido de começar a falar. Aí é que nem eu expliquei pro senhor. Não tem nenhum livro pra pessoa estudar e ver aquela palavra então é nós falando. Mas todas palavra significa a nossa linguagem. Tem o nome que nós fala com a nossa linguagem, só que no dicionário não encontra. Então por aí onde é que a criança a pessoa sempre ir conversando com ele pra ele ir pegando aquela....e tomando conhecimento daquelas palavras e sabendo o que pode falar, né?

(Entrevistador) É essa a língua que a criança aprende primeiro?

(Entrevistador) A que a mãe fala com o bebê?

(Dálcio) Não. E mais ou menos por aí, né? E aí... vamos supor.... tem um sobrinho meu aqui que é meu irmão mora vizinho, minha filha que é.... tem meu neto aqui, aí eu já quero falar com eles já, eu chamo eles às vezes pelo nome já de uma linguagem. Aí eles já começa entender aquilo. Às vezes você tá por perto ali, você não percebeu o que que eu falei pra eles, e ele é uma criança que já entendeu aquilo. Eu mando pegar uma mercadoria na linguagem ele vai lá e pega se eleja.... viu falar, mas não soube o que eu falei com ele, e ele como criança já tem um recionamento assim da palavra, ele vai lá já... pega às vezes uma mercadoria ou dá um recado pelo que eu mandei ele falar, na nossa linguagem ele já vai lá, e já transmite aquilo que a gente já passou pra ele.

(Entrevistador) Cada pessoa tem um nome na língua cigana e outro em português?

(Dálcio) Não. Não. Não. O nome sempre é o normal. Da língua cigana e a língua portuguesa também, né?

(Entrevistador) Um nome pra

(Dálcio) E. Sempre a criança tem, porque vamo supor, às vezes ele chama Pedro e nós chama ele de "Chaburron", "Chaburron" significa a palavra na nossa linguagem 'criança'. "Chaburron" significa criança.

(Entrevistador) E aí chamaria ele de "Chaburron"?

(Dálcio) "Chaburron" Ô "Chaburron", já gritou ele ali, se tiver sozinho, por perto ele já se toca, né? Aí se quiser falar com ele outra palavra, já na linguagem, já ouviu, ele já fala com a palavra já na linguagem nossa. Aí ele já vai entender também aquilo.

(Entrevistador) Vocês costumam contar histórias para os mais novos?

(Dálcio) Costumamos.

(Entrevistador) Em que ocasiões?

(Dálcio) É, sempre que eles tiver mais reunido assim, né? Porque você vê essa casa aqui ó, tem vezes que minhas nora, com'você vê que vai chegando ali ó. Ali é nora, é sobrinha, aquela lá também é sobrinha, vai uns neto, os filho, quando tiver todo mundo reunido ali aí sim nós vai contando aquelas história dos nossos avô que falava isso, falava aquilo, como é que é que eles explicava pra nós, que era as pessoa, como é que é que não era, né? Tem sempre começa de ter aquele comentário assim com a família quando tá tudo reunido. Então ali eu acredito que vai ser... tipo assim... de uma lição pra aquelas pessoa mais novo de hoje, né? Porque a história dos mais velho pra nós hoje é uma coisa muito interessante. Os mais velho tinha conhecimento, as pessoa assim dedicado nas coisas, né? Eles já.... meio curioso. Não era umas pessoa que tinha cultura mas tinha sabedoria, né? Entendia pelas

coisas, bem entendido. Visse uma pessoa aqui, conversasse com aquela pessoa, a pessoa já tinha uma base assim, sabendo quem era aquela pessoa, então gostava de explicar: ó meu neto, meu filho, as pessoa chega, com poucos minuto que a gente tiver com eles, pouco tempo de ver com aquela pessoa a gente já sabe o que que a pessoa é. E hoje em dia 'cê nasce e cria às vezes com o pessoal aí e você não sabe quem é aquela pessoa. Não sabe se aquilo é um bandido, se aquilo é um malfazejo, tá? Então aquelas pessoa mais velha não tinha cultura mas eles tinha intindimento, de conhecimento. Então muitas coisas que eles falava naquele tempo que a gente era criança, a gente falava "Ah! Meu avô tá é bobo, isso aí não é isso que ele tá falando não. Hoje a gente já tem conhecimento daquilo. Quer dizer que eles já morreram mas deixou aquela lição. Deixou aquela coisa que falaram e hoje nós tamo vendos, tá? Então a gente gosta sempre de passar aquilo pra família hoje assim contar aqueles causo daquelas pessoa véia que a gente tinha pra poder a pessoa sempre tomando iniciativa das coisa, né?

(Entrevistador) Que tipos de festas vocês costumam realizar?

(Dálcio) Sempre nós somo muito devoto, né? Sempre na família cigana tem assim um santo que a pessoa seja devoto e quando não seja um seja outro, às vezes aquela pessoa é comprometida com aquele santo. Às vezes faz uma promessa por um filho, às vezes por ele mesmo, ou por uma pessoa da família, inté tantos anos eu vou festejar pra santo fulano. Então durante aquele perinto que a pessoa premeteu então continua aquela festa todos anos.

(Entrevistador) E como são essas festas?

(Dálcio) Não, as festas nossas é umas festas assim, religiosas mesmo igual as suas, comum, brasileira mesmo igual eu tinha acabado de dizer, né? Então é o seguinte aquelas festas assim que a gente faz com muita atenção com muito respeito, né? Nas nossa festas nós não aceita gente chegar com ousadia nem com as nossa família nem com as família dos nosso amigos particular que chega. Então é aquelas festa respeitada, aquelas festa que tem tradição, tem ritmo, você pode levar sua família, levar qualquer um de suas família tanto mulher como criança, como qualquer amigo seu. Todo mundo respeita do grande ao pequeno, então aquilo aí é uma tradição que nós trouxemo de beugo, trouxemo aquilo de... pela nossa nação. Aquilo ali já vem pela nossa procedência, da nossa nação. Então aquilo hoje nós conserva aquilo inté hoje. Festa nossa não tem briga.

(Entrevistador) Há música, dança e comidas típicas dos ciganos?

(Dálcio) É sempre vareia a música; Tem a música cigana, né? Mas nós família também dança a música brasileira, vamo supor que essa dança comum de hoje também é mesma coisa. Nossas família também dança com qualquer pessoa particular, mesma dança também não tem problema, né? A comida cigana mais é carne, é feijão, é arroz, é farinha essas coisa aí, né? (risos)

(Entrevistador) Como se dá o casamento cigano?

(Dálcio) O casamento cigano de primeira é uma coisa assim muito complicada porque nós só gostaria de casar mesmo só mesmo nas nossa família, né? 'sim, família com família, às vezes um primo com uma prima, um parente, né? Hoje não. Hoje eu tenho seis filhos casado, eu mesmo como chefe dos ciganos aqui o Dálcio tem seis filhos casado, tudo aqui na região e nenhuma é cigana. É... tem duas filhas minha casada com dois morador daqui mesmo, gente, filho daqui mesmo de Mambaí que num faz parte dos ciganos. E eu tenho quatro filhos também que é casado e não faz parte com cigano.

(Entrevistador) E a cerimônia como é que é?

(Dálcio) A mesma coisa. Não muda nada. A religiosa a mesma coisa. A católica. Eu tenho gente da minha família que é crente, né? É batizado nas igreja, né? Então nós mudamo assim mais ou menos o itinerário... De primeiro cigano viajava muito, o cigano era mais cunhecido porque fazia aquela caravana assim de menino e mulher tudo montado a cavalo e saía cortando de um estado pra outro, trinta, quarenta, cinqüenta, sessenta inté cem famílias. Hoje não tem mais isso. Hoje na minha decendência de cigano todo mundo mora, todo mundo estuda, todo mundo... tem aquela tradição normal que pode ter hoje, né? Então hoje em dia inté a maioria dos cigano mais velho são tudo grego, não sabe ler. Porque andava naquele itinerário, naquele vínculo de antigamente. Só queria andar daqui pra Minas, que nem aqui no Goiás. Saía do Goiás ia pra Minas, ia pra Bahia, pra Mato Grosso, tudo a cavalo, com as mulher, com as crianças, hoje todo mundo mora, tem residência, procura lugar que tem

escola pra dar estudo pros filho, pros neto, então a tradição cigana mudou muito hoje em dia. Cê pode ver que cigano é uma pessoa que... a gente gostaria inté que o governo esses governanti desse mais um pouco de quietério pra cigano. Porque cigano você não vê um cigano usando droga, você não vê um cigano assaltando banco, você não vê um cigano fazendo estrupro, né? Você pode ver na televisão assiste o jornal todo dia pra você ver. Cigano não faz seqüestro, somos... é uma classe, uma família, humilde, muito, né? As condições financeira não são muito boa, de certo tempo pra cá começou a melhorar mais um pouco, você tá me entendendo? Então acho que a gente merecia um pouco mais de respeito, pela população, pelos governantes. Nós chega numa cidade dessa aqui, nós constrói cinco, seis, oito, dez casa, você vê que tudo isso já é ajuda pro município pra esses governante que tem aqui, pra prefeitura, né? Então nós somo uma pessoa que não gosta de dar trabalho pras autoridade, eu como líder dos ciganos mesmo mora aqui há trinta e dois anos, não tenho ficha nenhuma na justiça, nem eu nem ninguém dos meus filhos, então eu acho que isso aí é uma honra, né?

(Entrevistador) Quantas pessoas são em uma família?

(Dálcio) Ah! Vareia, cigano veio possuir televisão de cestu tempo pra cá, quando não existia televisão era sete horas 'tava dormindo, e aí gerava criança mesmo, não tinha jeito não. Eu mesmo sou pai de quinze filho, cê acredita isso? Sou pai de quinze filho, casei com dezesseis anos de idade, e eu sou pai de quinze filhos, eu to com cinqüenta ano, eu tenho um caçulinha com quatro ano, aquele 'tava comigo aqui agora ó.

(Entrevistador) E aqui com vocês são quantas famílias?

(Dálcio) Aqui nós somo onze família, aqui dentro de Mambaí. Mas a família que eu governo, que 'tá sobre a minha família comprata mora muito em Posse, então eu sou um chefe de cento e quatorze família, aqui, em Brasília, tudo eu sou o chefe, que eu comando tudo. Qualquer coisa que precisa tem que ser comigo, responder na justiça, qualquer coisa é comigo. Sou responsável por esse grupo.

(Entrevistador) E você poderia citar pelo menos assim o nome do esposo e da esposa de cada uma das famílias?

(Dálcio) Se não der pra citar de tudo mas pelo menos um bocado eu dou conta de citar, né? Aqui tem eu que sou o líder sou o Dálcio, tem o Reisimar que é meu filho, tem o Adalto que é meu filho, ele é casado também, tudo é casado, tem Welinton, tem o Gilmar, tem o Dalcivan, que é um rapaz meu com dezoito anos, tem a Darlene, tem o Cleiston, tem o Welinton, isso aí são tudo meus filho, tem a Suely que é casada que é mais velha, né? Tem meu genro que é o esposo dela que é o Gervaldo, tem o Nivaldo ali que é o esposo da Leila aqui tem esse primo meu aqui ó, é Edevaldo, tem o Geraldo que é meu irmão tem o Rogeval que é meu irmão, tem o Laércio que é meu irmão, qui nem 'cê passou a conhecer ele também, foi o primeiro de quando você veio aqui, né? Lá em Posse tem o Tander, tem o Daniel que é um tio meu, tem o Valdomiro, tem o Cidemário, tem o Jair, tem o Dinês, o Claudemário, tem o aí.... tem o Oranilde, é..... eu tenho que notar no caderno pra você, que é muita gente.... (risos). Tem o Detes também, que é outro primo meu, vareia muito aí, tem muita gente aí, dê um tempinho de meia hora a gente bota tudinho no caderno e vai falando de um por um aí agora.....

(Entrevistador) Quantas famílias existem dentro de um bando?

(Dálcio) De um bando? Ih.... principalmente da minha família é muito grande. A minha família se eu for contar pra você parente por parente, assim de um por um, é mais de 2000 pessoas. É uma das família de cigano maior que tem é essa família minha.

(Entrevistador) E tudo forma um bando?

(Dálcio) Tudo forma um bando. Só que tem muita família minha que já não é eu mais que comando eles. Eles já tem outra chefia, tem outra família que mora pra São Paulo, mora pro Rio de Janeiro, Paraná, 'tá! Então isso aí já é uma pessoa que não tá mais no meu domínio, já tem outros grupos pra lá que já tem o chefe, mas são família, parente, primo... e vai tocando por aí.

(Entrevistador) Quem é que manda no bando? Como são tomadas as decisões?

(Dálcio) As decisões é o seguinte: vamos supor que....a família, o senhor sabe, são coisas unidas, principalmente pelo comum são unidas, porque família de qualquer maneira tem que ser. E aí a pessoa

vai tomando conhecimento da responsabilidade de cada um daquelas pessoa, então nós não somo votado, nós somos escolhido... 'tá? Nós somo escolhidos. As vezes tem um chefe muito bom, mas chegou a oportunidade de já tá um chefe bem velho, já tá já desorientado per'alguma coisa, então afasta aquele, aí eles mesmo escolhe, fulano de tal serve porque já conhece.

(Entrevistador) Quem são eles que escolhem?

(Dálcio) E a própria família mesmo escolhe. A gente faz a união e vamo escolher quem é que pode ser o chefe, porque isso é uma responsabilidade muito grande, cê tá me entendendo? Vamo supor, só eu sou pai de quinze filhos, e meus sobrinhos, e meus irmãos e meus primos? Pra mim corrigir todo mundo. Então se ele for uma pessoa que tiver uma grande responsabilidade não pode. Porque se eu desrespeitar por qualquer uma coisa eu dei o direito a qualquer um da minha família ter qualquer desrespeito com qualquer outro particular. Então eu tenho que ser uma pessoa bem adequada, uma pessoa que uso muito a responsabilidade, tá? Ser uma pessoa muito sério, pra poder toma essa responsabilidade, que se não for, não tem como mandar o pessoal, dirigir o grupo, cê ta me entendendo?

(Entrevistador) Como vocês ganham a vida? De que vivem?

(Dálcio) E, nós cigano somo uma classe de gente assim muito'sinteressado em negócio. Eu mesmo aqui ó. Eu trabalho de segurança em fazenda, eu trabalho de corretagem aqui na rua, tá? eu trabalho de empreiteiro, em várias firmas aqui, em várias fazenda grande já trabalhei muitos anos, e nós mexe com compras e venda de carro, nós vai em Brasília compra televisão, compra aparelho revende, manda vir de São Paulo, colcha de cama, aquelas colcha de crochê, aquelas toalha de mesa, aquelas coisa assim, e nós passa pras família, pras mulheres vender e nós homem mexe mais com esses outros tipo de coisa que eu to te contando.

(Entrevistador) Vocês ainda utilizam a tenda como morada?

(Dálcio) Não.

(Entrevistador) Porque vocês, caso não tenha mais a tenda, porque vocês não usam mais as tendas?

(Dálcio) E porque nós acha que aquilo hoje não dá mais o comércio que pode ser no dia de hoje, né? Então aquele comércio daquele tempo não dá pra nós girar em negócio hoje em dia, nós tem que mudar, igual eu acabei de expricar pra você aqui, eu fui empreiteiro, meus fi foi criado trabalhando, todo mundo sabe trabalhar. Trabalhar de machado, são tratoristas, operador de qualquer máquina, tá? Então nós mudamo, achamo que aquele ramo era um ramo que ia ficar sempre lá no fundo, então nós adilizemo pra outros ramo, o que não soubemo, o que nós não sabia nós forno aprender. Aí foi uma das coisa que eu comecei a reunir o pessoal, eu como líder, como chefe e comecei passar pra eles. E igualmente você tá comercializando um negócio, com qualquer uma coisa, aquilo não tá dando renda, você tem que pensar um pouco, parar, chamar seu companheiro, seu sócio, querer mudar aquilo, é o que eu fiz com meu grupo. Então eu... fizemo reunião eu expricando pra eles, e mostrando as coisa que aquilo não devia ter seguimento porque não ia dar o futuro, o amanhã pra nós, nós tivemo que mudar, uns 'cramaram "Ah, mais eu num sei fazer outra coisa!", mas aprende. Ninguém nasceu sabendo fazer nada. Então vamo partir pra frente, bota pra fazer que faz, né? E pela força de vontade, o querer é muito importante, então vamo entrar naquilo que a gente vai aprender, né?

(Entrevistador) Vocês ainda possuem práticas de cura na língua?

(Dálcio) Sempre há alguém ainda tem essa tradição. Mas aquilo não é uma coisa que a pessoa quer, a pessoa tem que ter um dom, cê tá me entendendo? Se não tiver o dom, é entrar no carro e não saber dirigir. Só vai bater. Então eu como líder da minha família eu sou uma pessoa que... que nem a minha mãe, minha mãe ela entende alguma coisa por que ela é uma pessoa que já tá com uns setenta e tantos anos, uma pessoa que aprendeu há muito tempo, as vó dela, o pessoal dela antigo deixou alguma coisa pra ela e hoje ela ainda age que ela responsabiliza por aquilo, pra fazer e ficar feito, né?

(Entrevistador) Ouvi dizer que vocês dão muita importância à limpeza do corpo... da casa.... como é isso?

(Dálcio) É. O cigano sempre com a mudança que teve porque de toda classe você sabe, tem o mais e tem o menos. Às vezes cê é um jovem, você tem outro irmão jovem, você tem um tipo de higiene às vezes seu irmão não tem. Você age por uma maneira, ele já age por outra. Então eu, depois que eu tomei a liderança, então foi uma das partes que eu expliquei muito pras família: "higiene faz parte da saúde". Você cria seu filho limpinho, assiadinho, ele tem outra vida. Você cria ele jogado a tendência dele é o que, é outra coisa, né? É adoecer, dar mais problema. Então invés de aí como dá mais problema não vai dá só pro pai, vai dar pra mim que sou o chefe. Às vezes não é meu filho, não é meu neto, mas é uma pessoa que tá na minha responsabilidade. Então foi uma das coisas que eu passei, tá? E ingigi vamos ter higiene, né? É muito bom.

(Entrevistador) De onde vocês vieram antes de morar aqui em Mambai?

(Dálcio) Ah, nós vivia mais em Minas... e Bahia.

(Entrevistador) Tinha o nome das cidades?

(Dálcio) Tinha. Montarvânia, em Minas Gerais, e Correntina que é duas cidades que faz parte com então a minha procedência todinha, o meu origem nasceu daí. Montarvânia, Minas Gerais e Correntina, Bahia.

(Entrevistador) Vocês se lembram de onde vieram antes mesmo de chegarem no Brasil?

(Dálcio) Não! não lembro. Os nossos pessoal mais velho, nossos avô então dizem que a nossa origem é egitano, veio do Egito. Na hora da nossa pequena palestra, quando nós começamo a palestrar, foi o que eu passei pro senhor que tem três nação de cigano: Egito, Italiano e o ... acabei de falar há pouca^ hora aqui rapaz... a gente conversando muito assim é Turquia, os turco, então são as três crasse. Mas nós somo essa origem do Egito. Mas eu não tenho nem um passado e nem um conhecimento pelo Egito.

(Entrevistador) Vocês conhecem os ciganos Kalderash?

(Dálcio) Não. Não porque que nem eu acabei de passar pro senhor aqui há pouca hora, nós somo descendência é daqui ó: Montarvânia tem o que... uns trezentos quilômetros, Correntina tem duzentos e poucos então aonde eu comecei entender o mundo foi daí pra aqui. E aqui é Posse, é São Domingo, é Brasília, conheço São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Tocantins, muitos lugar, mas só passeando, a família mais sempre reside por aqui.

(Entrevistador) Existe outro tipo de cigano?

(Dálcio) Não. Do meu conhecimento não. Do meu conhecimento é só essas três nação.

(Entrevistador) E qual a relação entre essas três nações, você sabe?

(Dálcio) É sobre nós com esses outros cigano que é da Itália e que é do Egito, nós não tem nem sempre confrontos, tá? A gente vê muito eles em Brasília, em São Paulo, a gente andando pra lá, a gente vê eles lá, mas às vezes a gente vê eles lá eles tá falando e nós cá não tá entendendo o que eles 'tão dizendo, que a linguagem deles é diferente da nossa, eu não tem nem uma tendência pra te explicar assim um pouco de conhecimento pra dizer assim se aquela língua deles é falada ou se é escrita, porque eu não entendo aquela língua, é igual eu chegar lá no Japão, o japonês falar eu não to sabendo o que ele tá dizendo. Se eu chegar a conversar com meu pessoal eles também não sabe.

(Entrevistador) A sua língua é qual? É a ...

(Dálcio) A nossa língua se torna falada, não é escrita, ela não tem nome. Que nem eu acabei de falar no dicionário não tem.

(Entrevistador) Mas vocês dão um nome a ela?

(Dálcio) Não. Dá um nome assim: linguagem de cigano, agora na nossa linguagem nós fala assim: Chibi de Calon. Chibi é linguagem' e 'Calon' somos nós. Aí Chibi de Calon, tá entendendo? (risos)

APÊNDICE 2

Descrição dos costumes ciganos por Jean Baptiste-Debret

Os primeiros ciganos vindos de Portugal desembarcaram na Baía e se estabeleceram pouco a pouco no Brasil, conservando nas suas viagens os hábitos de povo nômade.

Eles obedecem aos preceitos cristãos, modificados porém através de (...) superstições. Acreditam nos sortilégios e no poder mágico de certas orações repetidas três vezes e acompanhadas de certos gestos; e entre outras práticas (...) personalizam, por exemplo, as dores da Santa Virgem e os pregos da verdadeira cruz e se dirigem a esses intermediários, em caso de infelicidade, para implorar a clemência divina. (...) Apressam-se [ao sofrerem algum prejuízo] em enfeitar seus pequenos ídolos protetores, cobrindo-os com uma infinidade de laços de fitas de diversas cores e amarrando a seus pés moedas, etc.

Os ciganos, dedicando-se exclusivamente ao comércio, abandonam por completo a educação de seus filhos; os mais ricos contentam-se com fazê-los aprender a ler, escrever e contar mais ou menos, deixando-os entregues aos seus caprichos. (...) Somente o filho mais velho tem alguns privilégios; é sempre o ídolo de sua mãe.

A educação das filhas é também muito abandonada, raramente se elevando até a simples leitura. Desde pequenas tocam violão e, sempre à janela, empregam em trabalhos de agulha o tempo exclusivamente necessário a seus adornos; por outro lado, preguiçosas e faceiras, bárbaras para com os escravos, só pensam em agradar aos homens. Se o irmão mais velho seduz a mãe, elas encontram idêntica ternura junto de seus pais, mas são severamente fiscalizadas pela progenitora. As mulheres velhas ajudam os filhos nos trabalhos domésticos.

As mulheres são em geral bem tratadas pelos maridos e se recusam a aliar-se a outra casta, para evitar o desprezo ou o ódio de seus pais. A permissão destes é absolutamente necessária ao casamento dos jovens noivos. O casamento entre parentes faz-se exclusivamente entre colaterais.

Ao sair da igreja os recém-casados se dirigem para a casa da esposa para a benção paterna; após essa sanção religiosa, a recém-casada recebe da parente mais respeitável pela idade e pela riqueza, uma camisa de preço, quase inteiramente recoberta de bordados; logo depois desta última formalidade, a que assistem todos os parentes e amigos, o casal pode afinal gozar em paz o resto do dia. A esposa deita-se vestida com essa camisa nupcial, que lhe é exigida no dia seguinte. Este primeiro troféu do hímen é religiosamente apresentado aos mais próximos parentes, que habitam a casa, e transportado, depois, para a residência dos amigos e conhecidos. Somente no segundo dia realiza-se o banquete de núpcias, seguido dos divertimentos habituais.

As mulheres, entre os ciganos, embora faceiras, são em geral castas, menos por virtude do que por medo da vingança e da reprovação de sua casta. Há entretanto exemplos de filhos adúlteros, recolhidos e sustentados até a maioridade por seus pais. Os celibatários respeitam as mulheres casadas e se divertem com as mulatas e as negras livres.

Logo após o parto, os parentes se apossam do recém-nascido e se revezam perto dele, dia e noite, até o dia do batismo, afim de preservá-lo, dizem, das bruxas ou feiticeiras que se transformam em mariposas ou morcegos e, fazendo-se invisíveis, sugam o sangue da criança pagã. A esses guardas cabe também renovar os ramos de arruda colocados nos cantos do berço e conservar religiosamente os talismãs e amuletos logo suspensos ao pescoço da criança.

O cigano consagra grande parte de sua fortuna a gastronomia e à dança, seus prazeres prediletos. Um belo luar, uma festa religiosa ou de seus numerosos patronos (cada qual tem quatro pelo menos) (...).

As reuniões começam quase sempre ao cair da noite e, graças a temperatura amena do Brasil, os convidados se instalam num pátio interior ou num jardim quando a casa não è bastante espaçosa. Os convivas sentam-se sobre esteiras, em torno de uma toalha sobre a qual se dispõem os pratos; enormes cones de farinha de mandioca são colocados nos cantos, para serem misturados com o molho dos diversos acepipes [designação genérica de qualquer guisado muito apetitoso], numa espécie de bolo comido com os dedos.

Nesse banquete confuso bebe-se à saúde dos santos, do Papa, dos antepassados e dos amigos falecidos. O progresso da bebedeira entre os assistentes aumenta-lhes a ternura e os leva a se recordarem dos favores prestados mutuamente e a se agradecerem uns aos outros com lágrimas nos olhos; a cena teatral sucedem, repentinamente, cantos entrecortados de clamores de alegria, como prelúdio às suas danças lascivas. O canto é monótono e desafinado; preferem o ritmo lento do cântico com coro dos convivas. Ouvido inicialmente com o mais respeitoso silêncio, é logo aplaudido com furor.

A dança é um sapateado à moda inglesa. O dançarino acompanha-se a si próprio, imitando com os dedos as castanholas e os espectadores reforçam o acompanhamento com palmas. A chula e o fandango são as duas danças em que melhor brilham a flexibilidade e a vivacidade do dançarino, o qual termina seus passos com atitudes de mais a mais voluptuosas, entre os aplausos gerais.

Para dissimular as fraudes de seu comércio, que não passa de um tráfico de má fé, criaram eles uma língua (...) especial, cujas expressões derivam do hebraico.

O espírito do lucro está a tal ponto enraizado neles, que aproveitam a beleza de suas filhas, recusando-as aos primeiros que se apresentam, a fim de que o obstáculo, aguçando os desejos, lhes permita casamentos vantajosos.

Vaidosos de sua riqueza, gastam de bom grado importâncias consideráveis com jóias; (...) possuem apenas um mobiliário muito simples, composto em geral de algumas canastras e de uma rede, objetos indispensáveis e de pouco embaraço nas mudanças urgentes.

Por ocasião do falecimento de um cigano, os parentes e amigos têm por hábito visitá-lo em trajes de rigor, para exprimir suas saudades (...); depois do enterro voltam ainda para gemer o resto da noite mas, no dia seguinte, secas as lágrimas, regalam-se tranqüilamente com um magnífico banquete oferecido pelo mais próximo ou mais rico parente do defunto.

APÊNDICE 3

Padrões silábicos do *Calon*

CV.CVVC – [ma'hujs]	CV.CVC – [fo'xō]
CCVC.CVC – [gray'hī]	VC.CV– CV.CV – [l'igu dʒi bu'te]
CVC.CV.CVC – [dāni'mō]	CCVVC – [l'trajs]
CVC.CV.CVC – [dāni'mī]	CCVC.CVVC – [l'praftā]
CCV.CV.VC – [gruvi'ō]	CV.CV – [la'zi]
CCV.CV.VC – [gruvi'ī]	CV.CVC – [du'vix]
CV.CVC – [zu'rī]	CVC.CV.V.CV – [nūsilali]
CV.CVC – [zu'rō]	W.CV.CV – [o'tʃiri]
CV.CVC – [ma'fō]	V.CV.CVC – [apa'lē]
CV.CV.CCV – [ku'lebra]	VC.CVVC – [ū'vajs]
CV.CV.CV – CV.CV – [bi'dʒitʃi du 'buxi]	CVC.CV.CVC – [pādil'nax]
CV.CVC.CVC – [baliy'nō]	CVC.CVC.CV.CVC – [dispādil'nax]
CVC.CVC – [gay'hī]	V.CV.CW.CVC – [arikew'dax]
CCV.CV.CV – [grog'o'ro]	CV.CV.CVC – [mu'ʃu'dax]
CV.CV.CVC – [bali'fō]	CV.CVC.V – [pi'ri' o]
CVC.CVC – [bar'kō]	CVC.CVC – [peɣ'dō]
CV.CV – [l'ari]	CV.CVC – [pi'lō]
CVVC – [l'kajs]	CV.CVC.VC – [pi'rī'ax]
CVV.CV–CV.CV – [pie'tʃi du 'buxi]	CVC – CV.CVC.V – [xō mi'rī'lo]
CV.CVC – [pi'rī]	CVVCC – [l'dū'js]
CV.CV.CV.CVC – [ba'ara'dox]	CV.CV.CVC – [ʃabu'xi]
VC.CV.CWC – [u'tʃi'be'j]	CCV.CV – [l'prali]
CVC.CWV – [fis'kaw]	CV.CV.CV–CCV.CV– [bi'dʒitʃi di 'praki]
VC.CV.CV – [is'tadzi]	CCV.CV – [l'praki]
CV.CV.CV–CV.CV – [bi'dʒitʃi du 'pexe]	CV.CVC– CV.CVC – [belrō balrō]
CCV.CV – [l'kreki]	CV.CV.CVC – [baba'hī]
VC.CV.CV.CVC–CV.CVC– [istʃira'kā bal'ī]	V.CCVC – [a'vrī]
VC.CV.CV.CVC–CV.CV.CVC [istʃira'kā ʃinu'xi]	CV.CV.CVC – [ʃinu'xō]
CV.CV.CV – [sa'puni]	WV.CVC.CVC – [ajstʃiy'dax]
CV.CV.CV – [ɣabiki]	CVC.CV – [tū'ʃa]
CCVC.CVC.CVC – [praftā'nax]	CVC.CV – [l'mēga]
CV.CV – [l'peri]	CCVC.CVVC – [trī'vajs]
V.CVC.CV – [a'ʒeyka]	VCC.CVC – [l'ā'hē]
CVC.CVC.CVVC – [puɣxi'najs]	V.CV – [l'eki]
CV.CV.CV – CVC – [bi'dʒiti da xē]	CW.V – [ɣa'ja]
CVC.CV – [l'puski]	CV.CV.CV – [ʃi'delu pus'tā]

CV.CV.CVC.CV – [xemidī'ja^h]

CV.CVC – [ʃi'nax]

CV.CVC – [pu'rī]

CV.CVC – [ku'xī]

CV.CV – CVC.CV.CV.CV – ['butʃi taxni'fudu]

CV.CV.CVC – [ʃabu'xō]

CVC.V – [dī'o]

CV.CVC – [ʃa'vī]

CW – ['gaw]

VC.CV.CVC – [ī xi'bā]

CCVC.CVC.CV.CVC – [prastā'na'dox]

CCV.CVC.CV – [bri'ʃīdu]

V.CVC.CV – [akax'da]

CVCC.CV.CVC – [kap'sa^h'dox]

APÊNDICE 4

1. [ˈb a t ʃ i] ‘pai’
2. [ˈd a j] ‘mãe’
3. [ˈ t r a j s] ‘meses, medo’
4. [ˈʃ a r i] ‘capim, pasto, grama’
5. [ˈʃ i b i] ‘língua’
6. [ˈʃ o r i] ‘ladrão’
7. [ˈʒ a l a p ā ˈɣ ē i] ‘entrar’
8. [ˈa k i] ‘olho’
9. [ˈb u t ʃ i ʒ i ˈv e j s] ‘anos’
10. [ˈb a b ā n ō] ‘corpo’
11. [ˈb a l i] ‘cabelo, bigode’
12. [ˈb a x i] ‘pedra’
13. [ˈb u t ʃ i ˈd u r i] ‘longe’
14. [ˈb u t ʃ i] ‘muitos’
15. [ˈd r ō] ‘estrada, caminho’
16. [ˈd ā n i] ‘dentes; alhos’
17. [ˈd i l i l ō] ‘louco (a)’
18. [ˈd u j s] ‘companheiro, dois’
19. [ˈg a w b a ˈr ō] ‘cidade’
20. [ˈk r e k i] ‘calça’
21. [ˈk ā ʒ a] ‘ódio, prece’
22. [ˈk ā b r i] ‘calor, quente’
23. [ˈk e r i] ‘casa; de casa’
24. [ˈl a ʒ i] ‘vergonha, honra (honrado)’
25. [ˈl ō] ‘sal’
26. [ˈm o r m u] ‘café’
27. [ˈn ū g a d a ˈk a j] ‘estranho’
28. [ˈp r a ˈt ū ʃ a] ‘para que’
29. [ˈp r a k i] ‘orelha’
30. [ˈp r a l i] ‘irmão’
31. [ˈp e r i] ‘barriga’
32. [ˈp i ɲ a x] ‘beber’
33. [ˈp u s k i] ‘pistola, espingarda’
34. [ˈp u ɣ x i ɲ a j s] ‘tripa’
35. [ˈs e t i] ‘gente’
36. [ˈt r u p i] ‘ombro; corpo; correto’

37. [ʔa mir̄ ʔānu] ‘desmaiar, enjoar’
38. [ʔa saʔdānu] ‘discutir’
39. [ʔo kiʔnī] ‘cansada’
40. [ʔūʔa] ‘tua, contigo, ele (s), você, pra você, O que’
41. [ʔajs] ‘mão, dedo’
42. [xō mir̄ ʔo] ‘viúva’
43. [xō] ‘homem’
44. [ʔi ʔi] ‘nada’
45. [ʔʔbiri] ‘bebida, vinho’
46. [ʔaʔrō] ‘prato’
47. [ʔaʔvī] ‘filha’
48. [ʔiʔnax] ‘picar, cortar, cortado’
49. [ʔiʔnō] ‘cortada’
50. [ʔiruʔxō] ‘novo’
51. [ʔuʔdaʰ] ‘banho, banhar’
52. [ʔuʔdo] ‘banhou’
53. [ʔuʔkō] ‘magro’
54. [ʔuʔxō] ‘amargo’
55. [ʔunīʔada] ‘calada’
56. [ʔunīʔō] ‘educação’
57. [ʔa ʔ ʔ o ʔ t ũ ʔ a] ‘culpado’
58. [ʔa ʔ ʔ o ʔ e ʔ a] ‘culpada’
59. [ʔūgaʔʔi] ‘feio’
60. [ʔūgaʔʔō] ‘feia’
61. [ʔuʔajs] ‘piolho’
62. [ʔa duʔrēgi] ‘esquerda’
63. [ʔa v̄ ʔ o] ‘encontrar’
64. [ʔa xu ʔ i] ‘dela, esta’
65. [ʔaʔzeʔka] ‘maçã’
66. [ʔarikeʔwʔdax] ‘falar’
67. [ʔarikeʰ ʔdo] ‘conversa’
68. [ʔaruʔvīʔnaʰ] ‘chorar’
69. [ʔaruʔvīʔno] ‘chorando, chorou’
70. [ʔajstʔiyʔdax] ‘poder’
71. [ʔaveʔʔem ʔ i] ‘fronteira’
72. [ʔaʔvīʔnaʰ] ‘chegar’
73. [ʔbriʔʔidu] ‘inverno, frio, chuva’
74. [ʔbaʔrō] ‘grande, comprido, adulto, largo’
75. [ʔbarō ʔdeski] ‘mala, chefe’
76. [ʔbaʔaraʔdox] ‘violão’
77. [ʔbabaʔnī] ‘jovens, bonita’

78. [baba'nō] 'beleza, bonito'
 79. [be'rō ba'rō] 'carreta'
 80. [be'rō] 'transporte, caminhão'
 81. [bi'dʒi tʃi di 'aki] 'óculos'
 82. [bi'dʒitʃi dā'xē] 'intestino, fígado'
 83. [bi'dʒitʃi di 'kajs] 'casca, raiz, semente; cruz'
 84. [bi'dʒitʃi du 'buxi] 'coelho, macaco, abelha; verde, montanha'
 85. [bi'dʒitʃi du be'rō] 'sino'
 86. [bi'dʒitʃi du du'vex] 'igreja, nuvem, estrela, lua, céu'
 87. [bi'dʒitʃi di 'praki] 'brincos'
 88. [bi'dʒitʃi di kara'da pi'rī] 'carvão'
 89. [bi'dʒitʃi du 'pexe] 'cinto'
 90. [bi'dʒita di ʃi'da fia'dē ʃs] 'carteira'
 91. [bi'dʒita di ʃi'da^h nu 'agi] 'chaleira'
 92. [bi'dʒita du 'mujs] 'barba'
 93. [bi'dʒita du 'pujs]/[bi'dʒitʃi du 'pujs] 'formiga, esterco'
 94. [bi'dʒiti di pi'ɲax 'mormu] 'bandeja'
 95. [bi'dʒitu du 'buxi] 'caçar'
 96. [bi'dʒitʃi'ɲa di ʃabu'xō] 'boneca'
 97. [bu'ʃi] 'coisa'
 98. [bukā'ɲax] 'trabalho cigano'
 99. [butʃi taxni'fudu] 'valente'
 100. [di kī 'ɲa^h] 'ouvir, aquilo'
 101. [dī'lo] 'dar'
 102. [dī'ɲax]/[dī'ɲa] 'bater, dar'
 103. [driaw] 'rio, córrego'
 104. [da xu ī] 'delas'
 105. [dā'dī'ɲax] 'morder'
 106. [di 'mir īa] 'caixão de defunto'
 107. [dira'ʃi]/[dʒira'ʃi] 'tarde, noite, anoitecer; boa noite'
 108. [diabi'ʃtʃi'ɲa^h] 'cadeia'
 109. [dibu'te] 'depressa, tudo'
 110. [dini'lī pu'roj]/[dini'lō pu'roj] 'carinho, bem'
 111. [dini'lō] 'espírito, mudo, tonto, bobo'
 112. [dispādi'ɲax] 'abrir, fechada'
 113. [du ga'zō] 'de quem'
 114. [dū ʃi 'vajs i 'eki] 'onze'
 115. [fo'xō] 'facão'
 116. [gogo'ro] 'peru'
 117. [gruvi'ō] 'boi'
 118. [gara'da^h] 'esconder'

119. [gara'dō] 'escondido'
 120. [gi'na^h] 'contar'
 121. [gja'dax] 'cantar'
 122. [i'rera/mi'rele di 'trajs] 'medroso (a)'
 123. [is'tadz̃i] 'chapéu'
 124. [is'tudij̃ɛj] 'criada'
 125. [ispi'ra o'tē̃j] 'esperar'
 126. [istʃira'kã i ʃinu'ɣ̃i] 'sapato, sandália'
 127. [istʃira'kã i ba'ɾi] 'bota'
 128. [iələsi'tuki] 'destino'
 129. [kã 'glō]/[klã 'grō] 'pente'
 130. [ka'baydox] 'secar'
 131. [kara'da^h] 'cozinha, cozinhar'
 132. [kap'sa^h 'dox] 'derreter'
 133. [kay'dō] 'preto, negro (a)'
 134. [key'da kō 'vajs] 'escrever'
 135. [key'da u 'bali] 'trança'
 136. [keyda'dejra di bu'ʃ̃i] 'feiticeira'
 137. [ki'rajs] 'queijo'
 138. [ki'nax] 'comprar'
 139. [ki'nō] 'descansar, cansar, cansado'
 140. [kutu'xō] 'devagar'
 141. [la'ʃ̃i] 'boa'
 142. [la'ʃ̃ō] 'bondade, tranqüilo, calma, bom, certo; direita; educado'
 143. [lubi'ɿ] 'prostituta'
 144. [ma'nujs] 'cavalo, animais'
 145. [mala'dax] 'roubar'
 146. [max'dax] 'matar'
 147. [max'do] 'espanto'
 148. [mi'zegi] 'bruto'
 149. [mir̃i 'ānu] 'encher'
 150. [mu'lō] 'morto, eles são'
 151. [muʃu'dax] 'dizer'
 152. [mudr̃i'ɲax] 'urinar'
 153. [n a ʃ a 'l l ō] 'doente'
 154. [n i s k u 'd a x] 'sair'
 155. [na'pã̃j] 'nadar'
 156. [naʃa'do] 'engano'
 157. [nū za'nelu] 'desconhecido'
 158. [nūsi'ali] 'sobre'
 159. [o 'd o v a ʃ a b u 'x ō] 'esses'

201. [ũ 'vajs] 'cinco'
202. [ũga di sa'rõ] 'pergunta'
203. [u'pēgi] 'diabo'
204. [xa'bēgi]/[xa'bē ʔ] 'sopa, comida'
205. [xa'dē ʔs] 'dinheiro'
206. [xaʃ'ax] 'comer, mastigar'
207. [xemid'ɪʎa^h] 'batizado'
208. [ximid'ɪʎa^h] 'casamento'
209. [xõ mā 'nī] 'esmola'
210. [xu'ɪ] 'mulher'
211. [ʎaʃ'a] 'tapar'
212. [l ʃ a d ʒ i k ɪ ā d r i w s] 'acordado'
213. [b i d ʒ i t ʃ i d i ʃ u l d a h p u ʃ l t ā] 'escova'
214. [ɪxi'bā] 'no alto'
215. [m i r ɪ l ʎ a h] 'afogar-se'
216. [m i r ɪ l o] 'afogado, envenenado (a)'
217. [ʔ s a r õ] 'todo(s)'
218. [l ẽ ʔ h ẽ] 'dentro'
219. [l b a t u] / [l b a t h u] 'pais'
220. [l d u r i] 'aonde'
221. [l ɪ ɡ u d i n u s k a] 'nós'
222. [l ɪ ɡ u d i b u t e] 'impossível'
223. [l n a k ɐ] 'não'
224. [l ʃ u n i a h] 'calar'
225. [l a ɡ i] 'fogo'
226. [l b u t ʃ i s i l a] 'força'
227. [l d u r i b u t ʃ i] 'bastante'
228. [l e k i] 'um, algum(a), alguém'
229. [l ɡ a d ʒ i] 'camisa'
230. [l ɡ a w] 'rua; cidade'
231. [l k a ʒ s] / [l k a s t ʃ i] 'árvore, folha, lenha'
232. [l m a ʒ s] 'came'
233. [l m ē ɡ a] 'teu, eu; quem'
234. [l m u ʒ s] 'boca'
235. [l n o s k ɐ] 'nosso'
236. [l n a k i] 'nariz'
237. [l p r a ʃ t ā ʔ] 'maldição'
238. [l p a r a m ɛ ʃ a] 'para mim'
239. [l p a k i] 'banana'
240. [l p u ʒ s] 'terra, pena, areia'
241. [l p u n i] 'pão'

242. [ˈxeri] ‘pessoa’
 243. [ʃaˈvõ] ‘afilhado(a)’
 244. [ʃadʒipĩˈzã] ‘acordei’
 245. [ʃeˈronupuɪs] ‘ajoelhar’
 246. [ʃeˈrojɫs] ‘joelhos’
 247. [ʃiruˈxĩ] ‘aquecer’
 248. [ʃilejˈxĩ]/[ʃinuˈxĩ] ‘pequena’
 249. [ʃaˈvĩ]/[ʃaxˈdĩ] ‘coberta, cobertor’
 250. [ʃaˈvõ] ‘filho’
 251. [ʃabuˈxĩ] ‘menina; aquelas’
 252. [ʃabuˈxõ] ‘menino’
 253. [ʃeˈrõ] ‘cabeça’
 254. [ʃiˈdelu pusˈtã] ‘cobrir’
 255. [ʃinuˈxõ] ‘pequeno, baixo, estreito’
 256. [ʃuˈʃani di ˈmɛʃa] ‘peito’
 257. [ʃuˈlõ] ‘gordo’
 258. [ʃunĩˈo] ‘calado’
 259. [ʒaˈllo] ‘passar’
 260. [ʒalaˈsimãgi] ‘arrumar; arrumado(a)’
 261. [ʒiˈvejs] ‘ano’
 262. [ʒuˈraˈhduˈduˈveɪɪ] ‘domingo’
 263. [ʒũʒiˈnarũ] ‘abaixar’
 264. [ʒũdiˈnaru] ‘guarda’
 265. [ʒanĩˈɲax] ‘saber’
 266. [ʒuˈrĩ] ‘mula’
 267. [ʒuˈrõ] ‘jumento’
 268. [ʒuraˈlõ] ‘duro (a); cru (a)’
 269. [aˈvrĩ] ‘fora’
 270. [aˈriˈpa da ˈmĩna xuˈĩ] ‘cunhada’
 271. [a xuˈĩ du baˈrõ ʃaˈvõ] ‘nora’
 272. [a xuˈĩ ke ludelˈla kuʃˈtʃi/kuʃˈi ˈmɛʃa/ˈmĩ] ‘vizinha’
 273. [aˈlakĩɲeɪ] ‘achar’
 274. [aˈtɛoˈtɛɪ] ‘até lá’
 275. [aˈraˈʃari] ‘padre’
 276. [aˈguˈrã] ‘agora’
 277. [aˈwguˈstõ] ‘anel’
 278. [ãˈgrɛɪ] ‘adiante, em frente’
 279. [ãˈxõ] ‘ovo’
 280. [ãˈnaw] ‘nome’
 281. [aˈkaj] ‘ai’
 282. [akaxˈda] ‘chamar’

283. [apa'lē]/[apa'lē̃] 'atrás'
284. [avī'ŋo] 'chega'
285. [axo]ja 'colher'
286. [a' l u ' d ʒ i ŋ a h] 'acampar'
287. [b u ' ʃ i b a ' r i] 'aniversário'
288. [b u ' t e p u r o] 'avô, avó'
289. [b u t e ' l e g i] 'antes, depois'
290. [bar'kō]/[bar'kō̃] 'cameiro, cabrito'
291. [bali'fō] 'porco'
292. [baliy'nō] 'galo'
293. [bi'dʒitʃi di 'agi]/[bi'dʒita du 'agi] 'cinza, brasa, vela'
294. [bi'dʒitʃi di 'buli] 'rabo'
295. [bi'dʒitʃi di ʃu'da 'mujs] 'pasta'
296. [bi'dʒitʃi di 'praki] 'ouvir'
297. [bi'dʒitʃi du 'vaj] 'unha'
298. [bi'dʒita dispūdʒi'na^h vu'dari] 'chave'
299. [bi'dʒiti di istu^h 'da pā̃] 'balde'
300. [bi'dʒitu du ax] 'avião'
301. [bist'ɪ'ŋax] 'sentar'
302. [d i t r a s a ' l i t a] 'amanhã'
303. [d'ɪ'na'drabe] 'ver a sorte'
304. [d u ' v e] 'adeus'
305. [d u a ' r i g i] 'do lado'
306. [d u d u ' v e l i] 'anjo, assunto'
307. [d u ' v e l i] 'Deus'
308. [dāni'mī] 'cadela'
309. [dāni'mō] 'cachorro'
310. [diki'ŋax] 'ver, olhar, ensinar'
311. [dipī'zā] 'ficar de pé'
312. [dispēdʒi'nō] 'aberto'
313. [divī'ŋax] 'vir'
314. [d u ' x o] 'deles'
315. [du'vix] 'jura'
316. [duveʃu'xō] 'destruir, acabar'
317. [fis'kaw] 'cachimbo, cigarro'
318. [fiska'lax] 'fumar'
319. [g u ' l o] 'açúcar'
320. [gray'nī] 'égua'
321. [gruvi'ī] 'vaca'
322. [ga'ʒi] 'mocinha não-cigana'
323. [ga'ʒō] 'menino não-cigano'

324. [gay'nĩ] 'galinha'
325. [gu'lĩ] 'doce'
326. [i ʃ t u^h d a x] 'abandar, cheirar, encontrar, engolir, escoc'
327. [i ʃ t u^h l d a] 'abraço, beijo, aceitar, apertado'
328. [iʃtari'bē ʃ] 'cama'
329. [istudi'ɲada] 'criado'
330. [k ε ʎ l d a]/[k e ʎ l d a] 'rezar, fazer'
331. [k a l r õ] 'abaixo'
332. [k u r u l p i ʃ i] 'arroz, canja'
333. [k u d u l v e] 'ajudar'
334. [kre'lõ] 'pescoço'
335. [kri'vĩ] 'comadre'
336. [kã'brĩ ʃ] 'sol'
337. [kã'dela] 'azedo'
338. [ka'lõ] 'cigano'
339. [kaʃax'da] 'assado'
340. [kaʃax'dax] 'queimar'
341. [ki 'ũga] 'porque'
342. [kil'ĩ'dax] 'passar, dança, dançar'
343. [ku'kali] 'osso, caneca, copo'
344. [ku'lebra] 'cobra'
345. [ku'xĩ] 'velha'
346. [m a l r õ] 'meu'
347. [m i 's a j a] 'toalha'
348. [m i ʃ l t o r i]/[m i ʃ l t u r i] 'bem, acariciar'
349. [m i ʃ l t o ʃ] 'gostar'
350. [m i s k u l d a^h] 'abrir'
351. [m i s k u l d a] 'aceso'
352. [m u ʃ u l d a] 'avisar'
353. [m u k ĩ l ɲ a^h] 'abandonar, deixar'
354. [m u k ĩ l ɲ o] 'abandonado'
355. [ma'ʃõ] 'peixe'
356. [mē 'ʃa] 'comigo'
357. [mi'ĩ'lax] 'morrer'
358. [mulax'dõ] 'traidor'
359. [n a s a l i l p o^h]/[l t a n a s a l õ] 'adoecer'
360. [n a s t r a l õ] 'cura'
361. [n i s k u l d e m u] 'arrumamos'
362. [n ũ d e l a 'n a k a] 'apertada'
363. [nã 'gõ] 'pelado'
364. [nu 'mujs] 'beijar'

365. [o xõ ke lude^lla kuʃ^ttʃi ^lmɛʃi] ‘vizinho’
366. [o ^ld o v a] ‘aquela, aqueles; este, esta, isto, essa, esse; Q’
367. [o ^lxõ di ^lmɛʃa] ‘esposo cigano’
368. [o^lkoj] ‘ali’
369. [pɛdʒi^lnõ]/[pãdi^lnõ] ‘fechado, amarrada, presa’
370. [p r a s t r i ^lɲ a ^h] ‘curar’
371. [p a g e γ ^ld o] ‘quebrar; machucado (a)’
372. [p ā j t a ^lt ʃ i] ‘água quente’
373. [praʃtã ^lɲax] ‘correr’
374. [paʃuva^li] ‘mosca’
375. [pax^lnõ] ‘branco’
376. [pe^llexki] ‘pele’
377. [p^li^lɲax] ‘beber’
378. [pie^ltʃi du ^lbuxi] ‘erva medicinal’
379. [puʃtã di ka^li] ‘saia cigana’
380. [s e ^lts’ i t a ^lr i] ‘tia’
381. [s i e l a ^lʃ õ] ‘alegria, alegre’
382. [s u v ε ^lr a r i]/[s u v ε ^lr a j ʒ] ‘agulhas’
383. [s u v ε ^ll a ^h] ‘agulha’
384. [s u v i ^lɲ a ^h] ‘acordar, dormir, adormecer, almofada’
385. [s u v i ^lɲ a] ‘agasalho’
386. [s u v i ^lɲ a n u] ‘deitada’
387. [t r a s a ^ll i t ʃ i] ‘ontem’
388. [t r a s p r a x ^ld a] ‘trabalho’
389. [truva^lnĩ] ‘barro’
390. [ta^hsa^lda] ‘briga’
391. [taʒu^lda] ‘deitar’
392. [tasadi^lpē j] ‘guerra’
393. [tox^lnĩ] ‘bacia’
394. [u ri^lpa da ^lmija xu^li] ‘cunhado’
395. [u ʃa^lvõ du ^lmew ʃabu^lxõ] ‘neto’
396. [u ʒ a x ^ld a] ‘esperar’
397. [ũ kũ^lpatʃi da ma^lrĩ xu^li] ‘sogro’
398. [ũ xu^li ke ka^lmela mistoj] ‘amiga’
399. [úga ^ldaj da ma^lrĩ xu^li] ‘sogra’
400. [úga ^lxõ ke ka^lmela mistoj] ‘amigo’
401. [u^lra t̃s]/[u^lrats^l i] ‘tio, sangue, vermelho’
402. [uʃtʃi^lbē j] ‘vestido’
403. [vu^ldari] ‘porta’
404. [x a ^lb i k i]/[γ a ^lb i k i] ‘verdade’
405. [x i ^lb ā] ‘acima’

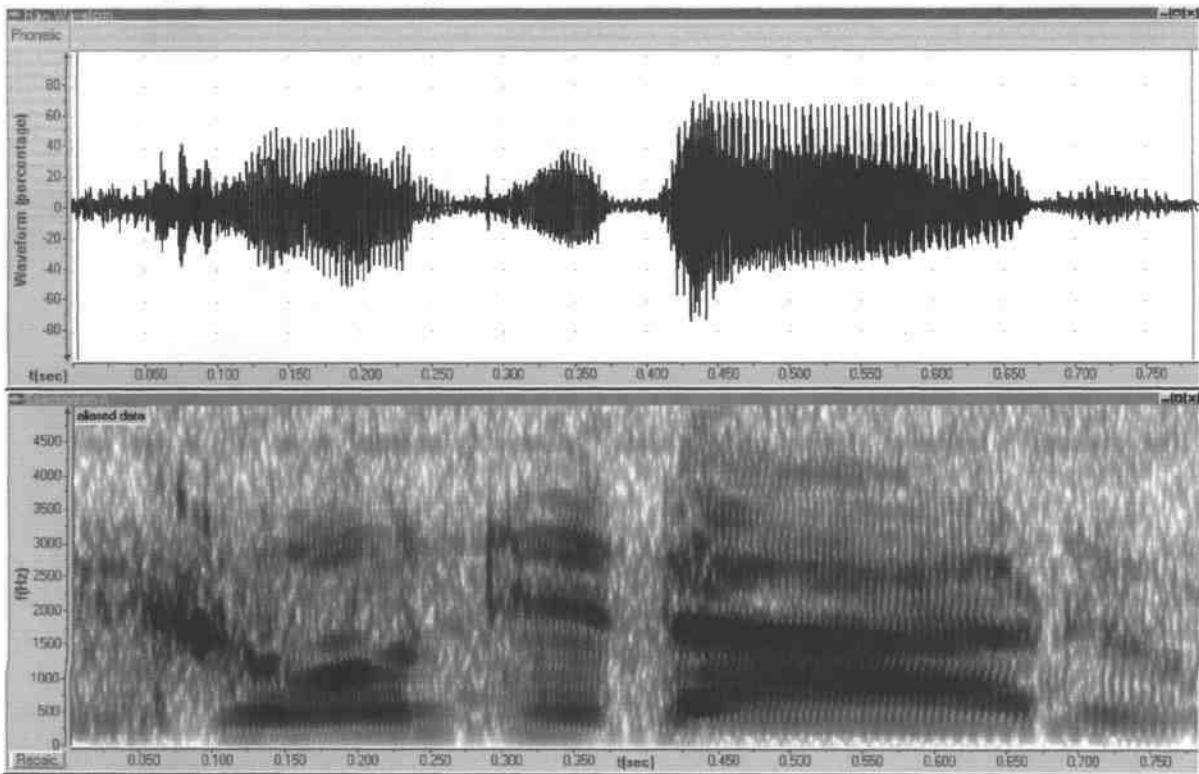
406. [xu̯ɪ du ka'lõ] 'esposa cigana'

31. [ˈdela oˈdova ǎˈdzire pru ˈxõ]
 32. [u ˈxõ ˈta xaʝˈãdu]
 33. [ˈelis diˈkĩˈno]
 34. [ˈtraga u biˈdzitu ˈpra mĩ xaʝˈa]
 35. [u ˈxõ ki buˈkãˈno i ǎnĩˈno]
 36. [oˈdova ˈʃemi ˈlũga diˈbuˈte]
 37. [o ˈxõ kaˈmela xuˈĩ]
 38. [o biˈdzitʃi du ʃabuˈxõ paˈgeʝˈdoʰ]
 39. [o aˈve ʃinaʝˈdo o kajs kõ o foˈxõ]
 40. [o kajs paˈgeʝˈdoʰ]
 41. [o driaw nũ siˈala pãˈj]
 42. [o xõ ximiˈdiayˈdo kõ a xuˈĩ]
 43. [o briˈʃĩˈdu siˈala diˈbuˈte]
 44. [siˈala buˈtʃi diˈraˈʃĩ]
 45. [a ʃabuˈxĩ da miˈna riˈpa miˈĩˈo nu driaw]
 46. [ˈkex xaʝˈa]
31. Entregue esta carta ao seu professor.
 32. Alguém está comendo o pão deles.
 33. Eles me viram.
 34. Traga-nos o bolo.
 35. Quem trouxe esse rádio para vocês?
 36. Aquele lugar é perigoso.
 37. O rapaz gosta da moça.
 38. O brinquedo está quebrado.
 39. O tio cortou a árvore com o facão.
 40. O galho da árvore quebrou.
 41. O rio está secando.
 42. Os vizinhos casaram-se.
 43. Não pára de chover.
 44. O vale é muito escuro.
 45. A menina, filha de minha irmã, morreu no lago.
 46. Quer comer?

APÊNDICE 6

Espectograma do som [ʃ], original do Romani

j . ũ . j . i . n . a . r . ũ



APÊNDICE 7

Espectograma do som [ts], original do Romani

